

Samanta Romanin Zuchetto



Relacionamentos amorosos: controle de aquiescência e relações
com personalidade e satisfação conjugal

Campinas

2022

Samanta Romanin Zuchetto

Relacionamentos amorosos: controle de aquiescência e relações
com personalidade e satisfação conjugal

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia da Universidade São Francisco, para obtenção do título de Doutora em Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. Nelson Hauck Filho

Campinas

2022

155.34 Zuchetto, Samanta Romanin
Z86r Relacionamentos amorosos: controle de aquiescência e
relações com personalidade e satisfação conjugal / Samanta
Romanin Zuchetto. -- Campinas, 2022.
139 p.

Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação
Stricto Sensu em Psicologia da Universidade São Francisco.
Orientação de: Nelson Hauck Filho.

1. Amor - Aspectos psicológicos. 2. Relações humanas.
3. Avaliação psicológica. 4. Psicometria. I. Hauck Filho, Nelson.
II. Título.

UNIVERSIDADE SÃO FRANCISCO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU *EM PSICOLOGIA*
DOUTORADO



Educando
para a paz

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM PSICOLOGIA

Samanta Romanin Zuchetto defendeu a tese "RELACIONAMENTOS AMOROSOS: CONTROLE DE AGUIESCÊNCIA E RELAÇÕES COM PERSONALIDADE E SATISFAÇÃO CONJUGAL" Aprovada pelo Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Psicologia da Universidade São Francisco em 22 de junho de 2022 pela Banca Examinadora constituída por:

Prof. Dr. Nelson Hauck Filho
Orientador e Presidente

Prof. Dr. José Mauricio Haas Bueno
Examinador

Prof. Dr. Josemberg Moura de Andrade
Examinador

Prof. Dr. Lucas de Francisco Carvalho
Examinador

Prof. Dr. Evandro Morais Peixoto
Examinador

Prof. Dr. Felipe Valentini
Examinador

Agradecimentos

No momento em que escrevo esse texto preciso agradecer a mim (ainda que cause algum estranhamento ao leitor) por ter encarado esse desafio até o final. Em quatro anos muitas versões minhas já viveram, a Samanta que escolheu seguir com algumas ideias para um projeto de doutorado, depois de defender a dissertação de mestrado, agora, após tantas crises políticas, ambientais, sanitárias e pessoais, com toda certeza é uma Samanta muito diferente daquela que chega ao final desse trabalho. E também, com toda certeza, esse momento só foi possível porque nunca me senti sozinha, então deixo aqui registrado a minha mais honesta gratidão a todos os envolvidos!

Agradeço imensamente aos meus pais, Irma e Edvaldo, por continuarem sempre a me incentivar a estudar e por terem me ensinado a correr atrás dos meus sonhos, independente das dificuldades.

Agradeço ao meu noivo, Caio, que nunca me deixou duvidar da minha própria capacidade e seguiu me incentivando a concluir essa etapa em momentos que eu não conseguia mais fazer isso por mim, que apoiou cada decisão tomada até aqui e me aturou sem reclamar mesmo quando nem eu me aguentava mais. Por todo apoio que veio da minha família de escolha, Carmem, Xu, Lu, Rafael, Pri, Cleiton e Gabriel e minha sobrinha que no momento da defesa já terá nascido e já é tão importante!

Ao professor Dr. Nelson Hauck Filho que me acolheu para orientar nesse período, sempre muito solícito, que com paciência me explicou cada dúvida que surgiu desde o final da minha graduação, quando nos conhecemos e abraçou comigo os estudos sobre os relacionamentos amorosos. A todos os professores do PPG e aos convidados da banca de qualificação e defesa que auxiliaram em cada etapa do meu percurso acadêmico.

As amigas que tive o prazer de construir com os colegas do PPG, que tornaram cada dia mais leve, com muitos conhecimentos compartilhados, muito apoio e muita saudade dos momentos presenciais durante a pandemia. Especialmente aos meus irmãos

acadêmicos Ariela e Bruno, que sempre me acolheram e me ajudaram a compreender tantas análises mirabolantes, a divulgar as coletas de dados e tudo mais que fosse preciso. Também toda minha gratidão as princesas e aos príncipes do Lab 2: Gabriela, Felipe, Ana Celi, João Lucas, Catarina, Ana Deyvis e Mayara, que somaram tanto a essa trajetória, não apenas no meio acadêmico, mas pessoalmente na minha vida. E aos amigos que iniciaram comigo esse processo da pós-graduação desde o mestrado: Fer, Paulinha, André e Leilane, obrigada por todas as trocas.

Às minhas amigas já de longa data, Marianas, um presente que a graduação em Psicologia me deu, que estão sempre prontas para acolher em momentos de alegria e de crises. Fabiana e Fernanda, que não importa o tempo e a distância, continuam sempre comigo, amadurecendo e lidando com as dificuldades da vida adulta.

À Universidade São Francisco pela bolsa concedida que possibilitou a continuidade dos meus estudos, que tem sido parte da minha história desde a graduação e para que fosse possível finalizar essa etapa.

As queridas pessoas que escolheram e escolhem compartilhar comigo suas histórias de vida nos processos de psicoterapia, que me motivam a continuar estudando e me aprimorando a cada dia e buscando integrar a prática, a teoria e a pesquisa dentro da Psicologia para alcançar e contribuir com uma ciência que seja cada vez mais coerente, robusta e atualizada.

Aos participantes desse estudo que tiveram a paciência de responder tantos itens!

A todos que de alguma forma fizeram esse momento possível, gratidão!

All you need is love

– The Beatles

Resumo

Zuchetto, S. R. (2022). *Relacionamentos amorosos: controle de aquiescência e relações com personalidade e satisfação conjugal*. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Psicologia. Universidade São Francisco, Campinas.

Os relacionamentos amorosos impactam de modo amplo a vida das pessoas, seja positiva ou negativamente e a identificação de características que se sobressaem podem contribuir na compreensão do funcionamento do sujeito. Para avaliação das atitudes frente aos relacionamentos amorosos a Teoria das Cores do Amor tem recebido atenção dos pesquisadores, principalmente por contemplar aspectos que outros modelos teóricos não incluem. A Escala de Atitudes do Amor (EAA) é o instrumento que propõe avaliar um perfil amoroso a partir deste referencial teórico. Os fatores da EAA representam os estilos de amor e dividem-se em Eros, Ludus, Storge, Pragma, Mania e Ágape. Cada pessoa possui uma combinação de diferentes níveis em cada estilo, formando seu perfil amoroso. Outras variáveis são relevantes no estudo dos relacionamentos e estão inclusas neste trabalho, como o ciúme romântico e a satisfação conjugal. Além disso, traços psicopatológicos da personalidade podem exercer algum efeito sobre as relações, principalmente traços de psicopatia e da personalidade borderline, que envolvem instabilidade e prejuízos nas relações interpessoais. Diante do exposto, este trabalho foi organizado em três estudos. No estudo 1 participaram 743 indivíduos, sendo que o objetivo foi testar a plausibilidade da estrutura de seis fatores da Escala Balanceada de Estilos de Amor (EBEA), além de estimar a precisão das subescalas e comparar diferentes modelos fatoriais com e sem controle da aquiescência do instrumento. Os resultados acrescentaram evidências de validade a EBEA, com a reprodução da estrutura fatorial de maneira análoga aos estudos que tem avaliado os estilos de amor e de modo inédito controlando a aquiescência em uma amostra brasileira. Em relação ao estilo de amor Ludus, observou-se que os problemas anteriormente sinalizados podem ter sido solucionados. No estudo 2 participaram 481 sujeitos, o objetivo foi comparar diferentes modelos fatoriais com e sem controle da aquiescência da Escala *Levenson* de Psicopatia, visto que estudos anteriores apresentaram alguns resultados divergentes no que se refere a estrutura fatorial. Como o instrumento seria utilizado no estudo seguinte, observou-se a necessidade de aprimorá-lo. Os resultados que indicaram que o controle da aquiescência possibilita refinar análises de estrutura interna, uma vez que um importante erro sistemático é controlado. E por fim, no estudo 3 participaram 743 indivíduos, o objetivo foi investigar a dimensionalidade de aspectos saudáveis e patológicos da personalidade e do estilo pessoal de se relacionar romanticamente. Além disso, investigar o quanto os fatores de aspectos saudáveis e patológicos da personalidade e do estilo pessoal de se relacionar romanticamente explicam a satisfação conjugal e as correlações entre as variáveis estudadas. Os resultados, apresentaram um modelo promissor para a predição da satisfação conjugal. Compreender o quanto alguns estilos de amor e comportamentos frente as relações amorosas são próximos a alguns traços patológicos da personalidade e agrupar essas características pode contribuir para uma avaliação mais adequada do funcionamento das pessoas diante de suas relações amorosas. Em geral foi possível aprimorar os estudos dos estilos de amor e refinar um instrumento para que este esteja mais apto e encontrar relações com outras variáveis, uma vez que alguns aspectos podiam não estar sendo captados devido a aquiescência.

Palavras-chave: Estilos de amor, Viés de resposta, Traços psicopatológicos.

Abstract

Zuchetto, S. R. (2022). *Romantic relationships: control of acquiescence and relationships with personality and marital satisfaction*. Doctoral thesis, Stricto Sensu Graduate Program in Psychology, University São Francisco, Campinas.

Love relationships have a broad impact on people's lives, either positively or negatively, and the identification of outstanding characteristics can contribute to understanding people's functioning. To assess attitudes towards love relationships, the Theory of Colors of Love has received attention from researchers, mainly because it contemplates aspects that other theoretical models do not include. The Love Attitudes Scale (LAS) is the test that proposes to evaluate a love profile from this theoretical framework. The scale factors represent the love styles and are divided into Eros, Ludus, Storge, Pragma, Mania and Agape. Each person has a combination of different levels in each style, resulting in their loving profile. Other variables are relevant in the study of relationships and are included in this project, such as romantic jealousy and marital satisfaction. In addition, psychopathological personality traits can have an effect on relationships, especially psychopathic and borderline personality traits, which involve instability and impairment in interpersonal relationships. Given the above, this work was organized into three studies. In study 1, 743 individuals participated, and the objective was to test the plausibility of the six-factor structure of the Balanced Love Styles Scale (BLSS), in addition to estimating the precision of the subscales and comparing different factor models with and without control for the acquiescence of the instrument. The results added evidence of validity to BLSS, with the reproduction of the factor structure in a similar way to studies that have evaluated love styles and in an unprecedented way controlling acquiescence in a Brazilian sample. Regarding the Ludus love style, it was observed that the problems previously indicated may have been solved. In study 2, 481 subjects participated, the objective was to compare different factor models with and without control for the compliance of the Levenson Self-Report Psychopathy Scale, since previous studies showed some divergent results regarding the factor structure. As the instrument would be used in the following study, there was a need to improve it. The results that indicated that the control of acquiescence makes it possible to refine analyzes of internal structure, since an important systematic error is controlled. Finally, in study 3, 743 individuals participated, the objective was to investigate the dimensionality of healthy and pathological aspects of personality and personal style of romantic relationships. In addition, to investigate how factors of healthy and pathological aspects of personality and personal style of romantic relationships explain marital satisfaction and the correlations between the variables studied. The results presented a promising model for the prediction of marital satisfaction. Understanding how some styles of love and behaviors towards romantic relationships are close to some pathological personality traits and grouping these characteristics can contribute to a more adequate assessment of the functioning of people in their love relationships. In general, it was possible to improve the studies of love styles and refine an instrument so that it is more apt and find relationships with other variables, since some aspects could not be captured due to acquiescence.

Keywords: Love styles, Response bias, Psychopathological traits.

Resumen

Zuchetto, S. R. (2022). *Relaciones amorosas: control de la aquiescencia y relaciones con la personalidad y satisfacción marital*. Tesis doctoral, Programa de Posgrado en Psicología Stricto Sensu, Universidad São Francisco, Campinas.

Las relaciones amorosas tienen un gran impacto en la vida de las personas, ya sea positiva o negativamente, y la identificación de características sobresalientes puede contribuir a comprender el funcionamiento de las personas. Para evaluar las actitudes hacia las relaciones amorosas, la Teoría de los colores del amor ha recibido atención de los investigadores, principalmente porque contempla aspectos que otros modelos teóricos no incluyen. La Escala de Actitudes sobre el Amor (EAA) es el instrumento que propone evaluar un perfil amoroso a partir de este marco teórico. Los factores EAA representan los estilos de amor y se dividen en Eros, Ludus, Storge, Pragma, Manía y Ágape. Cada persona tiene una combinación de diferentes niveles en cada estilo, formando su perfil amoroso. Otras variables son relevantes en el estudio de las relaciones y se incluyen en este proyecto, como los celos románticos y la satisfacción marital. Además, los rasgos de personalidad psicopatológicos pueden tener algún efecto en las relaciones, especialmente los rasgos de personalidad psicopáticos y limítrofes, que implican inestabilidad y deterioro en las relaciones interpersonales. Dado lo anterior, este trabajo se organizó en tres estudios. En el estudio 1 participaron 743 individuos, y el objetivo fue probar la plausibilidad de la estructura de seis factores de la Escala Balanceada de Estilos de Amor (EBEA), además de estimar la precisión de las subescalas y comparar diferentes modelos factoriales con y sin control por la aquiescencia del instrumento. Los resultados agregaron evidencias de validez a la EBEA, con la reproducción de la estructura factorial de manera similar a estudios que evaluaron estilos amorosos y controlando de forma inédita la aquiescencia en una muestra brasileña. En cuanto al estilo de amor Ludus, se observó que los problemas señalados anteriormente pueden haber sido solucionados. En el estudio 2 participaron 481 sujetos, el objetivo fue comparar diferentes modelos factoriales con y sin control para el cumplimiento de la Escala *Levenson* de Psicopatía, ya que estudios previos mostraron algunos resultados divergentes en cuanto a la estructura factorial. Como el instrumento se utilizaría en el siguiente estudio, era necesario mejorarlo. Los resultados que indicaron que el control de aquiescencia permite afinar los análisis de estructura interna, ya que se controla un importante error sistemático. Finalmente, en el estudio 3 participaron 743 individuos, el objetivo fue investigar la dimensionalidad de los aspectos sanos y patológicos de la personalidad y el estilo personal de las relaciones románticas. Además, investigar cómo los factores de los aspectos saludables y patológicos de la personalidad y el estilo personal de las relaciones románticas explican la satisfacción conyugal y las correlaciones entre las variables estudiadas. Los resultados presentaron un modelo prometedor para la predicción de la satisfacción conyugal. Comprender cómo algunos estilos de amor y conductas hacia las relaciones amorosas se aproximan a algunos rasgos patológicos de personalidad y agrupar estas características puede contribuir a una valoración más adecuada del funcionamiento de las personas en sus relaciones amorosas. En general, se logró mejorar los estudios de estilos amorosos y afinar un instrumento para que sea más apto y encontrar relaciones con otras variables, ya que algunos aspectos no pudieron ser captados por aquiescencia.

Palabras clave: Actitudes hacia el amor, Sesgo de respuesta, Personalidad.

Sumário

Apresentação	12
Introdução	15
Os estilos de amor e sua avaliação	16
Relacionamentos amorosos, ciúme romântico e a satisfação conjugal.....	25
Relacionamentos amorosos e traços psicopatológicos da personalidade	31
Psicopatia	31
Personalidade Borderline	35
Escala Balanceada de Estilos de Amor: evidências de validade e controle de aquiescência (Artigo 1).....	42
Estudo de controle de aquiescência da Escala <i>Levenson</i> de Psicopatia (Artigo 2)	67
A dimensionalidade de aspectos saudáveis e patológicos da personalidade e dos estilos de amor (Artigo 3)	82
Considerações finais	106
Referências	109
Anexos	123

Apresentação

É possível medir o amor? Essa é uma pergunta que se espalhou por diferentes áreas, Psicologia, Filosofia, Artes, História, Biologia, Neurociência, pelo senso comum e talvez grande parte das pessoas já tenha refletido alguma vez na vida sobre o que é o amor. Existe uma única definição? Todo mundo o experimenta da mesma forma? E tantas questões que nos enchem de dúvida e curiosidade.

O professor Leonardo Buscaglia, um escritor reconhecido por falar sobre o amor afirmou que “definir o amor seria limitá-lo”. Já o psicólogo Lee J. Cronbach afirmou que “Se uma coisa existe, ela existe em certa quantidade. Se uma coisa existe em certa quantidade, ela pode ser medida”. A partir da segunda frase poderíamos entender que o amor de fato existe, se você já sentiu sinceramente amor por alguém (e ainda não estamos focando em relações românticas aqui), pode ser difícil que alguém te convença do contrário.

Ainda assim o tema é amplo demais e precisamos especificar até onde exatamente teremos condições de ir, interpretando a luz de alguma teoria, de alguma área do conhecimento científico. É preciso dizer que esse trabalho passa longe de ter a pretensão de definir o amor, se quer tentamos quantificar o amor enquanto um sentimento. A tentativa aqui é dar sequência aos estudos empíricos na área da Avaliação Psicológica investigando atitudes que as pessoas podem ter frente aos seus relacionamentos amorosos e pensar quanto e como isso está relacionado a sentir-se satisfeito com a relação. Ou ainda, como certas características da nossa personalidade impactam nosso relacionamento romântico?

Desde que descobri, um pouco antes do início do mestrado, que essa poderia ser uma possibilidade de pesquisa a curiosidade se instalou e permaneceu. São tantos possíveis problemas de pesquisa, dúvidas, interpretações, relação com uma infinidade de

variáveis, que fazer um recorte é uma tarefa complexa. Após a dissertação, que possibilitou entender um pouco melhor como a empatia pode mediar as relações entre os estilos de amor e traços psicopatológicos, uma nova questão surgiu, com outras variáveis a serem consideradas e novas reflexões.

Assim, este trabalho teve como objetivo investigar a dimensionalidade de aspectos saudáveis e patológicos da personalidade e do estilo pessoal de se relacionar romanticamente. Além disso, investigar o quanto os fatores de aspectos saudáveis e patológicos da personalidade e do estilo pessoal de se relacionar romanticamente explicam a satisfação conjugal e as correlações entre as variáveis estudadas. Para tanto, foram utilizados instrumentos psicológicos de autorrelato, sendo que cada um deles está em um momento diferente em relação aos estudos de evidências de validade. Foi identificado um aspecto importante no instrumento que avalia os estilos de amor (em relação a adequação psicométrica, que será exposta ao longo do trabalho) e, assim, proposto que esta pesquisa inicie com um estudo de controle de aquiescência. A aquiescência é um viés de resposta que pode interferir na adequação psicométrica dos instrumentos de autorrelato e na capacidade dos itens medirem aquilo que se propõem, dada tendência em concordar com o item independente do seu conteúdo.

Verificar que o modelo teórico da Teoria das Cores do Amor é congruente com a estrutura fatorial do instrumento que pretende avaliar os estilos de amor possibilita que essa ferramenta de fato auxilie para uma avaliação adequada do perfil amoroso que as pessoas apresentam. De modo geral, a forma como as pessoas se relacionam romanticamente com seus parceiros impacta sua satisfação com a vida como um todo, nesse projeto espera-se mesurar isso, especificamente por meio da avaliação da satisfação conjugal, analisando quais variáveis apresentam um impacto maior nesse sentido, seja positiva ou negativamente.

Adicionalmente, o estudo 2 teve por objetivo continuar as pesquisas sobre aquiescência, porém com outro instrumento utilizado nesse trabalho, a Escala *Levenson* de Psicopatia (*Levenson Self-Report Psychopathy – LSRP*), e neste caso comparando diferentes modelos fatoriais com e sem controle da aquiescência da escala.

Na sequência, o estudo 3 investigou a dimensionalidade de aspectos saudáveis (satisfação conjugal) e patológicos da personalidade (personalidade borderline e psicopatia) e do estilo pessoal de se relacionar romanticamente. Também investigou o quanto os fatores de aspectos saudáveis e patológicos da personalidade e do estilo pessoal de se relacionar romanticamente explicam a satisfação conjugal e as correlações entre as variáveis estudadas. Foram selecionados esses traços específicos de personalidade considerando que indivíduos com essas características tendem a apresentar mais problemas e prejuízos nos relacionamentos interpessoais.

Além dos aspectos científicos que indicam como necessária a continuidade dos estudos, principalmente sobre os estilos de amor, que há muito tempo despertam o interesse dos pesquisadores e de grande parte do senso comum ou de pessoas leigas no assunto, existem motivações sociais e pessoais para investigar o assunto. Na prática da psicologia clínica, por exemplo, observa-se que as dificuldades com os relacionamentos interpessoais acabam sempre aparecendo, ainda que tenhamos questões individuais e internas, o ser humano é sociável e, inevitavelmente, a relação com o outro tem impacto em sua vida. As questões amorosas frequentemente aparecem, das mais diversas formas, alguns exemplos recorrentes são os relacionamentos abusivos e dependência afetiva. Ao oferecer uma avaliação adequada e promover o autoconhecimento sobre o próprio padrão de pensamentos e comportamentos frente ao amor, torna-se possível pensar que esse padrão foi construído ao longa da vida, mas pode ser transformado em algo mais saudável e positivo para as pessoas.

Introdução

Estudar as relações humanas tem sido um dos amplos objetivos da Psicologia, mais especificamente, o comportamento humano frente aos relacionamentos amorosos ocupa o foco de atenção de estudiosos ao longo dos anos. O presente trabalho pretende contribuir principalmente em dois aspectos: somar evidências de validade e adequação psicométrica para dois instrumentos que tem sido utilizados na área e compreender os efeitos que traços psicopatológicos da personalidade podem ter nas relações amorosas e, conseqüentemente, na satisfação conjugal. Ao longo do trabalho foram detalhadas as lacunas ainda presentes em pesquisas anteriores, sendo que algumas delas puderam ser trabalhadas a partir dos resultados da presente pesquisa.

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2017 o número total de casamentos caiu 2,3%, comparado a 2016 e houve aumento da taxa de divórcio para 2,48%. Em 2019 (IBGE) foram apurados 383.286 divórcios, representando uma redução de 5% em relação ao ano de 2018, no qual, foram apurados 385.246 divórcios. Porém, apesar dos índices de divórcios terem diminuído em 2019, o Colégio Notarial do Brasil – Conselho Federal (CNB/CF) (2020) divulgou dados informando que o número de divórcios realizados, pelo cartório do país, durante a pandemia, registrou um aumento de 18,7% entre os meses de maio e junho. No segundo semestre de 2020, o CNB/CF realizou um levantamento que contabilizou um número de divórcios 15% maior, comparado a mesma época no ano anterior. Investigar as variáveis que impactam na satisfação conjugal pode auxiliar a compreender essas mudanças no contexto brasileiro e quais são as características que se sobressaem em pessoas com diferentes níveis de satisfação em seu relacionamento.

Os estilos de amor e sua avaliação

Existem algumas concepções de amor na literatura científica conforme indicado por estudos de meta-análise (Graham, 2011; Masuda, 2003). Segundo uma revisão integrativa das publicações científicas sobre a temática no Brasil, realizada por Hernandez et al. (2014), é possível citar modelos teóricos como o gostar e amar de Zick Rubin e o amor apaixonado e altruísta de Elen Hatfield, porém com poucos estudos empíricos, mas que ainda assim contribuíram para o amor passasse a ser compreendido cada vez mais como um conjunto de características que envolvem comportamentos de amizade, paixão e cuidado (Davis, 1985).

As classificações mais contemporâneas e que tem sido base para o desenvolvimento de instrumentos psicométricos foram desenvolvidas pelo sociólogo Lee em 1973 e pelo psicólogo Sternberg em 1986 (Hernandez et al., 2014; Lewis, 1960; Regan, 2002). A saber, a teoria triangular do amor, proposta por Sternberg (1986), definiu o amor por meio de três elementos básicos, formando os vértices de um triângulo: a intimidade, a paixão e a decisão/compromisso. A intimidade está ligada a sentimentos de proximidade, bondade e conexão nos relacionamentos amorosos. A paixão é um fator relacionado à motivação e fundamenta-se também em questões que envolvem a atração física e romântica, o ato sexual e outros fenômenos associados. A decisão/compromisso refere-se aos aspectos cognitivos, representando tanto a decisão em curto prazo de que uma pessoa ama a outra, quanto o compromisso em longo prazo de manter esse amor (Regan, 2002). Essa teoria também indicava conjuntos de características, que no geral, estavam presentes em grande parte das relações românticas, porém em diferentes intensidades.

No presente trabalho optou-se por dar luz a Teoria das Cores do Amor elaborada por Lee em 1973. Esse recorte foi feito a partir de duas motivações principais, primeiro

por ainda existirem poucas pesquisas brasileiras na área, conforme Hernandez et al. (2014) concluem em estudo de revisão nacional, e segundo pelas meta-análises também indicarem que essa teoria contempla alguns aspectos (dos estilos Ludus e Mania principalmente, que estarão descritos na sequência) que não estão em outras teorias, como na Teoria Triangular do Amor (Graham, 2011; Masuda, 2003). Níveis mais elevados de Ludus e Mania costumam estar mais associados a prejuízos nas relações e aos traços psicopatológicos, portanto seria pertinente considerá-los dados os objetivos dessa pesquisa.

A Teoria das Cores do Amor representa um dos modelos mais difundidos em pesquisas sobre o tema e remete à classificação conhecida como “*The Colors of Love*” (As cores do amor) (Graham, 2011; Lee, 1977). Lee estabeleceu, por meio de uma metáfora, que existiriam três cores (ou estilos) primárias de amor: Eros, Ludus e Storge. O primeiro dos três estilos primários, Eros, é compreendido como uma intensa experiência emocional, em que há uma imediata atração em relação à pessoa amada e uma propensão a se apaixonar por um estranho, podendo ser comparado ao que popularmente chama-se de “amor à primeira vista”. Rapidamente alguém com essas características acentuadas tem pensamentos agradáveis sobre a outra pessoa, pode sentir uma intensa necessidade de contato diário com a pessoa amada, e deseja que o relacionamento permaneça exclusivo. Há também um forte componente sexual, por exemplo, a pessoa quer sentir-se amada sexualmente, geralmente procura alguma forma de envolvimento sexual bastante cedo no relacionamento, e gosta de expressar seu afeto por meio de contato sexual (Graham, 2011; Lee, 1977; Regan, 2002).

O segundo, Ludus, consiste em uma tendência a enxergar as relações como um jogo em que diversos parceiros podem participar ao mesmo tempo, sem intenção de se envolver ou incluir o outro em um plano de vida. Pessoas com essas características

acentuadas não costumam ter preocupações ou interesse sobre aumentar seu envolvimento com o outro, não há muita necessidade ou intensidade no apego com o parceiro. A pessoa pode evitar o parceiro com grande frequência e compreender que mentiras são justificáveis. Além disso, tendem a preferir uma grande variedade de tipos físicos e as relações sexuais são compreendidas como uma oportunidade ou prazer imediato, em vez de uma intensa ligação emocional como caracterizada em Eros (Graham, 2011; Lee, 1977; Regan, 2002).

O terceiro, nomeado Storge, é caracterizado pela estabilidade, confiança, respeito e amizade, sem muito interesse no aspecto sexual (Berti et al., 2011; Graham, 2011; Lee, 1977; Regan, 2002). Indivíduos com níveis elevados dessas características tendem a tratar o parceiro com um “velho amigo”, experimentam muito pouco emoções intensas ou atração física pelo outro, prefere conversar e envolver-se em interesses compartilhados com seu companheiro ou companheira, ao invés de expressar sentimentos diretos. Também costuma ser tímido no que se refere a questões sexuais, tendendo a demonstrar seu afeto de outras maneiras. Para essas pessoas o amor é uma extensão da amizade e uma parte importante da vida, mas a paixão não é uma parte tão valorizada.

Lee se valeu da metáfora das cores para propor que os estilos primários, tal como as cores primárias, dariam origem a estilos secundários de amor (Figura 1). De acordo com Lee (1977), seriam três esses estilos secundários: Pragma, Mania e Ágape. O estilo Pragma é formado pela combinação de Storge e Ludus, representando a visão prática do amor e a procura por um parceiro que seja mais compatível com requisitos pré-determinados. Indivíduos mais pragmáticos costumam ter uma lista de características e qualidades que desejam que seu parceiro tenha e assim seleciona a pessoa a partir de quão bem ela atende aos requisitos. Regan (2002) descreveu que esse estilo basicamente é uma versão rápida de Storge, que justamente é acelerada pela adição de aspectos de Ludus. É

preciso destacar que essas combinações entre os estilos primários e secundários, apesar de conceituadas teoricamente, ainda receberam pouca atenção dos pesquisadores, muitas vezes não sendo foco de estudos empíricos.

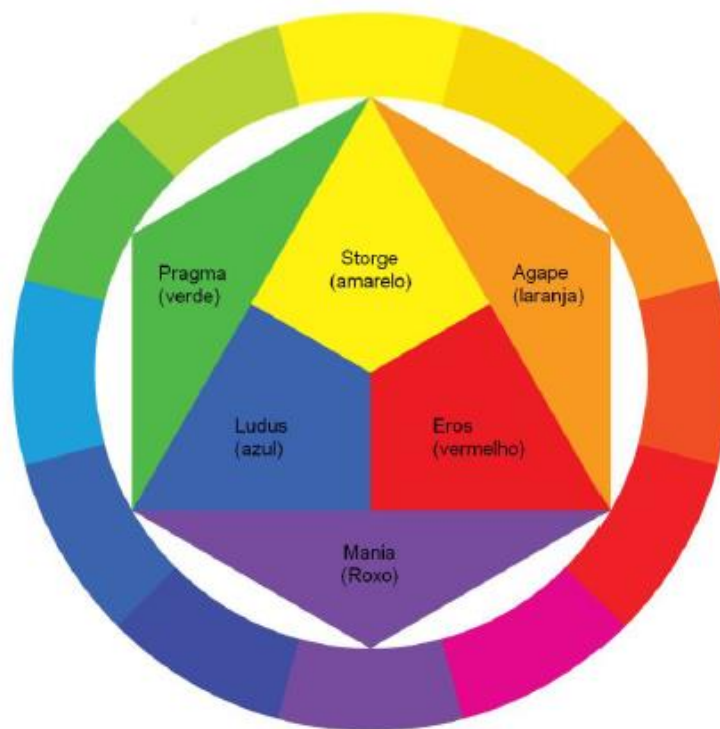


Figura 1. As cores do amor (Cassepp-Borges, 2010).

O estilo Mania combina a ausência ou o baixo autocontrole emocional ligado ao Ludus e da autoconfiança associada ao Eros, sendo caracterizado por um amor ciumento, obsessivo e possessivo, com sentimentos de autodestruição. Pessoas com essas características podem realizar tentativas desesperadas de forçar a afeição do outro, mas ao mesmo tempo podem ser incapazes de acreditar ou confiar em qualquer demonstração de afeto que o outro faça. São pessoas que sentem uma urgência em se apaixonar e ser amado, precocemente e de modo exagerado imaginam um futuro com o parceiro, querem vê-lo diariamente, tentam forçar a outra pessoa a mostrar seu amor e compromisso. São pessoas muito desconfiadas da sinceridade do parceiro ou parceira, sendo muitas vezes irracionais e se sentindo infelizes (Graham, 2011; Lee, 1977; Regan, 2002).

O último estilo, o Ágape, combina Eros e Storge, representa aspectos de generosidade e desinteresse, implicando uma obrigação de cuidar e amar o outro sem quaisquer expectativas de recompensa ou reciprocidade (Berti et al., 2011; Lee, 1977; Regan, 2002). Pessoas com níveis elevados de Ágape acreditam que todos são dignos de amor e que amar o outro é um dever de alguém maduro, na relação amorosa dedica-se ao parceiro de forma altruísta. Apesar de Lee (1977) ter acreditado que muitas pessoas se esforcem para ter atitudes desse estilo, ele também destacou que a reciprocidade (“*give-and-take*”) caracterizava muitos relacionamentos, impedindo a existência de um amor totalmente altruísta.

É possível concluir que já em seu início a Teoria da Cores do Amor considerava a natureza dimensional de cada estilo, isto é, era esperado que as pessoas apresentassem combinações de mais de um estilo, em diferentes intensidades. Também pode-se refletir que alguém com características elevadas e de apenas um dos estilos pode se envolver em relacionamentos poucos saudáveis, a exemplo do Ágape, será que altruísmo exagerado com o parceiro pode resultar em ignorar as próprias vontades? Ou tolerar atitudes que podem ferir a própria integridade da pessoa? Com base nessa teoria surge o interesse em avaliar o perfil amoroso dos indivíduos, isto é, essas combinações de estilos que cada pessoa pode apresentar. Os relacionamentos amorosos por vezes impactam de modo amplo na vida das pessoas (Zadeh & Bozorgi, 2016; Jonason, & Kavanagh, 2010; White et al., 2004) e a identificação de características que se sobressaem pode facilitar, por exemplo, a compreensão do funcionamento do sujeito, o que auxilia em uma avaliação psicológica de maior qualidade e no planejamento do processo psicoterápico (Wright et al., 2022; Sophia et al., 2007).

Além dessa compreensão do amor em tipos/estilos, Sophia et al. (2007) também estudaram o construto a nível patológico em uma revisão da literatura. O amor patológico

pode ser definido pela presença de comportamentos exagerados em um indivíduo ao cuidar e dar atenção ao parceiro, de modo repetitivo e descontrolado. Essa revisão da literatura concluiu que baixa autoestima, privação afetiva, sentimentos de raiva e estresse emocional podem ser aspectos psicológicos relevantes no desenvolvimento dessa condição, porém as autoras reforçam que ainda é um desafio complexo estabelecer os limites entre o que pode ser considerado patológico ou não em comportamentos em relação ao parceiro amoroso. As pesquisas sobre estilos de amor por vezes estão ligadas ao estudo do amor a nível patológico, justificando a necessidade de esclarecer esse construto no presente trabalho, sendo que instrumentos como a *Love Attitudes Scale* tem sido uma das ferramentas mais utilizadas para pesquisar o assunto (Sophia et al., 2007).

Para avaliação de um perfil amoroso baseado na Teoria das Cores do Amor foi desenvolvido por Hendrick et al. (1998) a *Love Attitudes Scale* (LAS). A escala tem sido utilizada em diferentes países, buscando relações com diferentes construtos. Por exemplo, pesquisadores norte-americanos, ingleses e brasileiros investigaram as relações entre os estilos de amor, traços de personalidade, experiência romântica, ciúme e busca por sensações (Costa et al. 2015; Davies, 1996; Jonason, & Kavanagh, 2010; Richardson et al., 1988; Stravogiannis et al., 2018; White et al., 2004).

Na realidade brasileira, a LAS possui ao menos três versões de tradução para o português realizadas por Andrade e Garcia (2009), Cassepp-Borges (2010) e Berti et al. (2011) igualmente nomeada de Escala de Atitudes do Amor (EAA). Observa-se que, apesar das traduções independentes, o conteúdo dos itens possui diferenças mínimas e os autores de cada pesquisa aparentemente não se comunicaram, o que contribuiu negativamente no avanço dos estudos nacionais. No estudo de Andrade e Garcia (2009) o objetivo foi buscar evidências de validade do instrumento para seu uso em pesquisas nacionais na área de relacionamentos românticos. Foi realizada tradução da versão de 42

itens por um tradutor bilíngue com formação em Psicologia e posteriormente a coleta foi realizada com uma amostra de 509 participantes de ao menos nove estados do país. A consistência interna dos fatores variou de 0,74 a 0,81, com exceção de Ludus, que obteve alfa de 0,55 e alguns itens foram excluídos por não alcançarem carga fatorial maior que 0,30 no fator esperado. Como esperado, foi encontrada a estrutura fatorial que agrupou os seis estilos de amor. Os autores consideram as propriedades psicométricas aceitáveis para estudos iniciais de adaptação e evidências de validade.

No estudo de Cassep-Borges (2010) um dos objetivos foi investigar evidências de validade para a EAA. Para tanto, foram realizadas pequenas alterações na versão do instrumento adaptada por Neto (1993) para o português de Portugal, uma vez que esta foi realizada antes da reforma ortográfica que unificou a escrita do português entre os países. Faz-se relevante indicar que no estudo de Neto (1993) um dos objetivos foi verificar a estrutura fatorial do instrumento em uma amostra portuguesa. O autor não descreveu detalhadamente os procedimentos de tradução, apenas indicou que foram seguidas as diretrizes propostas para metodologia transcultural Brislin (1986). Em uma amostra de 185 pessoas nos resultados foi indicado que a consistência interna dos fatores variou de 0,67 a 0,81, novamente com exceção de Ludus, que obteve alfa de 0,59, sendo que alguns itens também foram excluídos devido à baixa carga fatorial. O autor concluiu que os resultados indicaram suporte para a tipologia do amor proposta por Lee, bem como evidências de validade e utilidade empírica para a escala originalmente elaborada por Hendrick e Hendrick (1986).

O estudo de Berti et al. (2011) objetivou encontrar evidências de validade para instrumentos usados em pesquisas associadas ao amor patológico. Além da EAA os autores também trabalharam com a *Relationship Assessment Scale* (Escala de Avaliação do Relacionamento), que avalia a satisfação no relacionamento, e com a *Adult Attachment*

Types (Tipos de Apego do Adulto) que avalia os tipos de apego do indivíduo em relação ao parceiro. De acordo com a *American Educational Research Association, American Psychological Association e Nacional Consil on Measurement in Education* (AERA, APA, & NCME; 2014), uma vez que instrumentos estrangeiros são fortemente influenciados pelos contextos culturais em que foram elaborados, faz-se necessário, em vista disso, buscar evidências de validade para a realidade brasileira.

Para a EAA Berti et al. (2011) indicaram que um tradutor/psicólogo realizou a tradução do instrumento original, posteriormente foi feita uma retrotradução por um tradutor profissional, e depois foram apresentadas as versões anteriores corrigidas para cinco profissionais da área da saúde mental e cinco universitários para obter sugestões de como modificar palavras que não lhes pareciam adequadas. A versão final foi aplicada em 39 participantes, sendo 19 pacientes com diagnósticos de amor patológico. Nos resultados os autores indicaram que houve diferenças significativas de estilos de amor entre os grupos, exceto por Ludus e Pragma, sendo que o grupo saudável foi caracterizado por Eros (70%), enquanto o grupo com amor patológico, por Mania (74%). O estilo Eros foi influenciado pela escolaridade ($r = 0,49$), mas os autores verificaram que não houve interferência da compreensão desses itens para a pontuação. A consistência interna foi avaliada para cada subescala e variou de 0,74 a 0,89, com exceção de Ludus que obteve alfa de 0,45. Também foi encontrada a estrutura fatorial que agrupou os seis estilos de amor. Vale ressaltar que os autores não apresentam definição aprofundada sobre o amor patológico e que o Manual Diagnóstico Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5) até sua quinta edição também não inclui tal condição (American Psychiatric Association [APA], 2013).

A Teoria das Cores do Amor, assim como os instrumentos que são fundamentados nela, tem apresentado singularidades (contempladas nas definições de Ludus e Mania

principalmente) que podem colaborar com o detalhamento nas pesquisas sobre o amor, construto que ainda necessita ter suas conceitualizações lapidadas (Graham, 2011). O presente trabalho pretende trazer dados que possibilitem os avanços dos estudos na área, por meio da continuidade da busca por evidências de validade, controle da aquiescência e relações com variáveis externas.

A literatura tem indicado que alguns erros sistemáticos de medida podem ocorrer quando são utilizados instrumentos de autorrelato com formato de resposta tipo Likert em situações de pesquisa. Entre eles está a tendência de alguns respondentes concordarem com os itens, independentemente do seu conteúdo, isto é, a aquiescência (Johnson et al., 2005). Alguns estudos têm revelado que este viés de resposta oculta uma estrutura fatorial mais verdadeira, ou seja, os resultados encontrados podem estar aumentados ou reduzidos (Asparouhov & Muthén, 2009; Marsh et al., 2010). Desta forma, é possível hipotetizar que as análises mais utilizadas nos estudos, como as fatoriais, que investigam as propriedades psicométricas, estejam apresentando resultados que, de modo geral, não tem considerado esse viés de resposta.

Em conformidade a essa questão pesquisadores tem encontrado resultados que indicam que esse estilo mais aquiescente de resposta tem sido um dos problemas na avaliação de traços de personalidade (Danner et al., 2015; Rammstedt & Farmer, 2013; Rammstedt et al., 2013; Zanon et al., 2018), acredita-se que o mesmo pode estar acontecendo com a avaliação dos estilos de amor, já que os itens se referem a atitudes frente ao relacionamento amoroso. Assim, o refinamento de instrumentos de autorrelato pode contribuir para um futuro uso com maior qualidade de testagem dentro da avaliação psicológica. Especificamente na EAA, acredita-se que os valores de consistência interna podem aumentar após o controle da aquiescência e revisão do conteúdo de alguns itens (alguns itens são muito longos e com dupla negativa), principalmente para a subescala de

Ludus, que tem apresentado índices abaixo de 0,60, ou seja, será possível encontrar um modelo fatorial com melhor ajuste aos dados.

Relacionamentos amorosos, ciúme romântico e a satisfação conjugal

Pesquisas sobre relacionamentos amorosos também tem incluído a variável de ciúme romântico (Almeida et al., 2008; Baroncelli, 2011; Chin et al., 2017). O ciúme romântico remete ao cuidado com o outro, com o parceiro(a) mais especificamente e, por vezes, pode ser manifestado de forma negativa e patológica, basicamente quando toma proporções exageradas. Este é um conceito que tem recebido diferentes definições, que não necessariamente caracterizam o ciúme enquanto um sentimento ou comportamento, mas como um fenômeno complexo que engloba cognições, atitudes e emoções, sendo considerado multidimensional. Quando um indivíduo está em um relacionamento e sente-se ameaçado e com medo que a relação termine, ele está experienciando o ciúme. A intensidade emocional dessa experiência comumente afeta a qualidade dos relacionamentos amorosos. Ainda que seja considerado saudável em determinada quantidade, indicando compromisso e amor com o parceiro, quando em nível elevado aspectos destrutivos podem aparecer na relação (Gouveia et al., 2015).

Sentir ciúme faz parte da natureza humana, assim como sentir tristeza, alegria ou medo, sendo um conceito estudado há muito tempo. Existe um consenso, indicado pela revisão de literatura de Harris (2003) e outros estudos posteriores (Almeida et al., 2008; Chin et al., 2017; Costa et al., 2015; Guerrero et al., 2011), de que ao atingir níveis elevados, o ciúme pode resultar em desfechos negativos nos relacionamentos. Exemplo disso é a presença de insegurança, de comportamentos possessivos, temor, opressão, até mesmo violência e consequências fatais.

Para além de um sentimento, Harris (2003) em sua revisão discute a existência de diversas definições e perspectivas para definir o ciúme. Por exemplo, enquanto alguns compreendem o ciúme enquanto um estado desencadeado por determinadas situações, isto é, sentir ciúmes; outros indicam que pode ser considerado um traço, quando é prolongado, sendo uma característica do indivíduo ser ciumento.

É possível citar ainda a perspectiva da Psicologia Evolucionista, que considera o ciúme como uma resposta reativa e adaptativa do ser humano, frente a possibilidade de perder uma relação. Essa linha teórica indica que o ciúme foi uma solução para uma dificuldade recorrente de lidar com uma ameaça real a fidelidade do parceiro. Desse modo, a existência do ciúme é fundamental nos relacionamentos e sinaliza o compromisso entre os parceiros. Assim, surgem problemas tanto quando há ausência de ciúme como quando este é exagerado, ou porque pode ser um fator destrutivo no relacionamento ou porque sentir ciúme é interpretado como estar apaixonado, então quando não faz parte da relação, não existe amor (Buss & Haselton, 2005; Costa, 2005). Apesar do foco do presente projeto ser no ciúme romântico, cabe lembrar que a expressão do ciúme ocorre sempre a partir de algum relacionamento interpessoal não necessariamente somente na relação amorosa (Harris, 2003; Martínez-León et al., 2017).

Para avaliação e melhor compreensão desse construto os pesquisadores tem investigado sua relação com diferentes variáveis, como sexo, infidelidade, orientação sexual, comparações transculturais (Dijkstra et al., 2013; Zandbergen, & Brown, 2015). A recente revisão sistemática da literatura realizada por Martínez-León et al. (2017) confirmou que o ciúme romântico não é afetado somente por aspectos pessoais e interpessoais, mas também por variáveis mais complexas ligadas ao ambiente sociocultural. Uma lacuna indicada nessa revisão, como sugestão para a continuidade dos estudos na área, é investir em estudos com robustez estatística que investiguem as

relações com psicopatologias e que levante hipóteses de modelos preditivos com outras variáveis. O presente trabalho pretendeu contribuir nessa direção, verificando, por exemplo, quanto o estilo de amor Mania e o ciúme são nomenclaturas diferentes para explicar um mesmo fenômeno ou conjunto de pensamentos, sentimentos e comportamentos, além das relações e predições com outras variáveis que foram exploradas.

No contexto brasileiro a avaliação do ciúme tem sido realizada principalmente por meio da Escala de Ciúme Romântico (ECR; Ramos et al., 1994) que em seu estudo original identificou três fatores: não-ameaça (indicando situações em que a presença de uma terceira pessoa entre o casal não era compreendida como um problema), exclusão (indicando redução do vínculo na relação devido ao enfraquecimento do amor de um dos parceiros(as)) e interferência (indicando a intromissão direta de um terceiro(a), gerando reações em um dos parceiros(as)). O instrumento apresentou consistência interna dos fatores que variou de 0,77 a 0,87.

Posteriormente Gouveia et al. (2015) conduziram um estudo com objetivo de buscar evidências de validade para a versão reduzida da Escala de Ciúme Romântico, por meio de duas etapas, totalizando uma amostra de 582 pessoas da população geral. No estudo 1 realizaram a redução da quantidade de itens da versão original, com evidências do poder discriminativo e homogeneidade dos itens selecionados, estrutura fatorial e consistência interna. No estudo 2 foram comparados diferentes modelos fatoriais para propor a versão reduzida do instrumento. Foram encontrados resultados indicando que essa variável pode ser melhor representada por três fatores que se reuniram em um modelo bifatorial (ameaça e não-ameaça, polos opostos que compõem um contínuo de um mesmo construto, o ciúme) que apresentou melhores índices de ajuste. O fato de o instrumento

ter essa estrutura irá possibilitar também o controle de aquiescência, que como descrito anteriormente, possibilita controlar um possível erro sistemático.

O sentimento de ameaça é indicado como fator que pode despertar o ciúme romântico e gerar um comportamento em reação a isso, além de estar negativamente associado à satisfação no relacionamento. Enquanto que, uma relação com quantidade maior de comportamentos carinhosos tende a gerar menos reações de ciúmes (Goodboy et al., 2012; Dandurand, & Lafontaine, 2014; Martínez-León et al., 2017). Uma hipótese é que possivelmente isso seja expressado em indivíduos com características do estilo de amor *Ágape*, já que este tem a necessidade de demonstrar o cuidado com seu parceiro(a).

Ao passo que o ciúme está associado a sentir-se ameaçado e a desconfiança, a confiança é um aspecto contrário, presente em relacionamentos que as pessoas se sentem mais satisfeitas. A satisfação conjugal, de modo geral, é definida por uma avaliação subjetiva do casamento ou de um relacionamento estável (Miranda, 1987; Scorsolini-Comin, & Santos, 2010). Para construir essa avaliação, o indivíduo realiza comparações entre suas expectativas sobre a relação, a partir de aspectos socioculturais e de sua percepção do relacionamento que vivencia. A satisfação conjugal é um construto complexo que envolve diferentes variáveis, como características de personalidade, experiência familiar, maneiras de se relacionar afetivamente a dois.

Os estudos ainda têm destacado que são muitos e variados os aspectos que fazem alguém concluir que está em uma relação de qualidade, não havendo resposta simples para essa questão (Mosmann et al., 2006; Scorsolini-Comin, & Santos, 2009; Scorsolini-Comin, & Santos, 2010). Assim, conforme sugerem as pesquisas já existentes, este projeto pretende também investigar como a satisfação conjugal se relaciona com outras variáveis, por exemplo com os estilos de amor e com o ciúme romântico. Na continuidade dos estudos com o tema, também é sugerido que sejam investigadas relações com traços

psicopatológicos. A finalidade maior disso é apresentar informações que possam auxiliar o profissional da psicologia a elaborar estratégias de intervenção para essa demanda, por exemplo em processos de psicoterapia individual ou de casal, por meio de uma avaliação psicológica mais refinada (Scorsolini-Comin, & Santos, 2010).

Para avaliação da satisfação conjugal no contexto brasileiro a Escala de Satisfação Conjugal (ESC; Dela Coleta, 1989) tem sido utilizada (Hernandez et al., 2017; Ribeiro et al., 2011; Sardinha et al., 2009; Villa & Del Prette, 2013). O estudo de Hernandez et al. (2017) realizou a revisão da estrutura fatorial do instrumento e teve por objetivo investigar as evidências de validade para a ESC. Os resultados indicaram que a fidedignidade estimada variou de 0,85 a 0,93 e manteve os três fatores que foram identificados anteriormente nas pesquisas. Os autores concluíram que a versão reduzida da ESC, retirando itens que obtiveram desempenho psicométrico insatisfatório, mas o modelo original com 24 itens apresentou índices de ajuste estimados mais adequados, com $\chi^2/df = 2,267$, GFI = 0,841, CFI = 0,844, RMSEA = 0,071 e modelo reduzido com 18 itens obteve $\chi^2/df = 1,921$, GFI = 0,901, CFI = 0,910, RMSEA = 0,061).

Os fatores que compõem a ESC são a Satisfação com os aspectos emocionais (SAE), a Satisfação com a interação conjugal (SIC) e a Satisfação com aspectos organizacionais e estruturais (SAOE). O primeiro, SAE, diz respeito a satisfação que a pessoa possui com as reações emocionais do seu(sua) parceiro(a); o segundo, SIC, se refere à satisfação para com as interações que a pessoa possui com o(a) parceiro(a); e o último, SAOE, está ligado à satisfação com o modo como o(a) parceiro(a) organiza a própria vida, cumprimento de regras e impacto que esses aspectos causam (Hernandez et al., 2017).

O estudo nacional de Rizzon et al. (2013) encontrou resultados indicando que 37,3% dos sujeitos apresentaram nível de satisfação conjugal entre acima da média e

muito bom, 10,8% se consideraram na média, 25,5% empobrecida satisfação e 9,8% relataram possuir problemas graves e muito graves. Os homens e as mulheres dessa amostra avaliaram de modo semelhante sua satisfação conjugal, resultado diferente do que Scorsolini-Comin e Santos (2010) encontraram anteriormente, em que as mulheres apresentaram média inferior à dos homens. Os autores levantam a reflexão se esse resultado está relacionado a fatores condicionantes socioculturais, como representações sociais machistas da mulher em posição inferior na relação conjugal. Investigar as características de homens e mulheres pode ajudar a compreensão do modo como se relacionam afetivamente e como isso tem interferido na satisfação nesse contexto.

Já o estudo de Vedes et al., (2016) buscou investigar as correlações e efeito preditivo entre os estilos de amor, *dyadic coping* (enfrentamento diádico – processo em que o um dos parceiros comunica seu estresse ao outro, que reage oferecendo suporte positiva ou negativamente) e satisfação com o relacionamento em uma amostra composta por 92 casais heterossexuais suíços. Os resultados indicaram que os estilos de amor Eros e Ágape têm efeitos diretos positivos no enfrentamento diádico e na satisfação com o relacionamento, enquanto o Ludus tem um efeito direto negativo nessas variáveis. Foi indicado também que no geral, as associações foram mais acentuadas para as mulheres do que para os homens.

Os autores ainda verificaram se a duração do relacionamento tinha efeitos nas variáveis (Vedes et al., 2016). Concluíram que no início de um relacionamento, os parceiros normalmente e facilmente se comportam de maneira comunitária e mútua, atendendo às necessidades um do outro, mas, quando enfrentam um aumento do conflito e situações estresse, podem começar a recalcular a justiça e a equidade. Curiosamente, nessa amostra Ludus e à satisfação no relacionamento tiveram correlação positiva, os próprios autores indicam que talvez esse resultado seja porque na amostra, os casais

tiveram, em média, uma pontuação muito baixa em Ludus com pouca variação, o que pode ter comprometido a capacidade de detectar efeitos significativos. No entanto, quando os casais endossavam Ludus, o suporte para enfrentar o estresse era menor para os dois parceiros, quanto mais longo o relacionamento. Esse achado pode sugerir o papel prejudicial que esse estilo de amor tem nos comportamentos de manutenção dos relacionamentos.

Os resultados desses estudos indicam que ainda é difícil afirmar como os estilos de amor exercem efeito nos níveis de satisfação conjugal e que outras variáveis podem estar envolvidas. No presente trabalho será incluso o ciúme romântico, conforme descrito anteriormente, e alguns traços psicopatológicos da personalidade apresentados na sequência, e verificar as correlações e o efeito moderador dessas variáveis. A relação que acontece entre duas variáveis pode depender de uma terceira, nomeada de variável moderadora, nesse caso os traços psicopatológicos. As variáveis moderadoras exercem efeito na intensidade e/ou direção da relação entre as outras variáveis (Zhang & Wang, 2017).

Relacionamentos amorosos e traços psicopatológicos da personalidade

Psicopatia

O modo como as pessoas se relacionam afetivamente e os traços de personalidade tem sido investigado, inclusive a luz da Teoria das Cores do Amor (Zadeh & Bozorgi, 2016; Jonason, & Kavanagh, 2010; White et al., 2004). A personalidade é um dos construtos mais estudados pela psicologia ao longo da sua história, apresentando grande variedade de definições, especificidades e enfoques a serem pesquisados. De modo geral é possível descrevê-la enquanto um conjunto de traços que se organizam ou que representam um padrão de respostas de um indivíduo. Este é um conceito complexo,

subjetivo e multidimensional que engloba os pensamentos, emoções e comportamentos que são mais frequentes e constantes em uma pessoa (Winter & Barenbaum, 1999).

Os traços de personalidade são padrões de funcionamento que persistem no decorrer da vida humana, e o conjunto desses traços compõem a personalidade de um sujeito (Winter & Barenbaum, 1999). Eles ainda podem ser interpretados enquanto clínicos ou subclínicos, sendo que neste trabalho o foco será para os traços em nível subclínico, ou seja, o objetivo não engloba analisar uma amostra clínica em que os indivíduos necessariamente possuem algum diagnóstico e/ou estão em tratamento. A natureza dimensional desses traços permite que estudos correlacionais sejam conduzidos em quaisquer amostras populacionais.

O foco do presente trabalho esteve nos traços de psicopatia (Guay et al., 2007; Paulhus & Williams, 2002) e os traços da personalidade borderline (APA, 2013). Estes foram selecionados a partir da literatura que indica os prejuízos nos relacionamentos amorosos que indivíduos com níveis mais elevados desses traços podem ter. Futuramente também serão observadas as diferenças entre homens e mulheres, uma vez que as pesquisas já realizadas têm indicado resultados consideráveis nesse sentido, como níveis mais elevados de traços de psicopatia em homens e de traços da personalidade borderline em mulheres (Brewer et al., 2015; Jonason et al., 2009; Jones & Weiser, 2014; Kingham & Gordon, 2004; Paris, 2018).

A psicopatia é um construto envolto por complexidades em sua definição sofrendo diversas alterações ao longo dos anos. O termo de origem grega significa “psiquicamente doente”, sendo que durante o século XIX estava associado a uma grande variedade de transtornos mentais. Posteriormente, com o avanço das pesquisas, compreendeu-se que a psicopatia englobava aspectos mais específicos como a manipulação, impulsividade e irresponsabilidade. A origem de definições mais contemporâneas de psicopatia advém do

livro *The Mask of Sanity*, publicado em 1976 pelo psiquiatra americano Cleckley, em que o autor se baseou na própria experiência de trabalho com pacientes psiquiátricos para descrever as características psicopáticas. Esse construto envolve muitas outras origens e influências, contendo aspectos genéticos, ambientais e pela relação entre ambos (Skeem et al., 2011; Nunes, 2011).

Existem dois elementos fundamentais a serem observados em pessoas com níveis elevados em traços psicopáticos: os déficits em afetividade, isto é, falta de sensibilidade, e o baixo autocontrole. A insensibilidade tende a se manifestar a curto prazo. Por exemplo, a fim de ter recompensas imediatas o sujeito mente, mesmo que isso comprometa seus interesses a longo prazo. O baixo nível de autocontrole é um aspecto dominante tanto nos indivíduos que cometem crimes como naqueles que não infringem a lei, ainda que os escores em criminosos sejam mais elevados (Jones & Paulhus, 2014).

A literatura apresenta esses dois aspectos principais da psicopatia de diferentes formas. Os autores têm concordado que esse é um construto bifatorial, proposto pela primeira vez por Karpman (1948) sua distinção em dois fatores, adotando a nomenclatura de psicopatia primária e secundária, sendo as características primárias aquelas de insensibilidade, manipulação, falsidade e egoísmo, e as secundárias os aspectos ligados a impulsividade e a irresponsabilidade.

A psicopatia tem sido compreendida enquanto um construto dimensional, e não uma categoria de indivíduos (Cleckley, 1976; Cooke & Michie, 2001; Guay et al., 2007). Isso significa que a psicopatia pode ser analisada em termos de níveis, em vez de uma simples classificação binária dos indivíduos em grupos de psicopatas e não psicopatas. Embora ocorram em maior intensidade em contextos carcerários, todos esses traços podem ser também estudados nos cidadãos livres, isto é, todos que não cometeram ou foram acusados por algum crime (Hare & Neumann, 2008). Por serem traços de

personalidade socialmente aversivos, que podem ocasionar prejuízos em diversos contextos da vida do sujeito, como no trabalho, no contexto familiar e social. Assim, a avaliação dessas características mostra-se relevante dentro da Psicologia (Jones & Paulhus, 2014; Wai & Tiliopoulos, 2012).

Tendo em vista que características subclínicas da personalidade podem ser encontradas por meio de instrumentos de autorrelato, um instrumento extensivamente utilizado a nível mundial na avaliação de traços psicopáticos, seja na população geral de adultos (Lilienfeld & Andrews, 1996; Salekin et al., 2014) ou em prisioneiros (Brinkley et al., 2008; Brinkley et al., 2001; Sellbom, 2011) é a Escala *Levenson* de Psicopatia (*Levenson Self-Report Psychopathy – LSRP*) (Levenson et al., 1995). Esta já foi traduzida e adaptada para o contexto brasileiro e inicialmente apresentou propriedades psicométricas adequadas (Hauck-Filho & Teixeira, 2014), assim como sua versão portuguesa (Coelho et al., 2010). A LSRP foi alvo de estudos em diferentes países, como Estados Unidos (Walters et al., 2008), China (Shou et al., 2016), Itália (Somma et al., 2014), Portugal (Coelho et al., 2010) e Brasil (Hauck-Filho & Teixeira, 2014) e tem acumulado evidências de validade favoráveis. Entretanto, assim como no caso da EAA, ainda não foram realizados estudos com o objetivo de comparar diferentes modelos fatoriais com e sem controle da aquiescência. Isto posto, este trabalho também irá investigar esse viés de resposta na LSRP, sendo que nesse instrumento estudos anteriores apresentaram alguns resultados divergentes no que se refere a estrutura fatorial (Brinkley et al., 2008, Hauck-Filho, & Teixeira, 2014, Somma et al., 2014). Com o controle da aquiescência, a hipótese é que para o modelo com três fatores, a psicopatia primária divida-se em dois fatores, mas compostos por itens positivos e negativos de um mesmo construto, assim acredita-se que a correlação negativa entre esses dois fatores aumente consideravelmente. O resultado irá corroborar a literatura em relação a estrutura de dois

fatores que compoem a psicopatia (Hare & Neumann, 2008; Hauck, Salvador-Silva, & Teixeira, 2015; Jones & Paulhus, 2014; Karpman, 1948).

Personalidade Borderline

Assim como traços psicopáticos podem ser considerados socialmente aversivos e/ou mal adaptativos, os traços de personalidade borderline também podem ocasionar prejuízos em diversos contextos da vida do sujeito. O transtorno da personalidade borderline (TPB) é definido por conjunto de características de instabilidade nos relacionamentos interpessoais, elevado nível de impulsividade e prejuízos na autoimagem, afetividade e em diferentes áreas da vida, que aparece no início da adultez (APA, 2013). O fato de a instabilidade nos relacionamentos ser um dos pontos principais da personalidade borderline, desperta o interesse em compreender o perfil amoroso de indivíduos com esses traços de personalidade elevados. Por exemplo, sabe-se que alta conscienciosidade, Eros e Storge predizem a qualidade da relação conjugal (Zadeh & Bozorgi, 2016), enquanto que baixa conscienciosidade se relaciona com a impulsividade característica da personalidade borderline (Wright et al., 2010). Ainda não foi investigada a relação entre os estilos de amor e esses traços de personalidade, sendo que se espera possível relação entre Ludus e Mania por exemplo, já estes são estilos mais instáveis que caracterizam relações mais problemáticas.

Além do TPB ter seus critérios diagnósticos elencados no modelo categórico apresentados pelo DSM-5, é preciso considerar o modelo dimensional. O modelo alternativo do DSM-5 para transtornos de personalidade tem recebido destaque, uma vez que buscou-se apresentar uma abordagem que melhorasse fragilidades do modelo tradicional categórico. Este apresenta foco nos prejuízos no funcionamento da personalidade dos indivíduos em diferentes contextos da sua vida e nos traços de

personalidade patológicos. O TPB continua sendo caracterizado da mesma forma nesse modelo, sendo que seus traços mal adaptativos atingem os domínios de afetividade negativa, antagonismo e/ou desinibição (APA, 2013).

A afetividade negativa no TBP é marcada por emoções intensas como a ansiedade, o pânico, a sensação de perda do controle, geralmente em consequência ao estresse frente as relações interpessoais, os sentimentos são instáveis e desproporcionais as situações, é comum sentir medo de ser rejeitado por pessoas próximas, de perder autonomia, de criar dependência exagerada. O indivíduo também pode frequentemente se sentir desanimado, triste, sentir desesperança, pessimista e ter ideias suicidas. A desinibição é marcada pela impulsividade, com respostas imediatas aos estímulos, falta de planejamento e estresse emocional que pode resultar em comportamentos autodestrutivos, bem como exposição a atividades perigosas, se colocando em risco, ser inconsequente, negar as próprias limitações. E o antagonismo é evidenciado pela frequente e desproporcional hostilidade, raiva e humor irritável (APA, 2013).

A saber, mais recentemente um novo modelo teórico tem recebido destaque no que se refere aos estudos de traços de personalidade e transtornos mentais de modo geral, o *Hierarchical Taxonomy of Psychopathology* (HiTOP). Pesquisadores reconhecidos na área propuseram um modelo dimensional hierárquico que tem base em padrões empíricos de co-ocorrência de sintomas psicológicos, com objetivo de sanar fragilidades do modelo categórico e acelerar os esforços para avaliar transtornos mentais de maneira eficaz. Em relação ao transtorno da personalidade borderline esses autores do mesmo modo indicam que predominam uma combinação de características de afetividade negativa (aspectos internalizantes), antagonismo e desinibição (aspectos externalizantes) (Carvalho et al., 2018; Conway et al., 2019; Kotov et al., 2017).

No que se refere a avaliação de traços da personalidade borderline, recentemente Carvalho e Pianowski (2019) encontraram resultados que indicaram a capacidade discriminativa de dimensões do Inventário Dimensional Clínico da Personalidade – 2 (IDCP-2; Carvalho, & Primi, no prelo) para pessoas com diagnóstico de TPB daquelas da população geral. O instrumento foi desenvolvido para a realidade brasileira e objetiva avaliar traços patológicos da personalidade. As dimensões do IDCP-2 selecionadas para o presente trabalho e que melhor caracterizam a personalidade borderline foram alvo de estudos que revisaram suas propriedades psicométricas (Carvalho, 2018; Carvalho, & Pianowski, 2015; Carvalho, & Sette, 2015).

Para impulsividade, que engloba os fatores de inconsequência, tomada de risco e enganiosidade, a consistência interna foi maior que 0,70 em cada fator e 0,89 no geral (Carvalho, 2018). Para dependência, composta pelos fatores de autodesvalorização, evitação do abandono e insegurança, a consistência interna variou de 0,79 a 0,91 (Carvalho, & Pianowski, 2015). E para instabilidade de humor, composta pelos fatores de vulnerabilidade, preocupação ansiosa e desesperança, foi encontrada consistência interna que variou de 0,78 a 0,81, e no geral apresentou 0,85 (Carvalho, & Sette, 2015). Nesses estudos também foram encontradas correlações coerentes com instrumentos padrão ouro como o *Revised NEO Personality Inventory - NEO-PI-R - Brazilian version* (Costa Junior & McCrae, 2009) e com o *Personality Inventory for DSM 5 - PID-5 - Brazilian version* (Krueger et al., 2012).

Outra variável que caracteriza relacionamentos românticos e que tem sido relacionada aos traços de personalidade é a homossexualidade. Um recente estudo buscou compreender como aspectos da personalidade e da história de vida podem moldar as relações sexuais curtas ou duradouras de homens e mulheres (Jonason et al., 2018), tendo em vista que o amor também pode ser estudado a partir de uma perspectiva social, por

meio da Psicologia Evolucionista (Fisher et al., 2002; Shiramizu & Lopes, 2013). Para contextualizar, apesar do foco do presente trabalho não ser a homossexualidade, esse é um termo usado originalmente para descrever uma grande variedade de comportamentos sexuais praticados por homens e mulheres, que estão diretamente ligados as relações românticas e a satisfação conjugal. A saber, a homossexualidade pode ser conceituada como diferenças individuais de atitudes, comportamentos e desejos relacionados ao sexo, seja casual, com interesses em relacionamentos de curto prazo ou com interesses em relações de longo prazo e comportamento sexual de experiências anteriores. A duração dos relacionamentos é um aspecto a ser explorado na presente pesquisa, assim faz-se relevante destacar alguns achados da literatura.

Mais especificamente, o estudo de Jonason et al. (2018) investigou as associações entre traços de personalidade patológicos (afetividade negativa, desinibição, antagonismo, psicoticismo – desregulação cognitiva e perceptiva – e desapego) e homossexualidade (orientação para relacionamento de curto ou longo prazo e comportamento sexual) por meio de instrumentos de autorrelato em uma amostra de estudantes universitários estadunidenses. Os resultados indicam que o desapego, antagonismo, desinibição e psicoticismo apresentaram correlações positivas com interesses por relacionamentos de curto prazo e correlações negativas com interesses por relacionamentos de longo prazo. Embora o sexo tenha moderado a relação entre afetividade negativa com o comportamento sexual, de modo geral não foram encontradas evidências de que esses processos de moderação diferissem entre homens e mulheres.

Outro achado interesse de Jonason et al. (2018) foi que traços de antagonismo (ser manipulador e explorador nas relações) e desinibição (impulsividade, imprudência) estavam mais presentes em sujeitos propensos a relacionamentos de curto prazo, independentemente do sexo, bem como os aspectos de desinibição prevendo os

relacionamentos de curta duração. Os autores discutem que outras pesquisas relacionadas à homossexualidade sugerem que, em todo o mundo, os homens têm atitudes mais favoráveis em relação ao sexo casual do que as mulheres (Schmitt, 2005), e a homossexualidade está relacionada a traços de personalidade psicopatológicos, como os de psicopatia (Jonason et al., 2009).

Além disso, a homossexualidade está correlacionada com níveis mais altos de extroversão e níveis mais baixos de neuroticismo em 56 países (Schmitt et al., 2007). Dadas as associações que a homossexualidade tem com cinco grandes fatores de personalidade (ou seja, extroversão e neuroticismo) e traços socialmente antagônicos, esses são motivos para acreditar que a homossexualidade tem se relacionado aos traços de personalidade patológicos. O amor e o sexo são vistos como necessidades humanas básicas, mas considera-se que ainda existem poucas pesquisas que tentam entender essas necessidades em indivíduos com traços mal adaptativos, como de psicopatia e de TPB e que também procurem diversificar a amostra no que se refere a idade, etnia, nível de escolaridade e socioeconômico.

Recentemente, Jonason et al. (2020) investigaram como traços patológicos da personalidade se relacionavam com os estilos de amor em uma amostra de 311 adolescentes, com 16 anos de idade em média, sendo a maioria do sexo feminino (88%), branca (72%) e heterossexual (60%). Os resultados indicaram que o antagonismo estava mais associado aos estilos Mania e Ludus e menos com o Ágape, o psicoticismo estava mais associado aos estilos de Ágape, Ludus, Storge e Mania e o desapego estava mais associado a Ludus e Mania e menos com Eros. Também a afetividade negativa estava mais associada ao Ágape e Mania e a desinibição estava mais associada ao Ágape, Ludus, Eros e Mania. Os autores indicaram que apesar de cada traço patológico estar associado

a combinações um tanto quanto únicas dos estilos, coletivamente todos os traços estavam relacionados com Mania.

Jonason et al. (2020) discutem que o fato de todos os traços estarem correlacionados com Mania indica que ser mais errático, impulsivo, antagônico, ter elevada afetividade negativa e desapego pode ocasionar disfunções nos relacionamentos e podem servir como gatilhos em possíveis situações de término. Esse conjunto de características pode levar a um sentimento de insegurança possessiva, um estilo protetor de amor. Além disso, a psicopatia e Ludus estavam ligados a ser antagônico, impulsivo e se preocupar pouco com os outros. Não foram encontradas evidências de moderação pelo sexo, porém, como os próprios autores indicam, o estudo tem limitações importantes com o desequilíbrio da amostra em termos de sexo. É possível acrescentar como limitação a faixa etária, ao considerar que adolescentes ainda estão tendo suas primeiras experiências amorosas, não há informações no estudo sobre status e duração dos relacionamentos. Bem como esse estudo sugere, seria interessante que a continuidade dos estudos além de se atentar a essas lacunas, verifique se as correlações se mantêm e como se associam a satisfação.

Diante do exposto o objetivo geral do presente trabalho foi investigar a dimensionalidade de aspectos saudáveis e patológicos da personalidade e do estilo pessoal de se relacionar romanticamente. Além disso, investigar o quanto os fatores de aspectos saudáveis e patológicos da personalidade e do estilo pessoal de se relacionar romanticamente explicam a satisfação conjugal e as correlações entre as variáveis estudadas. Vale destacar que foram utilizados para a avaliação das variáveis ferramentas de autorrelato. Estas são muito utilizadas em pesquisas em psicologia devido à praticidade e à possibilidade de aplicação rápida em grandes amostras. Embora a tendência do indivíduo a desejar se apresentar de modo mais positivo possa ocasionar enviesamento,

as pesquisas têm evidenciado que esses instrumentos refletem em uma boa medida da habilidade “real” que as pessoas apresentam frente a situações sociais cotidianas (Caballo, 1993). Além disso o trabalho poderá contribuir com as investigações psicométricas de cada instrumento utilizado.

Escala Balanceada de Estilos de Amor: evidências de validade e controle de aquiescência (Artigo 1)

Samanta Romanin Zuchetto

Nelson Hauck Filho

Resumo: O estilo mais aquiescente de resposta tem sido um dos problemas na avaliação de traços de personalidade. Acredita-se que o mesmo pode estar acontecendo com a avaliação dos estilos de amor, já que os itens se referem a atitudes frente ao relacionamento amoroso. O objetivo do presente estudo foi testar a plausibilidade da estrutura de seis fatores da Escala Balanceada de Estilos de Amor (EBEA), além de estimar a precisão das subescalas e comparar diferentes modelos fatoriais com e sem controle da aquiescência do instrumento. Participaram 743 indivíduos da população geral, sendo a maioria (85,1%) mulheres, com idade média de 31,65 anos e da região Sudeste (63,1%), que responderam a um questionário on-line. Conforme o que era teoricamente esperado e corroborando aos estudos anteriores a estrutura de seis fatores da EBEA foi encontrada na presente amostra, de modo semelhante aos relatos de investigações conduzidas em outras culturas. Foram resolvidos problemas de precisão com a subescala de Ludus.

Palavras-chave: relacionamento, avaliação psicológica, psicometria, viés de resposta.

Abstract: The more acquiescent style of response has been one of the problems in assessing personality traits. It is believed that the same may be happening with the evaluation of love styles, since the items refer to attitudes towards the love relationship. The aim of the present study was to test the plausibility of the six-factor structure of the Balanced Love Styles Scale (BLSS), in addition to estimating the accuracy of the subscales and comparing different factor models with and without control for instrument acquiescence. A total of 743 individuals from the general population participated, the majority (85.1%) being women, with a mean age of 31.65 years and from the Southeast region (63.1%), who responded to an online questionnaire. As was theoretically expected and corroborating previous studies, the six-factor structure of BLSS was found in the present sample, similarly to reports of investigations conducted in other cultures. Accuracy issues with the Ludus subscale have been resolved.

Keywords: relationship, psychological assessment, psychometrics, response bias.

Resumen: El estilo de respuesta más aquiescente ha sido uno de los problemas en la evaluación de los rasgos de personalidad. Se cree que lo mismo puede estar ocurriendo con la evaluación de los estilos amorosos, ya que los ítems se refieren a actitudes frente a la relación amorosa. El objetivo del presente estudio fue probar la plausibilidad de la estructura de seis factores de la Escala Balanceada de Estilos de Amor (EBEA), además de estimar la precisión de las subescalas y comparar diferentes modelos factoriales con y sin control para la aquiescencia del instrumento. Participaron 743 individuos de la población general, siendo la mayoría (85,1%) mujeres, con una edad media de 31,65 años y de la región Sudeste (63,1%), que respondieron un cuestionario vía internet. Como era

de esperar teóricamente y corroborando estudios previos, la estructura de seis factores de EBEA se encontró en la presente muestra, de manera similar a los informes de investigaciones realizadas en otras culturas. Se han resuelto los problemas de precisión con la subescala de Ludus.

Palabras clave: relación, evaluación psicológica, psicometría, sesgo de respuesta.

Para avaliação de um perfil amoroso baseado na Teoria das Cores do Amor foi desenvolvido por Hendrick et al. (1998) a *Love Attitudes Scale* (LAS). A escala tem sido utilizada em diferentes países, buscando relações com diferentes construtos. Por exemplo, pesquisadores norte-americanos, ingleses e brasileiros investigaram as relações entre os estilos de amor, traços de personalidade, experiência romântica, ciúme e busca por sensações (Costa et al. 2015; Davies, 1996; Jonason, & Kavanagh, 2010; Richardson et al., 1988; Stravogiannis et al., 2018; White et al., 2004).

Na realidade brasileira, a LAS possui ao menos três versões de tradução para o português realizadas por Andrade e Garcia (2009), Cassepp-Borges (2010) e Berti et al. (2011) igualmente nomeada de Escala de Atitudes do Amor (EAA). Observa-se que, apesar das traduções independentes, o conteúdo dos itens possui diferenças mínimas e os autores de cada pesquisa aparentemente não se comunicaram, o que contribuiu negativamente no avanço dos estudos nacionais. No estudo de Andrade e Garcia (2009) o objetivo foi buscar evidências de validade do instrumento para seu uso em pesquisas nacionais na área de relacionamentos românticos. Foi realizada tradução da versão de 42 itens por um tradutor bilíngue com formação em Psicologia e posteriormente a coleta foi realizada com uma amostra de 509 participantes de ao menos nove estados do país. A consistência interna dos fatores variou de 0,74 a 0,81, com exceção de Ludus, que obteve alfa de 0,55 e alguns itens foram excluídos por não alcançarem carga fatorial maior que 0,30 no fator esperado. Foi encontrada a estrutura fatorial que agrupou os seis estilos de amor. Os autores consideram as propriedades psicométricas aceitáveis para estudos iniciais de adaptação e evidências de validade.

No estudo de Cassep-Borges (2010) um dos objetivos foi investigar evidências de validade para a EAA. Para tanto, foram realizadas pequenas alterações na versão do instrumento adaptada por Neto (1993) para o português de Portugal, uma vez que esta foi realizada antes da reforma ortográfica que unificou a escrita do português entre os países. Faz-se relevante indicar que no estudo de Neto (1993) um dos objetivos foi verificar a estrutura fatorial do instrumento em uma amostra portuguesa. O autor não descreveu detalhadamente os procedimentos de tradução, apenas indicou que foram seguidas as diretrizes propostas para metodologia transcultural Brislin (1986). Em uma amostra de 185 pessoas nos resultados foi indicado que a consistência interna dos fatores variou de 0,67 a 0,81, novamente com exceção de Ludus, que obteve alfa de 0,59, sendo que alguns itens também foram excluídos devido à baixa carga fatorial. O autor concluiu que os resultados indicaram suporte para a tipologia do amor proposta por Lee, bem como evidências de validade e utilidade empírica para a escala originalmente elaborada por Hendrick e Hendrick (1986).

O estudo de Berti et al. (2011) objetivou encontrar evidências de validade para instrumentos usados em pesquisas associadas ao amor patológico. Além da EAA os autores também trabalharam com a *Relationship Assessment Scale* (Escala de Avaliação do Relacionamento), que avalia a satisfação no relacionamento, e com a *Adult Attachment Types* (Tipos de Apego do Adulto) que avalia os tipos de apego do indivíduo em relação ao parceiro. De acordo com a *American Educational Research Association, American Psychological Association e Nacional Consil on Measurement in Education* (AERA, APA, & NCME; 2014), uma vez que instrumentos estrangeiros são fortemente influenciados pelos contextos culturais em que foram elaborados, faz-se necessário, em vista disso, buscar evidências de validade para a realidade brasileira.

Nos resultados Berti et al. (2011) indicaram que houve diferenças significativas de estilos de amor entre os grupos, exceto por Ludus e Pragma, sendo que o grupo saudável foi caracterizado por Eros (70%), enquanto o grupo com amor patológico, por Mania (74%). O estilo Eros foi influenciado pela escolaridade ($r = 0,49$), mas os autores verificaram que não houve interferência da compreensão desses itens para a pontuação. A consistência interna foi avaliada para cada subescala e variou de 0,74 a 0,89, com exceção de Ludus que obteve alfa de 0,45. Também foi encontrada a estrutura fatorial que agrupou os seis estilos de amor.

A literatura tem indicado que alguns erros sistemáticos de medida podem ocorrer quando são utilizados instrumentos de autorrelato com formato de resposta tipo Likert em situações de pesquisa. Entre eles está a tendência de alguns respondentes concordarem com os itens, independentemente do seu conteúdo, isto é, a aquiescência (Johnson et al., 2005). Alguns estudos têm revelado que este viés de resposta oculta uma estrutura fatorial mais verdadeira, ou seja, os resultados encontrados podem estar aumentados ou reduzidos (Asparouhov & Muthén, 2009; Marsh et al., 2010). Desta forma, é possível hipotetizar que as análises mais utilizadas nos estudos, como as fatoriais, que investigam as propriedades psicométricas, estejam apresentando resultados que, de modo geral, não tem considerado esse viés de resposta.

Em conformidade a essa questão pesquisadores tem encontrado resultados que indicam que esse estilo mais aquiescente de resposta tem sido um dos problemas na avaliação de traços de personalidade (Danner et al., 2015; Rammstedt & Farmer, 2013; Rammstedt et al., 2013; Zanon et al., 2018), acredita-se que o mesmo pode estar acontecendo com a avaliação dos estilos de amor, já que os itens se referem a atitudes frente ao relacionamento amoroso. Assim, o refinamento de instrumentos de autorrelato pode contribuir para um futuro uso com maior qualidade de testagem dentro da avaliação

psicológica. A Teoria das Cores do Amor, assim como os instrumentos que são fundamentados nela, tem apresentado singularidades (contempladas nas definições de Ludus e Mania principalmente) que podem colaborar com o detalhamento nas pesquisas sobre o amor, construto que ainda necessita ter suas conceitualizações lapidadas (Graham, 2011).

O presente estudo pretende testar a plausibilidade da estrutura de seis fatores da Escala Balanceada de Estilos de Amor, além de estimar a precisão das subescalas e comparar diferentes modelos fatoriais com e sem controle da aquiescência do instrumento. Acredita-se que um modelo de seis fatores pode representar adequadamente a estrutura fatorial da escala balanceada após o controle da aquiescência e que os valores de consistência interna podem aumentar após o controle da aquiescência e revisão do conteúdo de alguns itens, principalmente para a subescala de Ludus, que tem apresentado índices abaixo de 0,60, ou seja, encontrar um modelo fatorial com melhor ajuste aos dados. Adicionalmente será testada a relação entre os estilos de amor e algumas variáveis externas: gênero, orientação sexual e status de relacionamento. Espera-se encontrar diferenças entre gênero, como níveis mais elevados de Ludus em homens (Jonason, & Kavanagh, 2010) e níveis mais elevados de Ágape em mulheres (Cassepp-Borges, & Ferrer, 2019); espera-se que as médias dos estilos de amor sejam diferentes conforme o status de relacionamento (por exemplo, pessoas fora de um relacionamento sendo mais caracterizadas por Ludus e Mania e pessoas dentro de um relacionamento mais caracterizadas por Eros e Storge (Vedes et al., 2016), ademais serão exploradas outros possíveis resultados ainda não investigados por estudos anteriores, como em relação a orientação sexual.

Método

Participantes

Os participantes do presente estudo foram 743 indivíduos da população geral (idades de 18 a 74 anos; $M = 31,65$; $DP = 11,01$; 85,1% mulheres) que responderam a um questionário on-line. Os participantes eram residentes de todas as regiões brasileiras, sendo 63,1% do Sudeste, 18,3% do Sul, 8,1% do Nordeste, 6,3% da Centro-oeste e 4,2% do Norte. Quanto à origem étnica, 66,6% relataram ser brancos; 20,9% pardos; 8,9% negros; 1,5% amarelos e 0,5% indígenas. A renda familiar mensal foi de 68,4% para “De 1 a 5 salários mínimos”. Com relação ao status de relacionamento, 35,7% declararam estar namorando; 33,1% casados ou em união estável; 26,8% solteiros; 4,3% separados e 0,1% viúvos, sendo que 72,4% estavam em uma relação atual no momento da coleta de dados. A orientação sexual foi 69,7% de heterossexuais, 22,1% bissexuais, 5,5% de homossexuais, 2% preferiu não informar e 0,7% de assexuais. Também verificou-se que 62,7% esteve ou está em tratamento psicológico, 36,3% esteve ou está em tratamento psiquiátricos, 37,1% fez ou faz uso de medicamentos psiquiátricos e 33% possui algum diagnóstico psiquiátrico.

Instrumentos

Escala de Atitudes do Amor – versão reduzida (EAA-r; Berti et al., 2011)

A EAA-r é um instrumento de autorrelato adaptado para a realidade brasileira, que tem por objetivo avaliar os estilos de amor, conforme a Teoria das Cores do Amor. É respondido em uma escala Likert (1= Não tem nada a ver comigo, 2= Tem um pouco a ver comigo, 3= Não sei se tem a ver comigo, 4= Tem a ver comigo e 5= Tem muito a ver comigo). Possui 24 itens que se dividem em seis fatores correspondentes aos seis estilos de amor, a saber: Eros (itens de 1 a 4, e.g.: “*Eu sinto que meu(minha) parceiro(a) e eu*

fomos feitos um para o outro”, $\alpha = 0,78$), Ludus (itens de 5 a 8, e.g. *“Eu gosto do “jogo da sedução” tanto com meu(minha) parceiro(a) quanto com outros(as)”*, $\alpha = 0,49$), Storge (itens de 9 a 12, e.g. *“Com o tempo nossa amizade se transformou gradualmente em amor”*, $\alpha = 0,84$), Pragma (itens de 13 a 16, e.g. *“Um fator importante na escolha do meu(minha) parceiro(a) foi se ele(a) seria ou não um bom pai ou uma boa mãe”*, $\alpha = 0,73$), Mania (itens de 17 a 20, e.g. *“Eu não consigo relaxar se eu suspeitar que meu(minha) parceiro(a) está com outra pessoa”*, $\alpha = 0,67$) e Ágape (itens de 21 a 24, e.g. *“Eu prefiro sofrer eu mesma(o) a deixar meu(minha) parceiro(a) sofrer”*, $\alpha = 0,84$) (Berti et al., 2011).

Itens para a Escala Balanceada de Estilos de Amor (EBEA)

Em planilha foram organizados os itens originais da EAA-r agrupados por fator (estilo de amor) com sua definição, foram construídos itens negativos e mais alguns novos itens positivos, seguindo as diretrizes da International Test Commission (Internacional Test Commission [ITC], 2017), a fim de manter a objetividade, clareza e concisão. Os itens foram discutidos em grupo pelos pesquisadores do Laboratório de Avaliação Psicológica em Saúde Mental da Universidade São Francisco (LAPSaM-USF) e foram realizadas duas rodadas de alterações, em que além do conteúdo foram apuradas e corrigidas questões gramaticais, inconsistências e problemas de redação que poderiam dificultar a compreensão. Os itens foram escritos para contemplar cada estilo de amor e evitar a sua redundância semântica. Seis juízas com experiência na área da avaliação psicológica e construção de instrumentos avaliaram a adequação teórica e semântica dos itens de acordo com a definição de cada estilo de amor, além dos polos opostos. Após essas etapas, um conjunto final de 77 itens (53 novos e aqueles da EAA-r) de autorrelato foi considerado adequado para a coleta. A escala de resposta foi definida como 1= Não tem nada a ver

comigo, 2= Tem um pouco a ver comigo, 3= Não sei se tem a ver comigo, 4= Tem a ver comigo e 5= Tem muito a ver comigo.

Procedimentos

O projeto foi enviado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade São Francisco (CAAE: 33540820.6.0000.5514), posteriormente foi enviado por e-mail um convite para as juízas para participação na pesquisa, para aquelas que aceitaram foi enviado na sequência o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e a EAA-r com o protocolo para avaliação dos juízes (inclusos novos itens). Foi acordado e cumprido um prazo máximo de três semanas para o envio das respostas, sendo que foi avaliada a adequação teórica e semântica dos itens de acordo com a definição de cada estilo de amor, além dos polos opostos. Posteriormente a coleta ocorreu on-line, com o protocolo que foi disponibilizado em grupos e impulsionado em mídias sociais (*Facebook* e *Instagram*) via *Google Forms*, o link continha o TCLE, questionário sociodemográfico e a versão de 77 itens da EBEA, estes foram liberados após o sujeito aceitar voluntariamente participar da pesquisa e declarar ter idade igual ou superior a 18 anos. Os aspectos éticos foram seguidos conforme a resolução 510/2016 (CNS, 2016). O tempo médio de resposta foi de 30 minutos.

Análise dos dados

Estatísticas descritivas foram empregadas para a caracterização da amostra e a inspeção da distribuição das variáveis. A seleção dos itens para compor a escala iniciou com a avaliação da dimensionalidade dos dados. Foram utilizados os seguintes procedimentos: 1) Hull, 2) *very simple structure*, 3) *minimum average partial*, 4) análise

paralela e 5) EGA. As análises foram conduzidas com os programas *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS) versão 22.0.0.0 e Mplus versão 7.

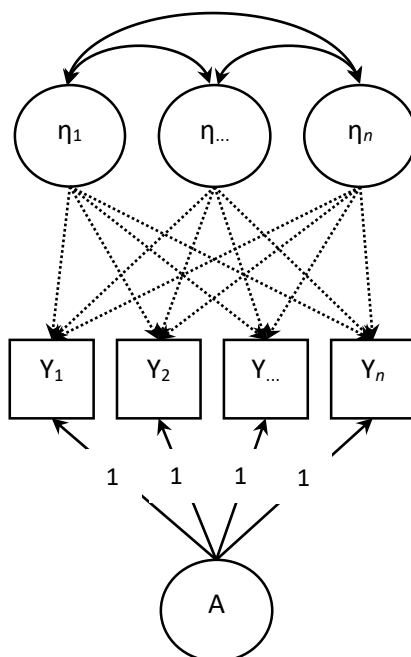


Figura 1. Diagrama representativo do modelo fatorial de interceptos randômicos exploratório-confirmatório.

Resultados

Dimensionalidade

Os dados se mostraram adequados a uma análise fatorial, $KMO = 0,84$. Os métodos divergiram entre si. Isso é esperado tendo a em vista a possível presença da aquiescência. A solução indicada pelo método EGA foi completamente coerente com o modelo esperado. A maioria dos itens foi corretamente agrupada por dimensão, independentemente do polo descritivo. A seleção dos melhores itens foi feita a seguir com análise fatorial.

Tabela 1. *Análise de dimensionalidade dos 77 itens iniciais*

Método	Hull
Hull CFA	9
Hull CFI	2
Hull RMSEA	1
VSS	5 ou 7
MAP	8
PA	9
EGA	6

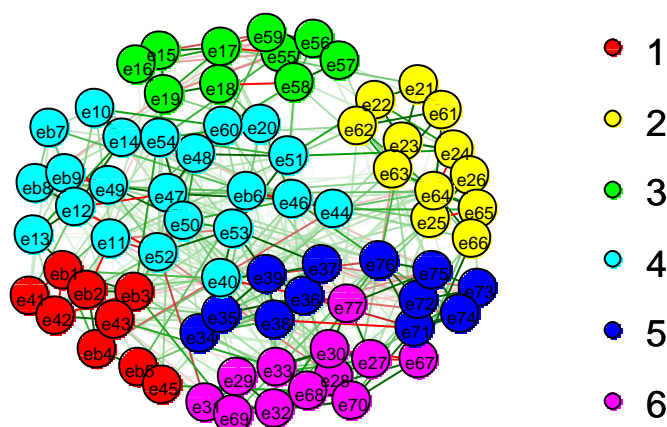


Figura 2. Solução EGA de seis dimensões dos 77 itens candidatos (1=Eros; 2=Pragma; 3=Storge; 4=Ludus; 5=Ágape; 6=Mania).

Seleção de itens e modelos fatoriais

A análise exploratória-confirmatória com interceptos randômicos com os 77 itens iniciais resultou em um ajuste empobrecido, $\chi^2(2478) = 7055.77$, CFI = 0,858, TLI = 0,832, RMSEA = 0,050 (IC 90% 0,048—0,051). Os melhores itens foram selecionados a partir da matriz de cargas resultante. Para manter o instrumento breve, optou-se por manter os melhores três itens positivos e negativos de cada fator, ponderando carga fatorial e cobertura teórica. Dessa seleção, resultaram 36 itens. O ajuste do modelo foi razoável, $\chi^2(428) = 1626.82$, CFI = 0,913, TLI = 0,873, RMSEA = 0,061 (IC 90% 0,058—0,065). A solução fatorial está apresentada na Tabela 2.

Como se pode observar, os fatores do modelo final são perfeitamente coerentes com os seis estilos de amor que embasaram a construção dos itens. Mais especificamente,

para Eros os melhores itens foram 1, 2, 3, 41, 42 e 43, com cargas variando de 0,43 a 0,86; para Pragma os melhores itens foram 21, 23, 26, 62, 64 e 65, com cargas variando de 0,40 a 0,83; para Storge foram os itens 16, 17, 18, 55, 56 e 58, com cargas variando de 0,57 a 0,81; para Ludus foram os itens 9, 12, 14, 48, 50 e 51, com cargas variando de 0,56 a 0,89; para Ágape foram os itens 35, 36, 39, 71, 74 e 76, com cargas variando de 0,66 a 0,85 e para Mania os melhores itens foram 30, 31, 32, 67, 68 e 69, com cargas variando de 0,39 a 0,81.

Tabela 2. *Solução fatorial*

Item	Eros	Pragma	Storge	Ludus	Agape	Mania	ACQ
* 1. Meu(minha) parceiro(a) e eu temos a “química” certa entre nós.	0,86	0,05	-0,06	0,01	0,08	0,01	0,19
* 2. Sinto que meu(minha) parceiro(a) e eu fomos feitos um para o outro.	0,74	0,05	0,03	0,02	0,26	-0,01	0,19
* 3. Meu(minha) parceiro(a) e eu nos entendemos muito bem.	0,61	-0,05	0,13	-0,10	0,00	-0,26	0,19
41. Existe pouca "química" no meu relacionamento.	-0,75	0,07	0,02	-0,00	0,10	-0,08	0,19
42. Sinto que meu(minha) parceiro(a) e eu temos pouca sintonia.	-0,85	0,08	-0,01	-0,01	0,01	0,03	0,19
43. Meu(minha) parceiro(a) e eu costumamos nos desentender.	-0,43	0,02	-0,10	0,11	0,06	0,32	0,19
* 21. O que mais pesou na escolha do meu(minha) parceiro(a) foi como ele(a) seria visto(a) pela minha família.	-0,06	0,46	0,09	-0,04	0,02	-0,04	0,19
* 23. Um fator considerado na escolha do meu(minha) parceiro(a) foi como ele(a) interferiria na minha carreira.	0,04	0,40	0,08	-0,08	-0,16	-0,03	0,19
26. É muito importante pra mim a genética da pessoa com quem me relaciono.	0,00	0,73	-0,04	0,06	-0,01	0,00	0,19
62. É irrelevante se meu(minha) parceiro(a) seria um bom pai ou uma boa mãe.	-0,01	-0,44	-0,00	0,14	-0,01	0,04	0,19
64. Nos meus relacionamentos pouco importam os traços hereditários da pessoa, caso tenhamos filhos.	0,06	-0,83	-0,05	-0,02	0,03	-0,02	0,19
65. Não procuro características específicas para me aproximar de alguém com quem quero me relacionar.	0,03	-0,63	-0,00	0,02	0,02	-0,05	0,19
* 16. Com o tempo nossa amizade se transformou gradualmente em amor.	0,10	0,02	0,69	-0,05	0,01	0,03	0,19
17. Costumo me apaixonar por alguém com quem tenho uma longa amizade.	-0,01	0,06	0,73	-0,00	0,01	0,01	0,19
* 18. Nosso amor é de fato uma profunda amizade, não uma emoção misteriosa e mística.	-0,06	-0,05	0,60	-0,13	0,01	-0,13	0,19
55. É difícil me relacionar de modo romântico com alguém com quem tenho uma longa amizade.	-0,05	-0,00	-0,81	-0,16	-0,02	-0,02	0,19
56. Para mim nem o tempo pode transformar uma amizade em romance.	-0,04	-0,03	-0,81	-0,10	-0,03	-0,04	0,19
58. Nosso amor é um sentimento misterioso, diferente de uma amizade.	0,13	-0,01	-0,57	-0,01	0,03	0,11	0,19
* 9. Meu(minha) parceiro(a) ficaria triste se soubesse das coisas que eu fiz com outras pessoas.	0,02	0,14	-0,10	0,56	0,12	0,15	0,19
12. Tenho segredos que podem magoar meu(minha) parceiro(a).	-0,07	0,09	-0,04	0,64	0,07	0,09	0,19
14. Mesmo estando comprometido(a) acabo paquerando pessoas desconhecidas.	0,01	-0,05	0,04	0,89	-0,05	-0,03	0,19

48. Costumo ter um relacionamento com apenas uma pessoa.	-0,04	0,03	-0,05	-0,76	0,03	0,04	0,19
50. No meu relacionamento, costumo preferir sinceridade em vez de "jogos".	0,06	-0,11	0,06	-0,51	-0,05	0,00	0,19
51. Evito paquerar se estou em um relacionamento.	0,03	0,08	-0,07	-0,86	0,13	0,05	0,19
35. Ver meu(minha) parceiro(a) sofrer é pior do que quando tenho que lidar com o meu sofrimento.	0,11	-0,02	0,04	-0,06	0,66	-0,04	0,19
* 36. Eu não consigo ficar feliz a menos que eu coloque a felicidade do meu(minha) parceiro(a) antes da minha própria.	0,03	0,06	0,01	-0,02	0,80	0,03	0,19
* 39. Eu aguentaria passar por qualquer coisa pelo bem do meu(minha) parceiro(a).	0,11	-0,04	-0,03	-0,03	0,70	0,02	0,19
71. Apesar de amar meu(minha) parceiro(a), o meu bem-estar vem em primeiro lugar.	0,08	0,02	-0,00	-0,03	-0,85	0,00	0,19
74. Mesmo amando meu(minha) parceiro(a), coloco minha felicidade em primeiro lugar.	0,06	0,03	-0,05	0,02	-0,84	0,05	0,19
76. Mesmo amando meu(minha) parceiro(a), existem limites para o que eu conseguiria aguentar.	0,01	0,11	-0,01	-0,13	-0,55	-0,06	0,19
30. Preciso sentir que meu(minha) parceiro(a) me dá atenção que mereço.	0,14	0,06	0,01	0,03	-0,05	0,57	0,19
31. Penso muito na possibilidade do meu(minha) parceiro(a) estar me traindo.	-0,21	-0,15	0,08	-0,03	-0,05	0,81	0,19
32. Em uma relação amorosa gosto de saber de todos os passos do(a) meu(minha) parceiro(a).	0,06	0,03	-0,06	-0,05	0,12	0,60	0,19
67. Tudo bem se meu(minha) parceiro(a) for um pouco distraído em relação a mim.	-0,09	-0,24	0,04	0,01	0,04	-0,48	0,19
68. Quando estou apaixonado(a) minha concentração em outras coisas continua igual.	0,04	-0,07	0,06	-0,07	-0,22	-0,39	0,19
69. Penso pouco na possibilidade do meu(minha) parceiro(a) estar me traindo.	0,19	0,11	-0,06	0,02	-0,04	-0,72	0,19
α	0,82	0,79	0,72	0,75	0,83	0,65	
G6	0,86	0,86	0,80	0,84	0,89	0,76	

* Itens mantidos da EAA-r (Berti et al., 2011).

Fidedignidade e curvas de informação

Na sequência, foram calculadas estimativas de fidedignidade para os escores produzidos pelas seis subescalas da Escala Balanceada de Estilos de Amor. Essas informações também constam na Tabela 2. Como é possível ver, as estimativas variaram de aceitáveis a ótimas. A consistência interna, de acordo com o coeficiente alpha, foi de 0,65 (mania) a 0,83 (ágape), e, pelo coeficiente G6, foi de 0,76 (mania) a 0,89 (ágape). A Figura 3 contém as curvas de informação calculadas para cada subescala. Como se pode ver, as subescalas variaram no que diz respeito à sua cobertura latente. Enquanto Storge proporcionou escores mais fidedignos para indivíduos próximos à média da distribuição latente, Ágape, Mania e Pragma se mostraram mais informativas para escores ligeiramente acima da média. Ludus se mostrou mais precisa para indivíduos bastante acima da média latente, enquanto Eros para indivíduos bastante abaixo da média. Mesmo assim, em todos os casos, um escore próximo à média latente correspondeu a uma fidedignidade de, no mínimo, 0,70 ou um valor próximo disso.

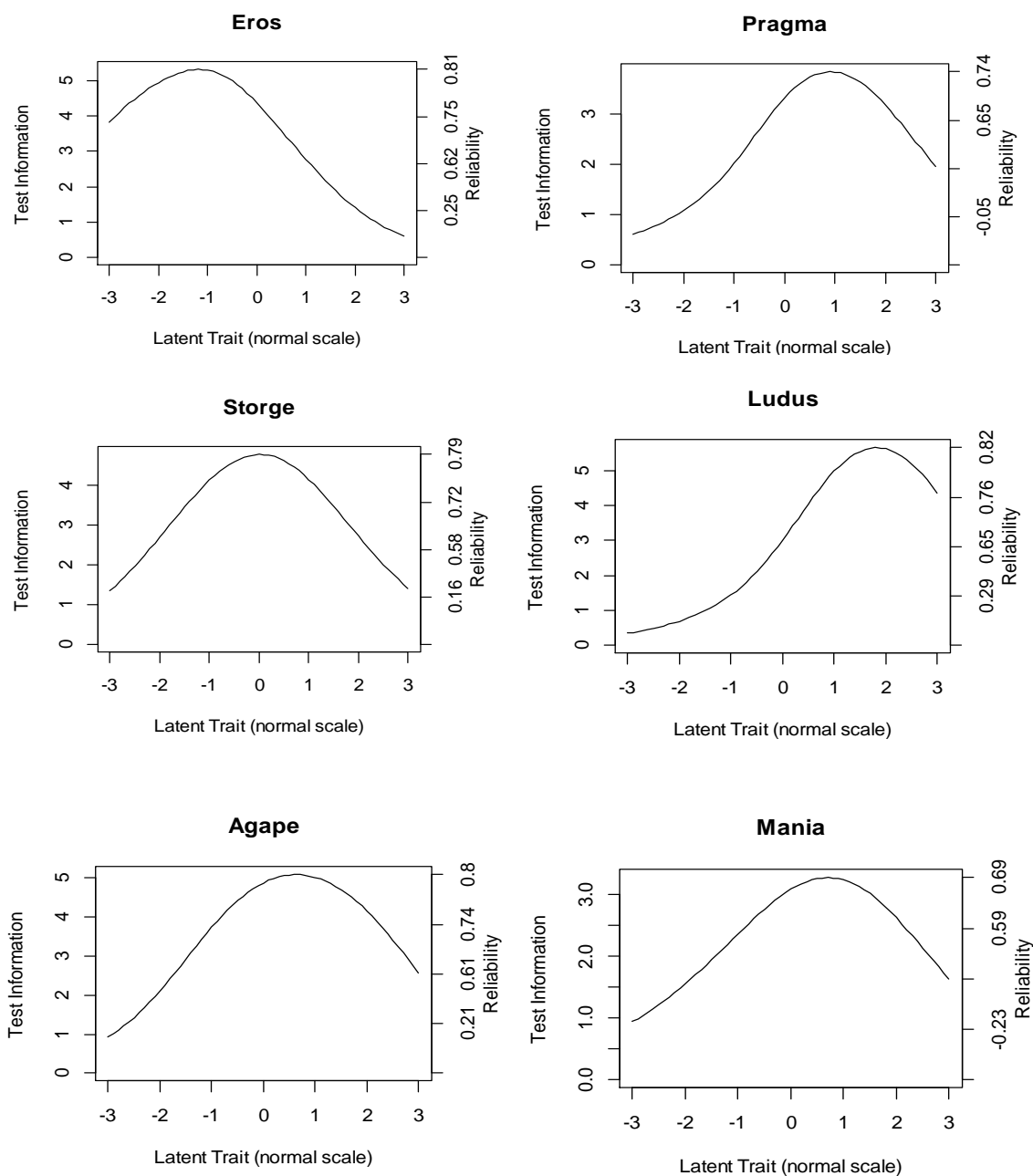


Figura 3. Curvas de informação das escalas

Relação com gênero, orientação sexual e status de relacionamento

Foram comparados os escores dos indivíduos de acordo com o gênero e a orientação sexual, as diferenças observadas constam na Tabela 3. Em relação ao gênero, os não-binários, apesar de serem 1,5% da amostra, apresentaram maiores médias em Eros, Storge, Ludus e Mania. Nesse comparativo mulheres apresentaram médias mais elevadas apenas em Pragma e os homens apresentaram médias ligeiramente mais altas apenas em

Ágape. No comparativo apenas entre homens e mulheres, os homens apresentaram médias maiores em Eros, Storge e Ágape e as mulheres, em Pragma, Ludus e Mania.

Em relação a orientação sexual aqueles que se declararam heterossexuais apresentaram maior média apenas em Pragma. Os homossexuais apresentaram maior média em Ágape e Mania e os bissexuais obtiveram maiores médias em Storge e Ludus. Em Eros a média foi maior e igual para homossexuais e bissexuais, comparado ao grupo heterossexual.

Tabela 3. *Diferenças de média de acordo com o gênero e a orientação sexual*

Subescala	Masculino		Feminino		Não-binário					Heterossexual		Homossexual		Bissexual				
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	$d_{M \times F}$	$d_{M \times NB}$	$d_{F \times NB}$	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	$d_{He \times Ho}$	$d_{He \times B}$	$d_{Ho \times B}$
Eros	3,98	0,73	3,82	0,87	4,23	0,87	0,05	-0,08	-0,12	3,82	0,87	3,89	0,71	3,89	0,85	-0,02	-0,02	0,00
Pragma	2,07	0,66	2,47	0,82	1,76	0,59	-0,13	0,12	0,25	2,49	0,82	2,02	0,66	2,23	0,79	0,16	0,08	-0,07
Storge	3,02	0,86	2,92	1,02	3,33	1,54	0,03	-0,07	-0,08	2,89	0,99	2,74	0,96	3,12	1,01	0,04	-0,06	-0,10
Ludus	1,70	0,72	1,73	0,79	1,91	0,60	-0,01	-0,08	-0,07	1,66	0,74	1,58	0,67	1,99	0,87	0,03	-0,10	-0,13
Ágape	3,01	0,97	2,39	0,89	2,91	0,96	0,17	0,03	-0,14	2,48	0,94	2,61	0,87	2,42	0,89	-0,04	0,02	0,05
Mania	2,66	0,74	2,86	0,83	2,77	0,90	-0,06	-0,03	0,03	2,81	0,83	2,93	0,69	2,85	0,85	-0,04	-0,01	0,03

Nota. M = Masculino, F = Feminino, NB = Não-binário, He = Heterossexual, Ho = Homossexual, B = Bissexual.

Foram comparados os escores de indivíduos que relataram estar em um relacionamento contra os escores daqueles que relataram não estar. As diferenças observadas constam na Tabela 4. Foram também testadas diferenças entre os grupos controlando o possível efeito da idade dos participantes, tendo em vista uma possível influência da maturidade na manifestação dos estilos de amor. O modelo geral não foi significativo para o efeito do status de relacionamento (estar ou não) nos escores na seis subescalas, Traço de Pillai $F(6, 712) = 1,96, p = 0,069, \eta^2 = 0,02$. Novamente, as mesmas diferenças significativas foram observadas para Eros [$F(2, 1) = 36,71, p < 0,001, \eta^2 = 0,05$], Pragma [$F(2, 1) = 11,83, p = 0,001, \eta^2 = 0,02$], Ágape [$F(2, 1) = 4,50, p = 0,034, \eta^2 = 0,01$].

Tabela 4. *Diferenças de média entre indivíduos em um relacionamento e fora*

Subescala	Em um relacionamento		Fora de um relacionamento		<i>d</i>
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	
Eros	3,94	0,82	3,52	0,93	0,49*
Pragma	2,34	0,79	2,58	0,85	-0,29*
Storge	2,94	0,99	2,91	1,03	0,04
Ludus	1,73	0,80	1,69	0,73	0,05
Ágape	2,52	0,92	2,35	0,92	0,18*
Mania	2,80	0,82	2,88	0,83	-0,09

Discussão

O presente estudo buscou testar a plausibilidade da estrutura de seis fatores da EBEA. Conforme o que era teoricamente esperado e corroborando aos estudos anteriores a estrutura de seis fatores da EBEA foi encontrada na presente amostra, de modo semelhante aos relatos de investigações conduzidas em outras culturas, como no Reino Unido (Erwin & Pressler, 2011), Estados Unidos, Austrália, Holanda, Alemanha e Canadá (Fehr et al., 2014; Hammock & Richardson, 2011; Jonason & Kavanagh, 2010), Brasil (Cassepp-Borges & Ferrer, 2019), Peru (Ponce, 2009), Colômbia (Narváez et al., 2016). O padrão de cargas fatoriais foi plenamente interpretável, como sendo os fatores Eros, Ludus, Storge, Pragma, Mania e Ágape do modelo de Lee (1977), e que baseou o desenvolvimento da escala (Hendrick et al., 1998).

Três estudos nacionais anteriores (Andrade & Garcia, 2009; Berti et al., 2011; Cassepp-Borges & Ferrer, 2019) indicaram índices de consistência interna para Ludus abaixo do esperado e adequado (abaixo de 0,60), assim os resultados do presente estudo foram promissores, inicialmente confirmando a hipótese de a aquiescência ter sido um possível viés, bem como alguns problemas na construção de alguns itens. Foi retirado por exemplo o item “Eu acredito que aquilo que o meu(minha) parceiro(a) não sabe sobre mim não vai machucá-lo(a)”, que comumente apresentava baixa carga fatorial, possivelmente pela dupla negativa, que além de deixar o item longo comprometia a capacidade de captar informação sobre o traço latente em questão. Os resultados ainda indicaram maiores valores de consistência interna e maiores cargas fatoriais comparado ao estudo de Andrade e Garcia (2009), incluir o coeficiente G6 também acrescentou algo inédito e positivo as propriedades psicométricas do instrumento e considerou suas especificidades, como a pouca homogeneidade entre as cargas fatoriais.

Em relação ao Ludus, Cassepp-Borges e Andrade (2013) indicaram que as versões em português sempre apresentavam problemas de precisão com índices inferiores a 0,60, o que no presente estudo não ocorreu, mesmo com o controle da aquiescência que conseqüentemente pode diminuir a consistência, porém com um resultado mais próximo a realidade, nesse caso ainda assim o alfa foi de 0,65 e o G6 de 0,76. Na subescala de Ludus apenas um item era da escala original o que pode indicar que haviam problemas na construção dos itens que foram solucionados, como prezar pela escrita simples e direta. Vale dizer que dos 36 melhores itens, selecionados para a versão final da EBEA, apenas 10 são os originais da EAA-r, os demais são inéditos foram escolhidos por apresentarem cargas fatoriais mais elevadas e melhor adequação teórica.

No que se refere as diferenças entre gênero, eram esperadas médias maiores de Ludus em homens e em *Ágape* em mulheres, porém os resultados refutaram o que foi encontrado em estudos anteriores, vale destacar que a diferença entre médias em Ludus foi mínima e que esse

resultado pode ter ocorrido devido a amostra ter sido predominantemente feminina. Acrescentamos o comparativo com o indivíduos não-binários, sendo que apresentaram médias maiores em Eros, Storge e Ludus.

Sobre o comparativo entre pessoas que estavam dentro ou fora de um relacionamento, era esperado que pessoas dentro de um relacionamento mais caracterizadas por Eros e Storge, o que também foi encontrado na presente amostra, e acreditava-se que pessoas fora de um relacionamento seriam mais caracterizadas por Ludus e Mania (Vedes et al., 2016). Entretanto, os resultados não concretizaram totalmente essa segunda hipótese, apenas Mania teve média maior para aqueles fora de um relacionamento. É preciso pontuar que a diferença entre médias foi mínima.

Ao comparar a orientação sexual dos participantes não haviam hipóteses pré-definidas dada a escassez de estudos, mas observou-se que apenas em Pragma os heterossexuais apresentaram maior média, ainda que fossem 69,7% dos participantes, em Ágape e Mania os homossexuais apresentaram maiores médias, e em Eros a média foi maior e igual para homossexuais e bissexuais, comparado ao grupo heterossexual. Acredita-se que para compreender melhor esse funcionamento será necessário investigar se os resultados se repetem em outras amostras e relacionando a traços de personalidade e outros aspectos como aqueles de satisfação conjugal.

Considerações finais

Os resultados do presente estudo como um todo acrescentam evidências de validade a EBEA, com a reprodução da estrutura fatorial de maneira análoga aos estudos que tem avaliado os estilos de amor e de modo inédito controlando a aquiescência em uma amostra brasileira. Estudos futuros podem dar continuidade as investigações que considerem de modo mais amplo e completo a identidade de gênero e orientação sexual dos participantes. Assim como ainda não

há informações neste e em outros estudos da área sobre como se apresentam os estilos de amor em pessoas que estão em relações não monogâmicas, em que possivelmente podem haver diferenças.

Ludus sendo um dos fatores que em estudos anteriores costuma apresentar resultados piores comparados aos outros estilos de amor, em pesquisas futuras acredita-se que seja necessário considerar o viés social e cultural presente na origem na Teoria das Cores do Amor. Até o momento os estudos não tem considerado, por exemplo, as atitudes das pessoas frente a relacionamentos não monogâmicos. Ludus é um dos estilos mais associados a traços patológicos de personalidade, pouca qualidade e satisfação nas relações, porém itens que consideram que todas as pessoas estão em relações com uma única outra pessoa podem ser problemáticos por não considerem outros formatos, que não necessariamente envolvem traição ou “jogos”, podendo dificultar a resposta para alguns indivíduos.

Em relação as curvas de informação, ressalta-se que as subescalas apresentaram funcionamentos ligeiramente diferentes, não captando igualmente os extremos inferiores ou superiores de todos os estilos, assim sugere-se a continuidade dos estudos também com amostras clínicas, principalmente para investigar o perfil de estilos de amor em indivíduos com prejuízos importantes em seus relacionamentos românticos.

Referências

- American Educational Research Association, American Psychological Association, & Nacional Consil on Measurement in Education [AERA, APA, & NCME], (2014). *Standards for Educational and Psychological Testing*. Washington, DC: American Educational Reserach Association.
- Andrade, A. L. De, & Garcia, A. (2009). Atitudes e Crenças sobre o Amor: Versão Brasileira da Escala de Estilos de Amor. *Interpersona*, 3(1), 89–102. Recuperado de

<http://www.scielo.br/pdf/ptp/v30n1/08.pdf>

- Asparouhov, T., & Muthén, B. (2009). Exploratory structural equation modeling. *Structural Equation Modeling: A Multidisciplinary Journal*, 16(3), 397–438. <https://doi.org/10.1080/10705510903008204>
- Berti, M. P., Zilberman, M. L., Sophia, E. C., Gorenstein, C., Pereira, A. P., Lorena, A., ... Tavares, H. (2011). Validação de escalas para avaliação do amor patológico. *Revista de Psiquiatria Clinica*, 38(4), 135–138. <https://doi.org/10.1590/S0101-60832011000400004>
- Brislin, R. (1986). The wording and translation of research instruments. In Lonner, W. & Berry, J. (Eds), *Field methods in cross-cultural research*. Beverly Hills: Sage Publications.
- Cassepp-Borges, V. (2010). *Amor e construtos relacionados: Evidências de validade de instrumentos de medida no Brasil*. (Tese de Doutorado não publicada). Universidade de Brasília, Brasília.
- Cassepp-Borges, V., & Andrade, A. L. De. (2013). Uma breve história das tentativas para medir atributos dos relacionamentos amorosos em língua portuguesa. *Estudos de Psicologia*, 18(4), 621–628. <https://doi.org/https://doi.org/10.1590/S1413-294X2013000400011>
- Cassepp-Borges, V., & Ferrer, E. (2019). Are We Missing the Circumplexity ? An Examination of Love Styles. *Journal of Relationships Research*, 10. <https://doi.org/https://doi.org/10.1017/jrr.2019.13>
- Costa, A. L., Sophia, E. C., Sanches, C., Tavares, H., & Zilberman, M. L. (2015). Pathological jealousy: Romantic relationship characteristics, emotional and personality aspects, and social adjustment. *Journal of Affective Disorders*, 174, 38–44. <https://doi.org/10.1016/j.jad.2014.11.017>
- Danner, D., Aichholzer, J., & Rammstedt, B. (2015). Acquiescence in personality questionnaires : Relevance , domain specificity , and stability. *Journal of Research in Personality*, 57, 119–130. <https://doi.org/10.1016/j.jrp.2015.05.004>

- Davies, M. F. (1996). EPQ correlates of love styles. *Personality and Individual Differences*, 20(2), 257–259. [https://doi.org/10.1016/0191-8869\(95\)00188-3](https://doi.org/10.1016/0191-8869(95)00188-3)
- Erwin, P. G., & Pressler, S. J. (2011). Love Styles, Shyness, and Patterns of Emotional Self-Disclosure. *Psychological Reports*, 108(3), 737–742. <https://doi.org/10.2466/02.09.21.28.PR0.108.3.737-742>
- Fehr, B., Harasymchuk, C., & Sprecher, S. (2014). Compassionate love in romantic relationships: A review and some new findings. *Journal of Social and Personal Relationships*, 31(5), 575–600. <https://doi.org/10.1177/0265407514533768>
- Graham, J. M. (2011). Measuring love in romantic relationships: A meta-analysis. *Journal of Social and Personal Relationships*, 28(6), 748–771. <https://doi.org/10.1177/0265407510389126>
- Hammock, G., & Richardson, D. S. (2011). Love Attitudes and Relationship Experience. *The Journal of Social Psychology*, 151(5), 608–624. <https://doi.org/10.1080/00224545.2010.522618>
- Hendrick, C., & Hendrick, S. S. (1986). A theory and method of love. *Journal of Personality and Social Psychology*, 50(2), 392–402. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.50.2.392>
- Hendrick, C., Hendrick, S. S., & Dicke, A. (1998). The love attitudes scale: Short form. *Journal of Social and Personal Relationships*, 15(2), 147–159. <https://doi.org/10.1177/0265407598152001>
- International Test Commission. (2017). *The ITC Guidelines for Translating and Adapting Testes* (Second edition). <https://www.intestcom.org/>. Translation authorized by Instituto Brasileiro de Avaliação Psicológica (IBAP).
- Johnson, T., Kulesa, P., Cho, Y. I., & Shavitt, S. (2005). The relation between culture and response styles - Evidence from 19 countries. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 36(2), 264–277. <https://doi.org/10.1177/0022022104272905>

- Jonason, P. K., & Kavanagh, P. (2010). The dark side of love: Love styles and the Dark Triad. *Personality and Individual Differences, 49*(6), 606–610. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2010.05.030>
- Lee, J. A. (1977). A Typology of Styles of Loving. *Personality and Social Psychology Bulletin, 3*(2), 173–182. <https://doi.org/10.1177/014616727700300204>
- Marsh, H. W., Ludtke, O., Muthén, B., Morin, A. J. S., Trautwein, U., & Nagengast, B. (2010). A new look at the Big Five factor structure through exploratory structural equation modeling. *Psychological Assessment, 22*(3), 471–491. <https://doi.org/10.1037/a0019227>
- Narváez, B. L. R., Parra, C. E. A., Alonso, M. A. B., & Madera, A. P. (2016). Actitudes hacia el amor en relaciones románticas de jóvenes universitarios. *Praxis & Saber, 8*(16), 155–178. <https://doi.org/10.19053/22160159.v7.n15.2016.5727>
- Neto, F. (1993). Love styles and self-representations. *Personality and Individual Differences, 14*(6), 795–803. [https://doi.org/10.1016/0191-8869\(93\)90092-H](https://doi.org/10.1016/0191-8869(93)90092-H)
- Ponce, A. O. (2009). Estilos de amor, satisfacción y compromiso en relaciones de pareja estables (Tese de Doutorado). Pontificia Universidad Católica del Perú, Lima. doi:10.1017/CBO9781107415324.004
- Rammstedt, B., & Farmer, R. F. (2013). The impact of acquiescence on the evaluation of personahty structure. *Psychological Assessment, 25*(4), 1137–1145. <https://doi.org/10.1037/a0033323>
- Richardson, D. R., Medvin, N., & Hammock, G. (1988). Love styles, relationship experience, and sensation seeking: A test of validity. *Personality and Individual Differences, 9*(3), 645–651. [https://doi.org/10.1016/0191-8869\(88\)90161-4](https://doi.org/10.1016/0191-8869(88)90161-4)
- Stravogiannis, A. L. da C., Kim, H. S., Sophia, E. C., Sanches, C., Zilberman, M. L., & Tavares, H. (2018). Pathological jealousy and pathological love: Apples to apples or apples to

oranges? *Psychiatry Research*, 259(April 2017), 562–570.

<https://doi.org/10.1016/j.psychres.2017.11.029>

Vedes, A., Hilpert, P., Nussbeck, F. W., Randall, A. K., Bodenmann, G., & Lind, W. R. (2016).

Love styles, coping, and relationship satisfaction: A dyadic approach. *Personal Relationships*, 23(1), 84-97. <https://doi.org/10.1111/pere.12112>

White, J. K., Hendrick, S. S., & Hendrick, C. (2004). Big five personality variables and relationship constructs. *Personality and Individual Differences*, 37(7), 1519–1530.

<https://doi.org/10.1016/j.paid.2004.02.019>

Zanon, C., Lessa, J. P. A., & Dellazzana-Zanon, L. L. (2018). Aquiescência em autorrelatos de personalidade: uma comparação de métodos. *Avaliação Psicológica*, 17(4), 428-438.

<http://dx.doi.org/10.15689/ap.2018.1704.3.03>

Estudo de controle de aquiescência da Escala *Levenson* de Psicopatia (Artigo 2)

Samanta Romanin Zuchetto

Nelson Hauck Filho

Resumo: Erros sistemáticos de medida podem ocorrer quando são utilizados instrumentos de autorrelato com formato de resposta tipo Likert em situações de pesquisa. Um estilo mais aquiescente de resposta tem sido um dos problemas na avaliação de traços de personalidade. O objetivo do estudo foi comparar diferentes modelos fatoriais com e sem controle da aquiescência da Escala *Levenson* de Psicopatia visto que estudos anteriores apresentaram alguns resultados divergentes no que se refere a estrutura fatorial. Participaram 481 sujeitos, sendo a maioria homens (61,5%), com idade média de 24,29 anos, da Região Sudeste (74,84%) e majoritariamente universitários (91,5%). A hipótese da divisão de itens positivos e negativos em fatores distintos em função da aquiescência foi parcialmente confirmada. Ao controlar a aquiescência, houve alteração nas cargas fatoriais dos itens ao controlar a aquiescência, além de uma desatenuação na correlação entre o fator composto por itens negativos e seu respectivo fator oposto. Os achados questionam a independência do terceiro fator da Escala *Levenson*, sugerindo que talvez uma estrutura de dois fatores seja mais representativa e parcimoniosa.

Palavras-chave: avaliação psicológica, psicometria, viés de resposta.

Abstract: Systematic errors of measurement can happen when used self-report instruments with Likert response format in research settings. A more acquiescent response style has been one of the problems in the assessment of personality traits. The objective of this study was to compare different factorial models with and without the acquiescence control of the *Levenson* Self-Report Psychopathy scale, as previous studies presented some divergent results regarding the factorial structure. Participants were 481 Brazilians, most men (61.5%) with mean age of 24.29 years and mostly college students (91.5%). In the results the hypothesis of the division of positive and negative items into distinct factors due to acquiescence was partially confirmed. The presence of acquiescence was observed from the reduction of the positive charges and increase of the negative loads of the items that impacted the factorial structure of the instrument. Overall control of acquiescence allowed to refine analyzes of internal structure, as an important source of systematic error variance is controlled.

Keywords: psychological evaluation, psychometry, response bias.

Resumen: Los errores sistemáticos de medida pueden ocurrir cuando se utilizan instrumentos de autorrelato con formato de respuesta tipo Likert en situaciones de investigación. Un estilo de respuesta más aquiescente ha sido uno de los problemas en la evaluación de los rasgos de la personalidad. El objetivo del estudio fue comparar diferentes modelos factoriales con y sin control de la aquiescencia de la escala *Levenson* de psicopatía, ya que estudios anteriores presentaron algunos resultados divergentes en lo que se refiere a la estructura fatorial. Participaron en 481 brasileños, en su mayoría hombres (61,5%) con una edad media de 24,29 años y en su mayoría estudiantes universitarios (91,5%). En los resultados la hipótesis de la división de ítems positivos y negativos en factores distintos en función de la aquiescencia fue

parcialmente confirmada. La presencia de la aquiescencia fue observada a partir de la reducción de las cargas positivas y aumento de las cargas negativas de los ítems que impactaron en la estructura factorial del instrumento. En general, el control de la aquiescencia permitió refinar análisis de estructura interna, ya que una importante fuente de varianza error sistemática fue controlada.

Palabras clave: evaluación psicológica, psicometría, estilo de respuesta.

A psicopatia tem sido compreendida como um construto dimensional que envolve principalmente alta impulsividade, considerável déficit afetivo e manipulação interpessoal (Cleckley, 1976; Cooke & Michie, 2001). Assim, pode ser definida pela presença de características de manipulação, falta de empatia ou remorso, impulsividade, estilo de vida parasitário e a falta de planejamento (Guay et al., 2007). Por serem traços de personalidade socialmente aversivos, que podem ocasionar prejuízos em diversos contextos da vida, a avaliação dessas características mostra-se relevante dentro da Psicologia (Jones & Paulhus, 2014; Wai & Tiliopoulos, 2012).

Um instrumento extensivamente utilizado a nível mundial na avaliação de traços psicopáticos, seja na população geral de adultos (Lilienfeld & Andrews, 1996; Salekin et al., 2014) ou em prisioneiros (Brinkley et al., 2008; Brinkley et al., 2001; Sellbom, 2011) é a Escala *Levenson* de Psicopatia (*Levenson Self-Report Psychopathy – LSRP*) (Levenson et al., 1995). Propriedades psicométricas adequadas foram relatadas tanto na adaptação ao contexto brasileiro (Hauck-Filho & Teixeira, 2014) quanto português (Coelho et al., 2010).

A LSRP foi alvo de estudos em diferentes países, como Estados Unidos (Walters et al., 2008), China (Shou et al., 2016), Itália (Somma et al., 2014), Portugal (Coelho et al., 2010) e Brasil (Hauck-Filho & Teixeira, 2014) e tem acumulado evidências de validade favoráveis. Entretanto, vale ressaltar que os estudos com a LSRP têm apresentado alguns resultados divergentes no que se refere a estrutura fatorial.

Exemplo disso é observado quando se compara os achados de Brinkley et al. (2008), Hauck-Filho e Teixeira (2014) e Somma et al. (2014). O estudo Brinkley et al. (2008) discutiu

um modelo preliminar de três fatores para a LSRP, sendo um primeiro fator (egocêntrico) com itens que mediam comportamento egocêntrico, manipulador e maquiavélico, um segundo fator (antissocial) que parecia medir um estilo de vida raivoso, impulsivo e antissocial e um terceiro fator (insensível) que parecia medir insensibilidade e um estilo de vida predatório. Os próprios autores indicam que uma estrutura de três fatores não havia sido prevista e como limitação que a heterogeneidade étnica na amostra, que era de prisioneiras de duas prisões em diferentes regiões geográficas, pode ter afetado os resultados.

Na sequência Somma et al. (2014) também investigaram a estrutura fatorial da LSRP com a hipótese de encontrar um modelo de três fatores. Apesar dos autores indicarem resultados razoavelmente semelhantes aos fatores relatados por Brinkley et al. (2008), também discorrem que apenas o fator “egocêntrico” apresentou maior semelhança. O fator “antissocial” não foi nomeado da mesma maneira por entenderam que os itens não se referiam a comportamentos antissociais ou desvio social. E o terceiro fator encontrado por eles também não pareceu compatível ao fator “insensível”, sendo que o conteúdo dos itens foi considerado mais representativo de um traço de personalidade mais próximo ao maquiavelismo, com características de falta de sinceridade, manipulação, insensibilidade e baixo “*exploitiveness*”. Segundo os autores a estrutura de três fatores sofreu menos influência das variáveis de idade, sexo, nível educacional e estado civil dos participantes que a estrutura de dois fatores, porém também apresentam como limitação algumas características da amostra como nível educacional e poucos sujeitos com pontuações altas em psicopatia.

No mesmo período Hauck-Filho e Teixeira (2014) indicaram algumas limitações de estudos anteriores para realizar mais uma pesquisa sobre as propriedades psicométricas do LSRP. Consideraram que anteriormente a estrutura fatorial da LSRP foi investigada exclusivamente a partir de amostras estadunidenses e com métodos estatísticos que assumem os dados como distribuídos de forma normal e contínua. Assim, Hauck-Filho e Teixeira (2014)

tiveram como objetivo avaliar a dimensionalidade e o funcionamento diferencial dos itens (DIF) do instrumento em relação ao gênero, em uma amostra brasileira.

Os resultados contrastaram com os dos estudos anteriormente descritos, que sugeriram um ajuste inadequado para o modelo de dois fatores da LSRP. A combinação de métodos estatísticos apropriados para análise de dados categóricos ordenados apoiou uma estrutura de dois fatores representados nos 26 itens do instrumento (psicopatia primária e secundária), sendo que as análises sugeriram que uma solução de dois fatores reduzia as correlações parciais a um valor mínimo. Não foi encontrado nenhum funcionamento diferencial substancial dos itens em relação ao gênero, diferente também de estudos anteriores. Os autores ressaltam que a maioria dos métodos de avaliação de DIF assumem a unidimensionalidade, assim própria multidimensionalidade pode ser uma causa de DIF por si só. Por isso, consideraram como estratégia mais adequada realizar essas análises em cada uma das duas dimensões encontradas e em cada item separadamente. Os autores ressaltam que apesar de não poderem descartar a possibilidade de que os achados reflitam parcialmente as características da amostra, sugerem que o mau ajuste do modelo de dois fatores em investigações anteriores pode ter resultado da heterogeneidade da amostra aliada ao uso de métodos estatísticos que se baseiam em suposições implausíveis (Hauck-Filho, & Teixeira, 2014).

Estudos mais recentes em diferentes países, como Bulgária (Psederska et al., 2020), França (Maheux-Caron et al., 2018) e Holanda (Wissenburg et al., 2022), têm considerado que o instrumento se organiza em três fatores. Quando os resultados encontrados não são os mais adequados os autores tem indicado como limitação a pouca quantidade de itens que representa o fator de insensibilidade (Wissenburg et al., 2022). Entretanto, são ignorados outros possíveis problemas, como vieses de resposta.

Na tentativa de melhorar as propriedades psicométricas da LSRP, considerando a estrutura de três fatores, um estudo na Austrália (Christian, & Sellbom, 2015) e outro na França

(Maheux-Caron et al., 2018) optaram por aumentar a quantidade de itens de polo positivo. Os autores franceses indicaram que um fator formado apenas por itens de polo negativo poderia ser responsável pelos problemas do ajuste aos dados que as pesquisas tem encontrado, por serem itens que podem gerar maior dificuldades e confusão para os respondentes. Segundo eles, um possível controle de viés de aquiescência não resolveria o problema por resultar em uma escala que mediria algo que não era a proposta dos autores originais do instrumento. Entretanto, não há estudos para corroborar ou refutar essa hipótese pouco detalhada.

A literatura tem indicado que alguns erros sistemáticos de medida podem ocorrer quando utilizam-se instrumentos de autorrelato com formato de resposta tipo Likert em situações de pesquisa. Todavia, em nenhuma das pesquisas apresentadas, foi investigada a hipótese de que estilos de respostas poderiam contaminar os dados e distorcer a estrutura fatorial, mas um estudo chinês, por exemplo, destacou que a tendência de evitar valores extremos entre os participantes chineses pode ser um fator que influencia as médias dos fatores latentes da LSRP, indicando a necessidade de investigar os erros sistemáticos de respostas (Shou et al., 2016).

A aquiescência ocorre quando alguns respondentes concordam com os itens independentemente do seu conteúdo (Paulhus, 1991). Evidências sugerem que esse viés é capaz de alterar as médias e desvios-padrão dos escores de um teste, distorcer a correlação entre os itens e a estrutura fatorial e atenuar ou inflacionar a correlação com critérios externos (Couch & Keniston, 1960; Hofstee et al., 1998; Kam & Meyer, 2015; Mirowsky & Ross, 1991). De fato, esse estilo mais aquiescente de resposta tem sido relatado como um dos problemas na avaliação de traços de personalidade via autorrelato (Danner et al., 2015; McCrae, 2018; Rammstedt & Farmer, 2013; Rammstedt et al., 2013). Mais especificamente, um problema clássico da presença da aquiescência é a ocorrência de fatores contendo apenas itens reversos (Schmitt & Stuits, 1985). Ao inflacionar as médias de todos os itens de uma escala

independentemente do conteúdo, a aquiescência atenua a correlação negativa entre itens com semântica oposta. Isso faz com que itens de uma mesma dimensão teórica, mas de polos opostos, emergam como fatores distintos em uma análise fatorial (Kam & Meyer, 2015).

A fim de aprofundar os conhecimentos sobre as propriedades psicométricas da LSRP, o presente estudo objetiva comparar diferentes modelos fatoriais com e sem controle da aquiescência da escala. Para tanto, será realizada a *Random Intercept Factor Analysis* que consiste justamente em incluir um fator com carga fixada em todos os itens na análise para investigar o impacto na estrutura fatorial do instrumento. Ao controlar a aquiescência, a principal hipótese é que para o modelo com três fatores, a psicopatia primária divide-se em dois fatores, mas compostos por itens positivos e negativos de um mesmo construto, então espera-se que a correlação negativa entre esses dois fatores aumente consideravelmente. Assim o resultado poderá corroborar a literatura em relação a estrutura de dois fatores que compoem a psicopatia (Hare & Neumann, 2008; Hauck et al., 2015; Jones & Paulhus, 2014; Karpman, 1948). Acredita-se que o procedimento irá atenuar cargas fatoriais positivas, desatenuar cargas negativas e apresentar um melhor ajuste aos dados, quando comparado a análise que não controla a aquiescência (Aichholzer, 2014; Kam et al., 2012).

Método

Participantes

Participaram 481 sujeitos, de uma amostra por conveniência. Destes foram 61,5% (N=295) homens e 38,5% (N=185) mulheres, com idade entre 18 a 62 anos (M=24,29; SD=7,7), sendo 74,84% (N=360) da Região Sudeste e 25,16% (N=121) da Região Nordeste e majoritariamente universitários (91,5%; N=440).

Instrumento

Escala *Levenson* de Psicopatia (*Levenson Self-Report Psychopathy - LSRP*) (Levenson et al., 1995)

A LSRP é um instrumento de autorrelato, com resposta tipo Likert de 4 pontos, em que 1 indica “Totalmente falso” e 4 “Totalmente verdadeiro”. É composto por 26 itens organizados em duas escalas: Psicopatia Primária (17 itens; e.g. “*Cuidar de mim mesmo é a minha maior prioridade*”) e Psicopatia Secundária (9 itens; e.g. “*Eu não planejo nada com muita antecedência*”). A versão em português do Brasil foi desenvolvida por Hauck-Filho e Teixeira (2014) e seguiu as diretrizes sugeridas por Geisinger (1994).

Procedimentos

Foi realizado contato com a universidade solicitando autorização para a realização da pesquisa com os universitários. O projeto foi encaminhado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CAAE: 53659515.2.0000.5514). Foram agendadas previamente com os professores as aplicações coletivas em salas de aula. Aqueles que não eram universitários foram convidados individualmente a participar e localizados a partir da rede de contato pessoal dos pesquisadores. Os procedimentos éticos foram adotados em todo processo de coleta de dados. A aplicação foi presencial, o tempo médio aproximado de aplicação foi de 15 minutos.

Análise de Dados

Estatísticas descritivas foram empregadas para a caracterização da amostra e a inspeção da distribuição das variáveis. As análises foram conduzidas com os programas *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS) versão 22.0.0.0 e *Mplus* versão 7. Para realizar o controle de aquiescência foi utilizada a *Random Intercept Factor Analysis* (IR).

Para verificar os ajustes, cargas fatoriais e correlações entre os fatores foram testados e comparados quatro modelos diferentes. O modelo A, por meio de análise fatorial confirmatória (CFA), ou seja, um modelo restrito, sem cargas cruzadas e para três fatores. O modelo B por meio de CFA para dois fatores. O modelo C por meio de CFA IR para três fatores. E o modelo

D por meio de CFA IR para dois fatores. Os índices de ajuste analisados foram o qui-quadrado (χ^2), indicador que analisa a probabilidade do modelo escolhido se ajustar aos dados, *Root Mean Square Error of Aproximation* (RMSEA) que é um indicador de resíduos em que espera-se encontrar valores menores que 0,06, *Comparative Fit Index* (CFI) e o *Tucker-Lewis Index* (TLI) em que valores próximos de um indicam um modelo bem ajustado.

Resultados

Na Tabela 1 constam os ajustes dos modelos A, B, C e D. Os resultados encontrados indicaram que tanto para a estrutura com três fatores quanto para a de dois fatores, ao realizar o controle de aquiescência o ajuste aos dados apresentou índices RMSEA, CFI e TLI mais adequados (Modelos C e D). O modelo C resultou em índices ligeiramente melhores que o modelo D.

Tabela 1.
Ajuste dos Modelos

Amostra total	χ^2	gl	RMSEA	CFI	TLI
<i>Sem controle de aquiescência</i>					
Modelo A	1027.49*	296	0.072	0.872	0.860
Modelo B	1463.38*	298	0.090	0.796	0.778
<i>Com controle de aquiescência</i>					
Modelo C	833.816*	295	0.062	0.906	0.896
Modelo D	893.188*	297	0.065	0.896	0.886

Na tabela 2 estão as cargas fatoriais de cada modelo, sendo que nos modelos A e C foram analisadas estruturas de três fatores e para os modelos B e D dois fatores. Verificou-se que independentemente da quantidade de fatores da estrutura proposta, ao controlar a aquiescência todas as cargas diminuem, em todos os itens de todos os modelos.

No que refere-se a correlação entre fatores, o modelo A apresentou correlação de -0.404 entre Fator 1 e 2, 0.539 entre Fator 1 e 3, e -0,170 entre Fator 2 e 3, enquanto o modelo C, com o controle de aquiescência, apresentou valores mais expressivos: -0.717, 0.434 e -0.469, respectivamente. No modelo B a correlação entre fatores foi de 0.526 e no modelo D de 0.456.

Os resultados confirmam a principal hipótese de que ao controlar a aquiescência em um modelo com três fatores, a psicopatía primária se divide em dois fatores compostos por itens positivos e negativos, o que é evidenciado pelo aumento considerável da correlação negativa entre F1 e F2 no modelo C.

Tabela 2.
Cargas Fatoriais

Item	Modelo A			Modelo C			Modelo B		Modelo D	
	F1	F2	F3	F1	F2	F3	F1	F2	F1	F2
LS1	0.699			0.636			0.696		0.615	
LS2	0.735			0.677			0.733		0.659	
LS3	0.775			0.724			0.773		0.710	
LS4	0.798			0.740			0.796		0.722	
LS5	0.793			0.738			0.789		0.718	
LS6	0.785			0.722			0.782		0.703	
LS7	0.816			0.758			0.813		0.738	
LS8	0.525			0.445			0.520		0.423	
LS9	0.733			0.666			0.730		0.645	
LS10		0.499			0.465		-0.234		-0.400	
LS11	0.661			0.600			0.657		0.584	
LS12		0.582			0.529		-0.273		-0.448	
LS13	0.670			0.617			0.668		0.604	
LS14		0.726			0.623		-0.362		-0.539	
LS15		0.619			0.568		-0.314		-0.487	
LS16		0.753			0.671		-0.383		-0.568	
LS17			0.582			0.496		0.578		0.485
LS18			0.517			0.432		0.516		0.414
LS19			-0.140			-0.353		-0.149		-0.388
LS20			0.398			0.334		0.396		0.324
LS21			0.584			0.536		0.584		0.529
LS22			0.706			0.611		0.703		0.598
LS23			-0.234			-0.483		-0.249		-0.519
LS24			0.647			0.562		0.651		0.540
LS25			0.480			0.373		0.478		0.353
LS26	0.361			0.277			0.356		0.216	

Discussão e Considerações Finais

Este estudo consistiu na aplicação do modelo *Random Intercept* para modelagem da estrutura latente da escala LSRP. A hipótese da divisão de itens positivos e negativos em fatores distintos em função da aquiescência foi parcialmente confirmada. Conforme hipotetizado, no modelo C (três fatores e controle de aquiescência), o Fator 2 resultou em um

grupo composto por apenas itens negativos. O controle da aquiescência, em congruência ao que se esperava, fortaleceu a correlação negativa entre os fatores 1 e 2 nos modelos de 3 fatores, sendo que a correlação passou de -0.404 para -0,717 quando controlado esse viés. Essa alta correlação é sugestiva de que esses dois fatores possuem um forte componente em comum. A interpretação aqui lançada é que se trata de apenas de um fator geral de psicopatia primária. Esse resultado pode explicar que o modelo de três fatores indicado por Somma et al. (2014) continua representando as mesmas duas dimensões da psicopatia—primária e secundária—conforme os demais achados da literatura (Fowles & Dindo, 2009; Hare & Neumann, 2008; Karpman, 1948). É possível ainda que os três fatores encontrados por Somma et al. (2014) sejam também reflexo da presença de aquiescência.

Outros indícios da presença da aquiescência também podem ser observados a partir de outros achados, como a redução das cargas positivas e aumento das cargas negativas ao comparar os modelos B e D. Por exemplo, o item 7 de psicopatia primária —“*As pessoas que são burras o suficiente para serem enganadas geralmente merecem isso*”—passou de 0.813 para 0.738 e o item 23 de psicopatia secundária—“*Antes de fazer qualquer coisa, eu penso com cuidado nas possíveis consequências*”—passou de -0.249 para -0.519, esse padrão foi observado em todos os itens. Assim como Rammstedt e Farmer (2013) concluíram que o estilo de resposta aquiescente apresentou impacto significativo por exemplo na estrutural fatorial do *Big Five Inventory*, o mesmo parece acontecer com a LSRP.

Os resultados indicam de modo geral que o controle da aquiescência possibilita refinar análises de estrutura interna, uma vez que uma importante fonte de erro sistemático é controlada. O fato das cargas fatoriais diminuírem não indica que o instrumento não esteja adequado, pelo contrário, se após o controle desse viés a estrutura fatorial se mantém, temos um indicativo a mais de que os itens estão conseguindo avaliar o construto em questão, uma evidência a mais de validade, bem como Rammstedt et al. (2013) já discutiram anteriormente.

Este é um estudo inicial, que apesar de resultados favoráveis as hipóteses construídas, possui limitações. Alguns autores já indicaram que o nível socioeconômico e de instrução influencia diretamente no modo como as pessoas respondem instrumentos de autorrelato que avaliam traços de personalidade (Danner et al., 2015; McLarnon, & Carswell, 2013). Por isso, seria importante ainda investigar se os benefícios do controle da aquiescência se fazem salientes também em outros contextos, em outras amostras diferentes. Estudos transculturais comparando países e controlando estilos de resposta são ainda necessários na área.

Referências

- Aichholzer, J. (2014). Random intercept EFA of personality scales. *Journal of Research in Personality, 53*, 1–4. <https://doi.org/10.1016/j.jrp.2014.07.001>
- Brinkley, C. A., Diamond, P. M., Magaletta, P. R., & Heigel, C. P. (2008). Cross-validation of Levenson's Psychopathy Scale in a sample of federal female inmates. *Assessment, 15*(4), 464–482. <https://doi.org/10.1177/1073191108319043>
- Brinkley, C. A., Schmitt, W. A., Smith, S. S., & Newman, J. P. (2001). Construct validation of a self-report psychopathy scale: does Levenson's self-report psychopathy scale measure the same constructs as Hare's psychopathy checklist-revised? *Personality and Individual Differences, 31*, 1021–1038. [https://doi.org/10.1016/S0191-8869\(00\)00178-1](https://doi.org/10.1016/S0191-8869(00)00178-1)
- Cleckley, H. (1976). *The mask of sanity* (5th ed.). St. Louis, MO: Mosby.
- Coelho, L., Paixão, R., & Silva, J. T. (2010). O Levenson's Self Report Psychopathy Scale (LSRP). *Psychologica, 53*, 313–328. Recuperado de <https://impactum-journals.uc.pt/psychologica/article/view/1096/544>
- Couch, A., & Keniston, K. (1960). Yeasayers and naysayers: Agreeing response set as a personality variable. *The Journal of Abnormal and Social Psychology, 60*(2), 151–174. <https://doi.org/10.1037/h0040372>

- Christian, E., & Sellbom, M. (2015). Development and Validation of an Expanded Version of the Three-Factor Levenson Self-Report Psychopathy Scale. *Journal of Personality Assessment*. <https://doi.org/10.1080/00223891.2015.1068176>
- Danner, D., Aichholzer, J., & Rammstedt, B. (2015). Acquiescence in personality questionnaires: Relevance, domain specificity, and stability. *Journal of Research in Personality*, *57*, 119–130. <https://doi.org/10.1016/j.jrp.2015.05.004>
- Fowles, D. C., & Dindo, L. (2009). Temperament and psychopathy: A dual-pathway model. *Current Directions in Psychological Science*, *18*(3), 179–183. <https://doi.org/10.1111/j.1467-8721.2009.01632.x>
- Guay, J. P., Ruscio, J., Knight, R. A., & Hare, R. D. (2007). A taxometric analysis of the latent structure of psychopathy: Evidence for dimensionality. *Journal of Abnormal Psychology*, *116*(4), 701–716. <https://doi.org/10.1037/0021-843X.116.4.701>
- Hare, R. D., & Neumann, C. S. (2008). Psychopathy as a clinical and empirical construct. *Annual Review of Clinical Psychology*, *4*(1), 217–246. <https://doi.org/10.1146/annurev.clinpsy.3.022806.091452>
- Hauck-Filho, N., & Teixeira, M. A. P. (2014). Revisiting the Psychometric Properties of the Levenson Self-Report Psychopathy Scale. *Journal of Personality Assessment*, *96*(4), 459–464. <https://doi.org/10.1080/00223891.2013.865196>
- Hauck, N., Salvador-Silva, R., & Teixeira, M. A. P. (2015). Análise Psicométrica Preliminar de um Instrumento de Autorrelato para Avaliar Traços de Psicopatia. *Psico-USF*, *20*(2), 333–348. <https://doi.org/10.1590/1413-82712015200213>
- Hofstee, W. K. B., Berge, J. M. F. T., & Hendriks, A. A. J. (1998). How to score questionnaires. *Personality and Individual Differences*, *25*(5), 897–909. [https://doi.org/10.1016/S0191-8869\(98\)00086-5](https://doi.org/10.1016/S0191-8869(98)00086-5)
- Jones, D., & Paulhus, D. (2014). Introducing the short dark triad (SD3) a brief measure of dark

- personality traits. *Assessment*. Recuperado de <http://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/1073191113514105>
- Kam, C. C. S., & Meyer, J. P. (2015). How Careless Responding and Acquiescence Response Bias Can Influence Construct Dimensionality. *Organizational Research Methods, 18*(3), 512–541. <https://doi.org/10.1177/1094428115571894>
- Kam, C., Zhou, X., Zhang, X., & Ho, M. Y. (2012). Examining the dimensionality of self-construals and individualistic-collectivistic values with random intercept item factor analysis. *Personality and Individual Differences, 53*(6), 727–733. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2012.05.023>
- Karpman, B. (1948). The myth of the psychopathic personality. *American Journal of Psychiatry, 104*(9), 523–534. <https://doi.org/10.1176/ajp.104.9.523>
- Levenson, M. R., Kiehl, K. A., & Fitzpatrick, C. M. (1995). Assessing psychopathic attributes in a noninstitutionalized population. *Journal of Personality and Social Psychology, 68*(1), 151–158. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.68.1.151>
- Lilienfeld, S. O., & Andrews, B. P. (1996). Development and preliminary validation of a self-report measure of psychopathic personality traits in noncriminal population. *Journal of Personality Assessment, 66*(3), 488–524. <https://doi.org/10.1207/s15327752jpa6603>
- Maheux-caron, V., Gamache, D., Sellbom, M., Christian, E., Lussier, Y., & Savard, C. (2018). French Adaptation and Validation of the Expanded Version of the Three-Factor Levenson Self-Report Psychopathy Scale. *Assessment*. <https://doi.org/10.1177/1073191118811607>
- McCrae, R. R. (2018). Method biases in single-source personality assessments. *Psychological Assessment, 30*(9), 1160–1173. <https://doi.org/10.1037/pas0000566>
- McLarnon, M. J. W., & Carswell, J. J. (2013). The personality differentiation by intelligence hypothesis: A measurement invariance investigation. *Personality and Individual Differences, 54*(5), 557–561. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2012.10.029>

- Mirowsky, J., & Ross, C. E. (1991). Eliminating Defense and Agreement Bias from Measures of the Sense of Control: A 2 X 2 Index. *Social Psychology Quarterly*, *54*(2), 127. <https://doi.org/10.2307/2786931>
- Paulhus, D. L. (1991). Measurement and control of response styles. In J. P. Robinson, P. R. Shaver, & L. S. Wrightsman (Eds.), *Measures of personality and social psychological attitudes* (pp. 17–59). San Diego, CA: Academic Press.
- Psederska, E., Yankov, G. P., Bozgunov, K., Popov, V., Vasilev, G., & Vassileva, J. (2020). Validation of the Levenson Self-Report Psychopathy Scale in Bulgarian Substance-Dependent Individuals. *Frontiers in Psychology*, *11*, 1–19. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2020.01110>
- Rammstedt, B., & Farmer, R. F. (2013). The impact of acquiescence on the evaluation of personahty structure. *Psychological Assessment*, *25*(4), 1137–1145. <https://doi.org/10.1037/a0033323>
- Rammstedt, B., Kemper, C. J., & Borg, I. (2013). Correcting Big Five personality measurements for acquiescence : An 18-country cross-cultural study. *European Journal of Personality*, *81*, 71–81. <https://doi.org/10.1002/per>
- Salekin, R. T., Chen, D. R., Sellbom, M., Lester, W. S., & Macdougall, E. (2014). Examining the factor structure and convergent and discriminant validity of the Levenson Self-Report Psychopathy Scale : Is the two-factor model the best fitting model ? *Personality Disorders: Theory, Research, and Treatment*, *5*(3), 289–304. <https://doi.org/10.1037/per0000073>
- Schmitt, N., & Stuits, D. M. (1985). Factors Defined by Negatively Keyed Items: The Result of Careless Respondents? *Applied Psychological Measurement*, *9*(4), 367–373. <https://doi.org/10.1177/014662168500900405>
- Sellbom, M. (2011). Elaborating on the construct validity of the Levenson Self-Report Psychopathy Scale in incarcerated and non-incarcerated samples. *Law and Human*

Behavior, 35, 440–451. <https://doi.org/10.1007/s10979-010-9249-x>

- Shou, Y., Sellbom, M., & Han, J. (2016). Evaluating the construct validity of the Levenson Self-Report Psychopathy Scale in China. *Assessment*, 1–16. <https://doi.org/10.1177/1073191116637421>
- Somma, A., Fossati, A., Patrick, C., & Maffei, C. (2014). The three-factor structure of the Levenson Self-Report Psychopathy Scale : Fool ' s gold or true gold ? A study in a sample of Italian adult non-clinical participants. *Personality and Mental Health*, 8, 337–347. <https://doi.org/10.1002/pmh>
- Wai, M., & Tiliopoulos, N. (2012). The affective and cognitive empathic nature of the Dark Triad of personality. *Personality and Individual Differences*, 52(7), 794–799. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2012.01.008>
- Walters, G. D., Brinkley, C. A., Magaletta, P. R., & Diamond, P. M. (2008). Taxometric analysis of the Levenson Self-Report Psychopathy Scale. *Journal of Personality Assessment*, 90(5), 491–498. <https://doi.org/10.1080/00223890802248828>
- Wissenburg, S., Garofalo, C., Blokland, A., Palmén, H., & Sellbom, M. (2022). Longitudinal validation of the Levenson Self-Report Psychopathy (LSRP) Scale in a high-risk Dutch community sample. *Ass*, 29(3), 367–384. <https://doi.org/10.1177/1073191120975130>

A dimensionalidade de aspectos saudáveis e patológicos da personalidade e dos estilos de amor (Artigo 3)

Samanta Romanin Zuchetto

Nelson Hauck Filho

Resumo: A partir de resultados de estudos anteriores, acredita-se que pode existir um efeito moderador em traços psicopatológicos da personalidade na relação entre os estilos de amor e ciúme romântico com a satisfação conjugal. O objetivo desse estudo foi investigar a dimensionalidade de aspectos saudáveis e patológicos da personalidade e do estilo pessoal de se relacionar romanticamente. Além disso, investigar o quanto os fatores de aspectos saudáveis e patológicos da personalidade e do estilo pessoal de se relacionar romanticamente explicam a satisfação conjugal e as correlações entre as variáveis estudadas. Participaram 743 indivíduos da população geral, que responderam um questionário sociodemográfico, a Escala Balanceada de Estilos de Amor, a Escala de Ciúme Romântico-versão reduzida, a Escala Levenson de Psicopatia, alguns fatores do Inventário Dimensional Clínico da Personalidade – 2 e a Escala de Satisfação Conjugal. Os resultados indicaram um modelo inicial com cinco fatores nomeados: Afetividade Negativa, Amor Apaixonado, Ciúme e Controle, Manipulação e Impulsividade e Descontrole, sendo que os dois primeiros apresentaram contribuição significativa para a explicação da satisfação conjugal. As relações mais saudáveis e em que as pessoas sentem-se mais satisfeitas, parecem ser aquelas em que o perfil romântico das pessoas é formado por níveis mais baixos de Mania e Ludus e mais elevados de Eros e Storge, que praticamente não se relacionam aos traços patológicos, enquanto Ágape e Pragma não parecem impactar tanto a satisfação com a relação amorosa.

Palavras-chave: Relacionamento romântico, Satisfação conjugal, Traços psicopatológicos.

Abstract: From the results of previous studies, it is believed that there may be a moderating effect on psychopathological personality traits in the relationship between love styles and romantic jealousy with marital satisfaction. The aim of this study was to investigate the dimensionality of healthy and pathological aspects of personality and personal style of romantic relationships. In addition, to investigate how factors of healthy and pathological aspects of personality and personal style of romantic relationships explain marital satisfaction and the correlations between the variables studied. Participants were 743 individuals from the general population, who answered a sociodemographic questionnaire, the Balanced Love Styles Scale, the Romantic Jealousy Scale-short version, the Levenson Self-Report Psychopathy, some factors from the Dimensional Clinical Personality Inventory - 2 and the Marital Satisfaction Scale. The results indicated an initial model with five named factors: Negative Affectivity, Passionate Love, Jealousy and Control, Manipulation and Impulsiveness and Lack of control, the first two of which presented a significant contribution to the explanation of marital satisfaction. The healthiest relationships, and in which people feel more satisfied, seem to be those in which people's romantic profile is formed by lower levels of Mania and Ludus and higher levels of Eros and Storge, which are practically unrelated to the traits. pathological, while Agape and Pragma do not seem to impact satisfaction with the love relationship as much.

Keywords: Romantic relationship, Marital satisfaction, Psychopathological traits

Resumen: A partir de los resultados de estudios previos, se cree que puede existir un efecto moderador de los rasgos psicopatológicos de personalidad en la relación entre los estilos amorosos y los celos románticos con la satisfacción conyugal. El objetivo de este estudio fue investigar la dimensionalidad de los aspectos sanos y patológicos de la personalidad y el estilo personal de las relaciones románticas. Además, investigar cómo los factores de los aspectos saludables y patológicos de la personalidad y el estilo personal de las relaciones románticas explican la satisfacción conyugal y las correlaciones entre las variables estudiadas. Participaron 743 individuos de la población general, que respondieron un cuestionario sociodemográfico, la Escala Balanceada de Estilos de Amor, la Escala de Celos Románticos-versión corta, la Escala Levenson de Psicopatía, algunos factores del Inventario Clínico Dimensional de Personalidad - 2 y la Satisfacción Marital. Los resultados indicaron un modelo inicial con cinco factores denominados: Afectividad Negativa, Amor Apasionado, Celos y Control, Manipulación e Impulsividad y Falta de control, los dos primeros de los cuales presentaron una contribución significativa para la explicación de la satisfacción conyugal. Las relaciones más sanas, y en las que las personas se sienten más satisfechas, parecen ser aquellas en las que el perfil romántico de las personas está formado por niveles más bajos de Mania y Ludus y niveles más altos de Eros y Storge, que prácticamente no guardan relación con los rasgos patológicos, mientras que Agape y Pragma no parecen impactar tanto en la satisfacción con la relación amorosa.

Palabras clave: Relación romántica, Satisfacción marital, Características psicopatológicas

Os relacionamentos amorosos impactam de modo amplo a vida das pessoas, seja positiva ou negativamente. A partir de resultados de estudos anteriores, acredita-se que pode existir um efeito moderador em traços psicopatológicos da personalidade na relação entre os estilos de amor e ciúme romântico com a satisfação conjugal. Isso porque são observadas, por exemplo, correlações moderadas entre os estilos de amor, entre os traços de psicopatía com Ludus e Mania, entre traços da personalidade borderline com Mania, e ainda nas correlações e predições entre os estilos de amor e com a satisfação conjugal. Assim justifica-se a continuidade dos estudos e a expectativa de encontrar resultados similares aqueles que a literatura tem apresentado (Chin et al., 2017; Graham, 2011; Jonason & Kavanagh, 2010; Jonason et al., 2020; Zadeh & Bozorgi, 2016).

A satisfação conjugal, de modo geral, é definida por uma avaliação subjetiva do casamento ou de um relacionamento estável (Miranda, 1987; Scorsolini-Comin & Santos, 2010). Para construir essa avaliação, o indivíduo realiza comparações entre suas expectativas sobre a relação, a partir de aspectos socioculturais e de sua percepção do relacionamento que

vivência. A satisfação conjugal é um construto complexo que envolve diferentes variáveis, como características de personalidade, experiência familiar, maneiras de se relacionar afetivamente.

Os estudos têm destacado que são muitos e variados os aspectos que fazem alguém concluir que está em uma relação de qualidade, não havendo resposta simples para essa questão (Mosmann et al., 2006; Scorsolini-Comin, & Santos, 2009; Scorsolini-Comin, & Santos, 2010). Para avaliação da satisfação conjugal no contexto brasileiro a Escala de Satisfação Conjugal (ESC; Dela Coleta, 1989) tem sido utilizada (Hernandez et al., 2017; Ribeiro et al., 2011; Sardinha et al., 2009; Villa & Del Prette, 2013). O estudo de Hernandez et al. (2017) realizou a revisão da estrutura fatorial do instrumento e teve por objetivo investigar as evidências de validade para a ESC. Os resultados indicaram que a fidedignidade estimada variou de 0,85 a 0,93 e manteve os três fatores que foram identificados anteriormente nas pesquisas (Hernandez et al., 2017).

O estudo de Vedes et al. (2016) buscou investigar as correlações e efeito preditivo entre os estilos de amor, *dyadic coping* (enfrentamento diádico – processo em que o um dos parceiros comunica seu estresse ao outro, que reage oferecendo suporte positiva ou negativamente) e satisfação com o relacionamento em uma amostra composta por 92 casais heterossexuais suíços. Os resultados indicaram que os estilos de amor Eros e Ágape têm efeitos diretos positivos no enfrentamento diádico e na satisfação com o relacionamento, enquanto o Ludus tem um efeito direto negativo nessas variáveis. Foi indicado também que no geral, as associações foram mais acentuadas para as mulheres do que para os homens.

Ainda parece difícil afirmar como os estilos de amor exercem efeito nos níveis de satisfação conjugal e que outras variáveis podem estar envolvidas. Na presente pesquisa foi incluso o ciúme romântico e alguns traços psicopatológicos da personalidade. A relação que acontece entre duas variáveis pode depender de uma terceira, nomeada de variável moderadora,

nesse caso os traços psicopatológicos. As variáveis moderadoras exercem efeito na intensidade e/ou direção da relação entre as outras variáveis (Zhang & Wang, 2017).

Nesse caso foram considerados os traços de psicopatia (Guay et al., 2007; Paulhus & Williams, 2002) e os traços da personalidade borderline (APA, 2013). Estes foram selecionados a partir da literatura que indica os prejuízos nos relacionamentos amorosos que indivíduos com níveis mais elevados desses traços podem ter. O modo como as pessoas se relacionam afetivamente e os traços de personalidade tem sido investigado, inclusive a luz da Teoria das Cores do Amor (Jonason & Kavanagh, 2010; White et al., 2004; Zadeh & Bozorgi, 2016).

Em relação a psicopatia existem dois elementos fundamentais a serem observados em pessoas com níveis elevados nesses traços: os déficits em afetividade, isto é, falta de sensibilidade, e o baixo autocontrole. A insensibilidade tende a se manifestar a curto prazo. Por exemplo, a fim de ter recompensas imediatas o sujeito mente, mesmo que isso comprometa seus interesses a longo prazo. O baixo nível de autocontrole é um aspecto dominante tanto nos indivíduos que cometem crimes como naqueles que não infringem a lei, ainda que os escores em criminosos sejam mais elevados (Jones & Paulhus, 2014). A literatura apresenta esses dois aspectos principais da psicopatia de diferentes formas. Os autores têm concordado que esse é um construto bifatorial, proposto pela primeira vez por (Karpman, 1948) sua distinção em dois fatores, adotando a nomenclatura de psicopatia primária e secundária, sendo as características primárias aquelas de insensibilidade, manipulação, falsidade e egoísmo, e as secundárias os aspectos ligados a impulsividade e a irresponsabilidade.

Assim como traços psicopáticos podem ser considerados socialmente aversivos e/ou mal adaptativos, os traços de personalidade borderline também podem ocasionar prejuízos em diversos contextos da vida do sujeito. O transtorno da personalidade borderline (TPB) é definido por conjunto de características de instabilidade nos relacionamentos interpessoais, elevado nível de impulsividade e prejuízos na autoimagem, afetividade e em diferentes áreas

da vida, que aparece no início da adultez (APA, 2013). O fato de a instabilidade nos relacionamentos ser um dos pontos principais da personalidade borderline, desperta o interesse em compreender o perfil amoroso de indivíduos com esses traços de personalidade elevados. Por exemplo, sabe-se que alta conscienciosidade, Eros e Storge predizem a qualidade da relação conjugal (Zadeh & Bozorgi, 2016), enquanto que baixa conscienciosidade se relaciona com a impulsividade característica da personalidade borderline (Wright et al., 2010). Ainda não foi investigada a relação entre os estilos de amor e esses traços de personalidade, sendo que se espera possível relação entre Ludus e Mania por exemplo, já estes são estilos mais instáveis que caracterizam relações mais problemáticas.

Recentemente, Jonason et al. (2020) investigaram como traços patológicos da personalidade se relacionavam com os estilos de amor em uma amostra de 311 adolescentes, com 16 anos de idade em média, sendo a maioria do sexo feminino (88%), branca (72%) e heterossexual (60%). Os resultados indicaram que o antagonismo estava mais associado aos estilos Mania e Ludus e menos com o Ágape, o psicoticismo estava mais associado aos estilos de Ágape, Ludus, Storge e Mania e o desapego estava mais associado a Ludus e Mania e menos com Eros. Também a afetividade negativa estava mais associada ao Ágape e Mania e a desinibição estava mais associada ao Ágape, Ludus, Eros e Mania. Os autores indicaram que apesar de cada traço patológico estar associado a combinações um tanto quanto únicas dos estilos, coletivamente todos os traços estavam relacionados com Mania.

Jonason et al. (2020) discutem que o fato de todos os traços estarem correlacionados com Mania indica que ser mais errático, impulsivo, antagônico, ter elevada afetividade negativa e desapego pode ocasionar disfunções nos relacionamentos e podem servir como gatilhos em possíveis situações de término. Esse conjunto de características pode levar a um sentimento de insegurança possessiva, um estilo protetor de amor. Além disso, a psicopatia e Ludus estavam ligados a ser antagônico, impulsivo e se preocupar pouco com os outros. Bem como esse estudo

sugere, seria interessante que a continuidade dos estudos além de se atentar a essas lacunas, verifique se as correlações se mantêm e como se associam a satisfação.

Diante do exposto, o objetivo desse estudo foi investigar a dimensionalidade de aspectos saudáveis e patológicos da personalidade e do estilo pessoal de se relacionar romanticamente. Além disso, investigar o quanto os fatores de aspectos saudáveis e patológicos da personalidade e do estilo pessoal de se relacionar romanticamente explicam a satisfação conjugal e as correlações entre as variáveis estudadas. Espera-se correlações negativas entre ciúme romântico, Mania e Ludus com a satisfação conjugal (Rohmann et al., 2016) e correlação negativa entre *Ágape* e ciúme romântico. Os estilos Eros e *Storge* também podem ser preditores da satisfação conjugal (Zadeh, & Bozorgi, 2016). A partir das correlações descritas indicadas pela literatura, espera-se encontrar um efeito moderador nos traços de psicopatia e da personalidade borderline na relação entre os estilos de amor e ciúme romântico com a satisfação conjugal.

Método

Participantes

Os participantes do presente estudo foram 743 indivíduos da população geral (idades de 18 a 74 anos; $M = 31,65$; $DP = 11,01$; 85,1% mulheres) que responderam a um questionário on-line. Os participantes eram residentes de todas as regiões brasileiras, sendo 63,1% do Sudeste, 18,3% do Sul, 8,1% do Nordeste, 6,3% da Centro-oeste e 4,2% do Norte. Quanto à origem étnica, 66,6% relataram ser brancos; 20,9% pardos; 8,9% negros; 1,5% amarelos e 0,5% indígenas. A renda familiar mensal foi de 68,4% para “De 1 a 5 salários mínimos”. Com relação ao status de relacionamento, 35,7% declararam estar namorando; 33,1% casados ou em união estável; 26,8% solteiros; 4,3% separados e 0,1% viúvos, sendo que 72,4% estavam em uma relação atual no momento da coleta de dados. A orientação sexual foi 69,7% de heterossexuais,

22,1% bissexuais, 5,5% de homossexuais, 2% preferiu não informar e 0,7% de assexuais. Também verificou-se que 62,7% esteve ou está em tratamento psicológico, 36,3% esteve ou está em tratamento psiquiátricos, 37,1% fez ou faz uso de medicamentos psiquiátricos e 33% possui algum diagnóstico psiquiátrico.

Instrumentos

Questionário sociodemográfico

Foi utilizado um questionário desenvolvido pela pesquisadora conforme a necessidade observada para o estudo. Foram coletadas informações descritivas da amostra, como: idade, cidade, estado, sexo, etnia, escolaridade, estado civil e renda, exploradas nas análises dos dados. Além disso, informações sobre relacionamentos amorosos, crenças religiosas, hábitos de uso de substâncias, foram coletadas para fins exploratórios.

Escala Balanceada de Estilos de Amor (EBEA; versão após Estudo 1)

A EBEA é um instrumento de autorrelato adaptado para a realidade brasileira, que tem por objetivo avaliar os estilos de amor, conforme a Teoria das Cores do Amor e com o controle de aquiescência. É respondido em uma escala Likert (1= Não tem nada a ver comigo, 2= Tem um pouco a ver comigo, 3= Não sei se tem a ver comigo, 4= Tem a ver comigo e 5= Tem muito a ver comigo). Possui 36 itens que se dividem em seis fatores correspondentes aos seis estilos de amor, a saber: Eros (e.g.: “Sinto que meu(minha) parceiro(a) e eu fomos feitos um para o outro”, $\alpha = 0,82$), Ludus (e.g. “Mesmo estando comprometido(a) acabo paquerando pessoas desconhecidas”, $\alpha = 0,75$), Storge (e.g. “Com o tempo nossa amizade se transformou gradualmente em amor”, $\alpha = 0,72$), Pragma (e.g. “É muito importante pra mim a genética da pessoa com quem me relaciono”, $\alpha = 0,79$), Mania (e.g. “Penso muito na possibilidade do

meu(minha) parceiro(a) estar me traindo”, $\alpha = 0,65$) e Ágape (e.g. “Eu aguentaria passar por qualquer coisa pelo bem do meu(minha) parceiro(a)”, $\alpha = 0,83$).

Escala de Ciúme Romântico-versão reduzida (ECR-r; Gouveia et al., 2015)

É um instrumento de autorrelato reduzido composto por 17 itens que avaliam os fatores de ameaça (e.g. “Fica furioso quando ela conversa com um amigo que acha bonito”) e não ameaça (e.g. “Não tem nada de mal ela ir à festa sozinha”) de ciúme romântico, respondido em escala Likert de cinco pontos (1= Discordo completamente a 5= Concordo completamente). Foram encontraram valores de alfas de Cronbach superiores a 0,70. Os fatores são negativamente correlacionados, uma que vez são polos que formam um contínuo de um mesmo construto. Evidências psicométricas foram encontradas, indicando que os itens apresentaram poder discriminativo satisfatório (Gouveia et al., 2015).

Escala Levenson de Psicopatia (Levenson Self-Report Psychopathy - LSRP) (Levenson et al., 1995)

A LSRP é um instrumento de autorrelato, com resposta tipo Likert de 4 pontos, em que 1 indica “Totalmente falso” e 4 “Totalmente verdadeiro”. É composto por 26 itens organizados em duas escalas: Psicopatia Primária (17 itens; e.g. “Cuidar de mim mesmo é a minha maior prioridade”, $\alpha = 0,79$) e Psicopatia Secundária (9 itens; e.g. “Eu não planejo nada com muita antecedência”, $\alpha = 0,72$). A versão em português do Brasil foi desenvolvida por Hauck-Filho e Teixeira (2014) e seguiu as diretrizes sugeridas por Geisinger (1994).

Inventário Dimensional Clínico da Personalidade – 2 (IDCP-2; Carvalho & Primi, no prelo)

O IDCP-2 é um instrumento de autorrelato, composto por 206 itens que avaliam 12 dimensões (subdivididas em 47 fatores) da personalidade. É respondido em escala Likert de quatro pontos (1= “Não tem nada a ver comigo a 5= “Tem muito a ver comigo”). Foram usados apenas fatores e dimensões que tem discriminado mais adequadamente os traços da personalidade borderline, com valores de consistência interna que variaram de 0,87 a 0,91 (Carvalho, & Pianowski, 2019).

As dimensões utilizadas foram Dependência (composta pelos fatores: Autodesvalorização, Evitação de Abandono e Insegurança), Instabilidade de Humor (Vulnerabilidade, Preocupação Ansiosa e Desesperança) e Inconsequência (Impulsividade, Tomada de Risco e Enganosidade), sendo que (Abela et al., 2015) corroboram com os achados de Carvalho e Pianowski (2019) de que estas são dimensões com capacidade discriminativa adequada para diferenciar grupos com diagnóstico de transtorno da personalidade borderline da população geral.

Escala de Satisfação Conjugal (ESC; Weiss, & Palos, 1988; Hernandez et al., 2017)

É um instrumento de autorrelato composto por 24 itens que avaliam os fatores de Satisfação com a Interação Conjugal (SIC; e.g. “Tempo que minha parceira/meu parceiro dedica ao nosso casamento”), Satisfação com Aspectos Emocionais (SAE; e.g. “A forma como se comporta quando está triste”) e Satisfação com Aspectos Organizacionais e Estruturais (SAOE; e.g. “A forma como minha parceira/meu parceiro organiza sua vida e suas coisas”) que compõem a Satisfação Conjugal. É respondido em escala Likert de três pontos, (1) “Eu gostaria que fosse muito diferente”, (2) “Eu gostaria que fosse um pouco diferente” e (3) “Eu gosto de como tem sido”. No contexto brasileiro foi inicialmente adaptada por Dela Coleta (1989) que também encontraram um modelo estrutural com três fatores e mais recentemente Hernandez et

al. (2017) revisaram a estrutura fatorial e encontraram propriedades psicométricas adequadas com índices de ajuste bons, a fidedignidade estimada para os fatores variou de 0,85 a 0,93.

Procedimentos

As coletas foram on-line e o projeto foi enviado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade São Francisco (CAAE: 33540820.6.0000.5514). O protocolo on-line foi disponibilizado em grupos e impulsionado em mídias sociais (Facebook e Instagram) via Google Forms, o link continha o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e os instrumentos, na ordem em que foram apresentados na seção anterior, estes eram liberados após o sujeito aceitar voluntariamente participar da pesquisa e declarar ter idade igual ou superior a 18 anos. Os aspectos éticos foram seguidos conforme a resolução 510/2016 (Conselho Nacional de Saúde [CNS], 2016). O tempo médio de resposta foi de 45 minutos.

Análise de dados

Estatísticas descritivas foram empregadas para a caracterização da amostra e a inspeção da distribuição das variáveis. Foi utilizado o coeficiente de correlação de Pearson para analisar as relações entre as variáveis estudadas. Modelos de análise de regressão multivariada e Path Analysis foram utilizados para testar o modelo de moderação (Figura 1) e foi utilizado o Estimador da Máxima Verossimilhança Robusto (MLR), considerando os traços psicopatológicos da personalidade e o sexo as variáveis independentes e as demais como dependentes (estilos de amor, ciúme e satisfação conjugal). As análises foram conduzidas com os programas Statistical Package for the Social Sciences (SPSS) versão 22.0.0.0, Mplus versão 7 e R Studio.

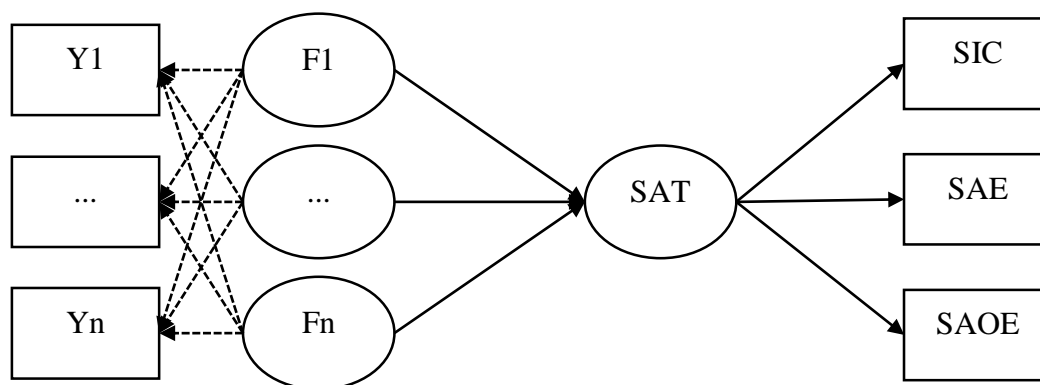


Figura 1. Modelo de moderação investigado.

Resultados

Na Tabela 1 estão descritas as correlações entre todas as variáveis investigadas. Em relação a cada estilo de amor algumas correlações foram mais elevadas e significativas. Em *Ágape* observou-se correlação positiva significativa com os traços de autodesvalorização ($r=0,26$), desesperança ($r=0,23$), evitação do abandono ($r=0,25$), insegurança ($r=0,24$) e preocupação ansiosa ($r=0,20$).

Em *Eros* correlação foi positiva e significativa com todos os fatores de satisfação conjugal, sendo $r=0,44$ com os aspectos emocionais, $r=0,52$ com os aspectos organizacionais e $r=0,61$ como os aspectos de interação conjugal. Também observou-se correlação negativa significativa com *Ludus*.

Em *Ludus* foi encontrada correlação positiva significativa com enganabilidade e impulsividade, ambas com $r=0,35$, também com tomada de risco, vulnerabilidade e com os fatores tanto primário quando secundário de psicopatia. Também observou-se correlação negativa significativa com todos os fatores de satisfação conjugal, principalmente com os aspectos de interação conjugal, sendo $r= -0,23$.

O estilo *Mania* apresentou importante correlação positiva significativa com os fatores de ciúme romântico, também com quase todos os traços da personalidade borderline, sendo de modo mais relevante com evitação do abandono, preocupação ansiosa, vulnerabilidade. Assim

como em Eros, observou-se correlação negativa significativa com todos os fatores de satisfação conjugal, principalmente com os aspectos de interação conjugal, com valor ainda mais expressivo, sendo $r = -0,41$.

O estilo Pragma foi o que apresentou menos correlações, tanto positivas quanto negativas com as demais variáveis, nenhuma com valor superior a 0,15. Com os demais estilos apenas uma pequena correlação significativa e negativa com Ágape e também com os fatores de ciúme romântico e negativamente com impulsividade.

E por fim, Storge apresentou correlações negativas com o ciúme romântico e positiva com os aspectos organizacionais e de interação da satisfação conjugal, respectivamente $r = 0,13$ e $r = 0,15$.

Tabela 1. *Correlações*

	1.	2.	3.	4.	5.	6.	7.	8.	9.	10.	11.	12.	13.	14.	15.	16.	17.	18.	19.	20.	21.	22.	
1. Ágape	1	0,06	-0,02	0,19**	-0,13*	0,08	0,10	0,09	0,26**	0,23**	0,01	0,25**	0,17**	0,24**	0,20**	0,10	0,10	-0,09	0,15**	-0,05	-0,03	-0,07	
2. Eros		1	-0,30**	-0,25**	-0,10	0,20**	-0,23**	-0,21**	-0,14**	-0,17**	-0,13	-0,08	-0,16**	-0,06	-0,06	-0,06	-0,23**	-0,13*	-0,23**	0,44**	0,52**	0,61**	
3. Ludus			1	0,13	0,01	-0,03	0,08	0,10	0,14**	0,08	0,35**	0,14**	0,35**	0,07	0,14*	0,23**	0,21**	0,26**	0,30**	-0,13*	-0,16**	-0,23**	
4. Mania				1	0,11	-0,18**	0,57**	0,39**	0,28**	0,24**	0,13*	0,42**	0,26**	0,25**	0,38**	0,09	0,35**	0,07	0,29**	-0,24**	-0,29**	-0,41**	
5. Pragma					1	0,00	0,14**	0,15**	-0,07	-0,05	0,07	0,04	-0,14*	0,02	-0,02	-0,10	-0,03	0,11	-0,10	-0,06	-0,06	-0,02	
6. Storge						1	-0,22**	-0,19**	0,00	0,03	0,01	0,00	-0,06	0,04	-0,03	-0,05	-0,08	-0,05	-0,12	0,12	0,13*	0,15**	
7. Ciúme_ameaça							1	0,57**	0,13*	0,07	0,10	0,29**	0,15**	0,15**	0,24**	0,03	0,27**	0,10	0,22**	-0,17**	-0,18**	-0,29**	
8. Ciúme_nãoameaça								1	0,02	0,01	0,03	0,08	0,08	0,05	0,07	-0,02	0,10	0,08	0,13*	-0,15**	-0,17**	-0,23**	
9. idcp_autodesvalor									1	0,65**	0,19**	0,53**	0,41**	0,50**	0,61**	0,14*	0,52**	0,02	0,50**	-0,18**	-0,19**	-0,16**	
10. idcp_desesperança										1	0,22**	0,36**	0,36**	0,25**	0,45**	0,21**	0,49**	0,09	0,39**	-0,18**	-0,19**	-0,19**	
11. idcp_enganosidade											1	0,25**	0,42**	0,15**	0,19**	0,39**	0,34**	0,58**	0,34**	-0,07	-0,09	-0,09	
12. idcp_evitabandonos												1	0,34**	0,50**	0,65**	0,09	0,41**	0,06	0,36**	-0,13*	-0,12	-0,17**	
13. idcp_impulsividade													1	0,27**	0,35**	0,56**	0,53**	0,32**	0,59**	-0,21**	-0,16**	-0,19**	
14. idcp_insegurança														1	0,50**	0,00	0,34**	0,03	0,33**	-0,06	-0,07	-0,06	
15. idcp_preocupaçãoansiosa															1	0,08	0,53**	0,07	0,42**	-0,14**	-0,10	-0,12	
16. idcp_tomadarisco																1	0,32**	0,29**	0,36**	-0,08	-0,02	-0,06	
17. idcp_vulnerabilidade																	1	0,19**	0,61**	-0,27**	-0,21**	-0,19**	
18. lsrp_pp																		1	0,22**	-0,03	-0,04	-0,03	
19. lsrp_sp																			1	-0,24**	-0,22**	-0,25**	
20. satconj_sae																				1	0,56**	0,55**	
21. satconj_saoe																						1	0,70**
22. satconj_sic																							1

Nota. * $p < 0,05$, ** $p < 0,01$

A dimensionalidade dos dados foi investigada por meio dos métodos *very simple structure*, *minimum average partial*, *Bayesian Information Criterion* e análise paralela. Os resultados sugeriram de um a seis fatores, soluções essas que foram exploradas quanto ao seu ajuste e interpretabilidade. Tendo em vista uma solução unidimensional esteve entre uma das recomendações, cogitou-se a existência de um possível fator geral. Em virtude disso, todas soluções exploradas foram rotacionadas para produzir uma solução bifator com todos os fatores ortogonais. O modelo incluiu também uma parte confirmatória, com coeficientes estruturais.

Mais especificamente, a satisfação conjugal foi modelada como uma variável latente explicada pelos fatores da análise exploratória, em um modelo exploratório-confirmatório (ESEM). A satisfação conjugal foi estimada a partir dos três indicadores de satisfação conjugal: a interação conjugal, os aspectos emocionais e os aspectos organizacionais e estruturais. O ajuste dos modelos pode ser encontrado na Tabela 2. Apesar de o modelo com seis fatores ter se ajustado melhor aos dados, uma maior interpretabilidade ocorreu para uma solução com um fator geral e quatro fatores específicos.

Além disso, uma inspeção dos índices de modificação revelou três correlações residuais não-modeladas e que impactavam drasticamente o ajuste do modelo: ciúmes ameaça e ciúmes não-ameaça, IDCP desesperança e IDCP autodesvalor, e IDCP insegurança e IDCP desesperança. Como se pode ver, a inclusão dessas correlações residuais no modelo exploratório resultou em uma melhora substancial do ajuste aos dados. Os resultados do modelo de 5 fatores modificado são apresentados na Tabela 2.

Tabela 2.
Ajuste dos modelos aos dados

Modelos	χ^2	gl	RMSEA	CFI	TLI
Bifactor 3 fatores	1109,18*	171	0,086	0,830	0,771
Bifactor 4 fatores	765,99*	154	0,073	0,889	0,834
Bifactor 5 fatores	476,53*	138	0,057	0,939	0,898
Bifactor 6 fatores	324,64	123	0,047	0,964	0,932
Bifactor 5 fatores modificado ^a	354,72*	135	0,047	0,960	0,932

Nota. ^aModelo com a inclusão de correlações residuais entre: ciúmes ameaça e não-ameaça ($r = 0,35$, $p < 0,001$), IDCP desesperança e IDCP autodesvalor ($r = 0,37$, $p < 0,001$), e IDCP insegurança e IDCP desesperança ($r = -0,18$, $p < 0,001$). * $p < 0,001$

A partir do modelo encontrado com melhor ajuste aos dados, os fatores foram nomeados a fim de facilitar a compreensão e apresentados na Tabela 3. O primeiro fator foi definido como Afetividade Negativa, sendo composto por Mania, Ciúme ameaça, autodesvalorização, desesperança, enganabilidade, evitação do abandono, impulsividade, insegurança, preocupação ansiosa, vulnerabilidade e psicopatologia secundária. O segundo fator foi definido como Amor Apaixonado, sendo composto apenas por Eros. O terceiro fator, nomeado como Ciúmes e Controle, foi formado por Mania, Ciúmes ameaça e ciúme não-ameaça. O quarto, foi definido como Manipulação e engloba Ludus, enganabilidade, tomada de risco e psicopatologia primária. E o último fator, nomeado como Impulsividade e Descontrole, é formado por impulsividade, tomada de risco e psicopatologia secundária.

Tabela 3.
Cargas fatoriais da parte de mensuração (cargas fatoriais) do modelo ESEM.

Variáveis	AN	AP	CC	MA	ID
AGAPE	0,29	0,16	0,04	-0,16	0,07
EROS	-0,25	0,86	-0,20	-0,04	0,01
LUDUS	0,27	-0,25	0,02	0,32	0,13
MANIA	0,49	-0,01	0,66	-0,05	-0,03
PRAGMA	-0,05	-0,07	0,20	0,15	-0,29
STORGE	-0,05	0,15	-0,27	0,02	-0,10
CIUMES_AME	0,31	-0,02	0,63	0,02	-0,06
CIUMES_NAO	0,12	-0,10	0,50	0,02	0,00
IDCP_AUTOD	0,76	0,01	-0,16	-0,13	-0,05
IDCP_DESES	0,60	-0,05	-0,11	-0,02	0,04
IDCP_ENGAN	0,36	-0,02	-0,02	0,73	0,02
IDCP_EVITA	0,71	0,15	0,10	-0,02	-0,24
IDCP_IMPUL	0,62	0,00	-0,01	0,28	0,49
IDCP_INSEG	0,60	0,09	-0,07	-0,08	-0,21
IDCP_PREOC	0,77	0,15	-0,01	-0,08	-0,22
IDCP_TOMAD	0,28	0,02	-0,03	0,36	0,53
IDCP_VULNE	0,71	-0,05	0,03	0,10	0,16

LSRP_PP	0,16	-0,06	0,05	0,72	0,01
LSRP_SP	0,67	-0,09	0,00	0,13	0,31

Nota. AN = Afetividade negativa, AP = Amor apaixonado, CC = Ciúmes e controle, MA = Manipulação, ID = Impulsividade e descontrole.

As análises de regressão indicaram as contribuições de cada fator encontrado para a satisfação conjugal e estão apresentadas na Figura 2. Apenas dois dos cinco fatores apresentaram valores significativos, sendo Afetividade Negativa e Amor Apaixonado, e também vale destacar que apesar de não ter sido significativo, em Ciúme e Controle o coeficiente foi de 0,33.

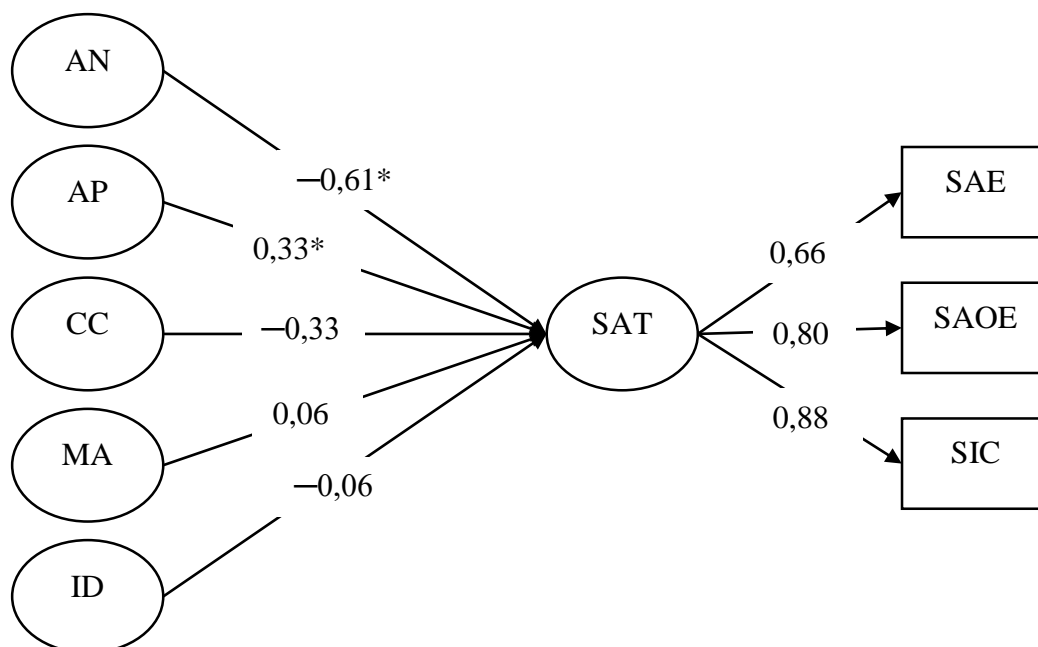


Figura 2. Parte estrutural (coeficientes de regressão) do modelo ESEM

Discussão

O presente estudo buscou investigar as correlações entre as variáveis estudadas e a dimensionalidade de aspectos saudáveis e patológicos da personalidade e do estilo pessoal de se relacionar romanticamente. Adicionalmente, também investigar o quanto as dimensões encontradas explicam a satisfação conjugal. Acerca das correlações, esperava-se encontrar correlações moderadas entre os estilos de amor, entre os traços de psicopatia com Ludus e Mania (Jonason, & Kavanagh, 2010; Jonason et al., 2020) e traços da

personalidade borderline com Mania (Jonason et al., 2020; Miano et al., 2018; Ren et al., 2017). Entre os estilos de amor, de acordo com o esperado, foram encontradas correlações negativas moderadas de Eros com Ludus e Mania, o que é teoricamente coerente. A psicopatia primária se correlacionou apenas com Ludus, sendo que com Mania a correlação foi praticamente zero. Supõe-se que este resultado pode ser coerente, uma vez que alguém com níveis elevados de insensibilidade, manipulação, falsidade e egoísmo pode se importar tão pouco com seu parceiro, não sentindo muito ciúme romântico, que basicamente caracteriza Mania. No que se refere a personalidade borderline, de acordo com a expectativa, quase todos os traços apresentaram correlação positiva significativa com ciúme romântico, o que corrobora com estudos anteriores e com a própria característica do transtorno da personalidade borderline de instabilidade nos relacionamentos interpessoais (APA, 2013; Jonason et al., 2020).

Em relação a investigar a dimensionalidade de aspectos saudáveis e patológicos da personalidade e dos estilos de amor não foram localizados estudos anteriores com esse mesmo objetivo. Entretanto, a partir dos estudos correlacionando essas variáveis a hipótese de existir um modelo de moderação poderia inovar e continuar aprimorando os conhecimentos em relação as atitudes das pessoas frente aos seus relacionamentos amorosos. Observou-se que a Afetividade Negativa foi majoritariamente composta por fatores que compõe a personalidade borderline, inclusive nomeada do mesmo modo anteriormente (APA, 2013; Jonason et al., 2020).

O fator Amor Apaixonado formado apenas por Eros pode indicar a especificidade desse construto. Isso corrobora com a literatura acerca da avaliação do amor, em que um estudo de revisão e meta análise já indicava que esse fator possui características próprias no que se refere a avaliar o amor romântico (Graham, 2011).

O fator Ciúmes e Controle composto pelo estilo de amor Mania e pelo Ciúme ameaça e não-ameaça contribuiu para a hipótese de que fatores de diferentes instrumentos podem estar avaliando um mesmo construto, ou seja, um conjunto de pensamentos e comportamentos muito similares. É possível observar que o conteúdo dos itens contempla a insegurança e obsessão frente a relação, além da desconfiança do parceiro.

Em relação ao fator Manipulação, acreditava que essas características poderiam explicar a baixa satisfação conjugal, porém não houve contribuição no modelo. Apesar de estudos anteriores já indicarem correlação positiva por exemplo entre Ludus e psicopatia (Jonason et al., 2020), resultados que foram replicados no presente estudo, porém não na contribuição para explicar a satisfação. Acredita-se que uma possível explicação para esse resultado seja a pouca relevância da qualidade das relações amorosas para pessoas com essas características mais elevadas.

E no último fator, Impulsividade e Descontrole, apesar de não ter sido previamente hipotetizado, apresentou um agrupamento de características que também foi teoricamente coerente. Isso pode ser explicado ao observar o conteúdo dos itens por exemplo, em que fatores de instrumentos diferentes, avaliam de modo geral impulsividade e irresponsabilidade, presentes tanto na personalidade borderline como na psicopatia secundária.

Em relação as variáveis que explicaram a satisfação conjugal, a expectativa era que Eros contribuísse, uma vez que Vedes et al. (2016) já indicaram a correlação entre essas variáveis. De fato, a dimensão Amor Apaixonado contribuiu, o que possivelmente ocorreu justamente por essa dimensão ser composta pelo estilo de amor Eros. Vale destacar a contribuição de Afetividade Negativa, conjunto de fatores que aumentam a possibilidade de instabilidade nas relações. Parece teoricamente coerente que sujeitos

mais ciumentos, impulsivos, inseguros, desesperançosos sintam-se mais insatisfeitos em seus relacionamentos.

De modo geral os resultados encontrados parecem corroborar com estudos anteriores. As relações mais saudáveis e em que as pessoas sentem-se mais satisfeitas, parecem ser aquelas em que o perfil romântico das pessoas é formado por níveis mais baixos de Mania e Ludus e mais elevados de Eros e Storge (praticamente não se relacionam aos traços patológicos), enquanto Ágape e Pragma não parecem impactar tanto a qualidade das relações, apesar de principalmente Ágape se correlacionar com alguns traços patológicos.

Considerações finais

Os resultados encontrados e discutidos no presente estudo apresentam um modelo promissor para a predição da satisfação conjugal. Compreender o quanto alguns estilos de amor e comportamentos frente as relações amorosas são próximos a alguns traços patológicos da personalidade e agrupar essas características pode contribuir para uma avaliação mais adequada do funcionamento das pessoas diante de suas relações, neste caso, especificamente aquelas amorosas.

Este é um estudo inicial, que apesar de resultados favoráveis as hipóteses construídas, possui limitações. Alguns autores já evidenciaram a importância de considerar as diferenças entre gêneros, por exemplo, pode ser observado nas correlações entre os estilos de amor com a satisfação conjugal, em que as mulheres podem tender a apresentar níveis mais baixos (Scorsolini-Comin, & Santos, 2010; Wang & Zhao, 2017). Assim, sugere-se a continuidade das pesquisas para investigar se a variável gênero modera as associações entre os traços patológicos da personalidade e dos estilos de amor em modelos de moderação da satisfação conjugal.

Referências

- Abela, R. K., Carvalho, L. F., Cho, S. J. M., & Yazigi, L. (2015). Validity Evidences for the Dimensional Clinical Personality in Outpatient Psychiatric Sample. *Paidéia*, 25(61), 221–228. <https://doi.org/10.1590/1982-43272561201510>
- American Psychiatric Association [APA] (2013). *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders*. 5th ed. Washington: American Psychiatric Publishing.
- Carvalho, L. D. F., & Pianowski, G. (2019). Dependency, mood instability, and inconsequence traits for discriminating borderline personality disorder. *Trends in Psychiatry and Psychotherapy*, 41(1), 78–82. <https://doi.org/10.1590/2237-6089-2018-0010> APRS
- Carvalho, L. F., & Primi, R. *Technical manual of the Dimensional Clinical Personality Inventory 2 (IDCP-2) and Dimensional Clinical Personality Inventory screening version (IDCP-triagem)*. São Paulo, Brazil: Pearson. No prelo.
- Chin, K., Atkinson, B. E., Raheb, H., Harris, E., & Vernon, P. A. (2017). The dark side of romantic jealousy. *Personality and Individual Differences*, 115, 23–29. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2016.10.003>
- Conselho Nacional de Saúde (2016). *Resolução n. 510, de 7 de abril de 2016*. Recuperado de <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/reso510.pdf>
- Dela Coleta, M. F. (1989). A medida da satisfação conjugal: Adaptação de uma escala. *Psico*, 18(2), 90-112.
- Gouveia, V. V., Silveira, S. S., Santos, W. S., Souza, S. S. B., & Belo, R. P. (2015). Escala de Ciúme Romântico (ECR): evidências psicométricas de uma versão reduzida. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 35(2), 326–341. <https://doi.org/10.1590/1982-370302142013>
- Graham, J. M. (2011). Measuring love in romantic relationships: A meta-analysis.

- Journal of Social and Personal Relationships*, 28(6), 748–771.
<https://doi.org/10.1177/0265407510389126>
- Guay, J. P., Ruscio, J., Knight, R. A., & Hare, R. D. (2007). A taxometric analysis of the latent structure of psychopathy: Evidence for dimensionality. *Journal of Abnormal Psychology*, 116(4), 701–716. <https://doi.org/10.1037/0021-843X.116.4.701>
- Hernandez, J. A. E., Carvalho, A. L. N., Fonseca, R. C. T., Peçanha, R. F., & Facolne, E. M. O. (2017). Revisão da Estrutura Fatorial da Escala de Satisfação Conjugal. *Temas Em Psicologia*, 25(4), 1977–1990. <https://doi.org/10.9788/TP2017.4-22Pt>
- Jonason, P. K., & Kavanagh, P. (2010). The dark side of love: Love styles and the Dark Triad. *Personality and Individual Differences*, 49(6), 606–610.
<https://doi.org/10.1016/j.paid.2010.05.030>
- Jonason, P. K., Lowder, A. H., & Zeigler-hill, V. (2020). The mania and ludus love styles are central to pathological personality traits. *Personality and Individual Differences*, 165(May), 110159. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2020.110159>
- Jones, D. N., & Paulhus, D. L. (2014). Introducing the Short Dark Triad (SD3): A Brief Measure of Dark Personality Traits. *Assessment*, 21(1), 28–41.
<https://doi.org/10.1177/1073191113514105>
- Karpman, B. (1948). The myth of the psychopathic personality. *American Journal of Psychiatry*, 104(9), 523–534. <https://doi.org/10.1176/ajp.104.9.523>
- Levenson, M. R., Kiehl, K. A., & Fitzpatrick, C. M. (1995). Assessing psychopathic attributes in a noninstitutionalized population. *Journal of Personality and Social Psychology*, 68(1), 151–158. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.68.1.151>
- Miano, A., Dziobek, I., & Roepke, S. (2018). Characterizing couple dysfunction in borderline personality disorder. *Journal of Personality Disorders*, 38, 1–18.
https://doi.org/10.1521/pedi_2018_32_388

- Miranda, E. S. (1987). Satisfação conjugal e aspectos relacionados: a influência da comunicação, da semelhança de atitudes e da percepção interpessoal. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 39(3), 96–107.
- Mosmann, C., Wagner, A., & Féres-Carneiro, T. (2006). Qualidade conjugal: mapeando conceitos. *Paideia*, 16(35), 315–325. <https://doi.org/10.1590/S0103-863X2006000300003>.
- Paulhus, D. L., & Williams, K. M. (2002). The Dark Triad of personality: Narcissism, Machiavellianism, and psychopathy. *Journal of Research in Personality*, 36(6), 556–563. [https://doi.org/10.1016/S0092-6566\(02\)00505-6](https://doi.org/10.1016/S0092-6566(02)00505-6)
- Ren, D., Mahan, E. R., & Mahan, E. R. (2017). Attachment insecurity and perceived importance of relational features. *Journal of Social and Personal Relationships*, 34(4), 446–466. <https://doi.org/10.1177/0265407516640604>
- Ribeiro, C. M., Pinho, V. D., & Falcone, E. M. O. (2011). A influência da raiva e da empatia sobre a satisfação conjugal. *Aletheia*, 7–21. Recuperado de <http://www.periodicos.ulbra.br/index.php/aletheia/article/view/3421/2546>
- Rohmann, E., Führer, A., & Bierhoff, H. (2016). Relationship Satisfaction Across European Cultures : The Role of Love Styles. *Cross-Cultural Research*, 50(2), 178–211. <https://doi.org/10.1177/1069397116630950>
- Sardinha, A., Falcone, E. M. O., & Ferreira, M. C. (2009). As relações entre a satisfação conjugal e as habilidades sociais percebidas no cônjuge, 25(3), 395–402. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/ptp/v25n3/a13v25n3>
- Scorsolini-Comin, F., & Santos, M. A. (2009). Casar e ser feliz: mapeando a mensuração da satisfação conjugal. *Psico*, 40(4), 430–437. Recuperado de <http://revistaseletronicas.pucrs.br/revistapsico/ojs/index.php/revistapsico/article/view/4512/4928>

- Scorsolini-Comin, F., & Santos, M. A. (2010). Satisfação conjugal: revisão integrativa da literatura científica nacional. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 26(3), 525–531. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722010000300015>.
- Vedes, A., Hilpert, P., Nussbeck, F. W., Randall, A. K., Bodenmann, G., & Lind, W. R. (2016). Love styles, coping, and relationship satisfaction: A dyadic approach. *Personal Relationships*, 23(1), 84-97. <https://doi.org/10.1111/pere.12112>
- Villa, M. B., & Del Prette, Z. A. P. (2013). Marital satisfaction: The role of social skills of husbands and wives. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, 23(56), 379-388. <https://doi.org/10.1590/1982-43272356201312>
- Wang, Z., & Zhao, S. (2017). Moderating effects of gender on relationship between love relationship satisfaction and empathy in college students. *Western Pacific Region Index Medicus*, 31(7), 573–576.
- Weiss, S. P., & Palos, P. A. (1988). Desarrollo y validación de la Escala de Satisfacción Marital. *Psiquiatria*, 1, 9-20.
- White, J. K., Hendrick, S. S., & Hendrick, C. (2004). Big five personality variables and relationship constructs. *Personality and Individual Differences*, 37(7), 1519–1530. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2004.02.019>
- Wright, A. G. C., Pincus, A. L., & Lenzenweger, M. F. (2010). Modeling stability and change in borderline personality disorder symptoms using the revised Interpersonal Adjective Scale - Big Five (IASR-B5). *Journal of Personality Assessment*, 92(6), 501–513. <https://doi.org/10.1080/00223891.2010.513288>. Modeling
- Zadeh, S. S., & Bozorgi, Z. D. (2016). Relationship between the love styles, personality traits, and the marital life of married students. *International Journal of Humanities and Cultural Studies*, 4(2016), 746–756. Recuperado de <https://pdfs.semanticscholar.org/9f26/806914da66a312c0ccd27aa4a433075ed3d6.p>

df

Zhang, Q., & Wang, L. (2017). Moderation analysis with missing data in the predictors.

Psychological Methods, 22(4), 649-666. <https://doi.org/10.1037/met0000104>

Considerações finais

O presente trabalho pretendeu tanto avançar com estudos psicométricos dos instrumentos utilizados, quanto testar empiricamente alguns conhecimentos teóricos acerca dos relacionamentos românticos. Para isso, optou-se por realizar o controle de aquiescência em dois instrumentos utilizados, para então poder testar um modelo de moderação a partir de ferramentas psicológicas com mais evidências de validade. Foi possível aprimorar os estudos dos estilos de amor e refinar um instrumento para que este esteja mais apto e encontrar relações com outras variáveis, uma vez que alguns aspectos podiam não estar sendo captados devido a aquiescência.

Destaca-se que escalas balanceadas, ou seja, com pares de itens de polos positivos e negativos viabilizam um instrumento mais adequado em termos de evidências de validade estrutural interna e preditiva. Ainda que itens negativos sejam frequentemente percebidos como mais difíceis de responder, quando bem construídos parecem ter bom funcionamento, contribuindo na avaliação dos construtos estudados. Além dessa inclusão permitir a correção da aquiescência (Primi et al., 2019).

No estudo 1 os resultados acrescentaram evidências de validade a EBEA, com a reprodução da estrutura fatorial de maneira análoga aos estudos que tem avaliado os estilos de amor e de modo inédito controlando a aquiescência em uma amostra brasileira. Em relação ao estilos de amor Ludus, observou-se que os problemas anteriormente sinalizados (Cassepp-Borges e Andrade, 2013), como as versões em português sempre com índices inferiores a 0,60, não ocorreu, mesmo com o controle da aquiescência que consequentemente pode diminuir a consistência, porém com um resultado mais próximo a realidade.

O estudo 2 apresentou resultados que indicaram que o controle da aquiescência possibilita refinar análises de estrutura interna, uma vez que uma importante fonte de

variância erro sistemática é controlada. O fato das cargas fatoriais diminuírem não indica que o instrumento não esteja adequado, pelo contrário, se após o controle desse viés a estrutura fatorial se mantém, temos um indicativo a mais de que os itens estão conseguindo avaliar o construto em questão, uma evidência a mais de validade, bem como Rammstedt et al. (2013) já discutiram anteriormente.

E por fim, os resultados do estudo 3 apresentaram um modelo promissor para a predição da satisfação conjugal. Compreender o quanto alguns estilos de amor e comportamentos frente as relações amorosas são próximos a alguns traços patológicos da personalidade e agrupar essas características pode contribuir para uma avaliação mais adequada do funcionamento das pessoas diante de suas relações amorosas.

Este é um estudo inicial, que apesar de resultados favoráveis as hipóteses construídas, possui limitações. Alguns autores já evidenciaram a importância de considerar as diferenças entre gêneros, por exemplo, pode ser observado nas correlações entre os estilos de amor com a satisfação conjugal, em que as mulheres podem tender a apresentar níveis mais baixos (Scorsolini-Comin, & Santos, 2010; Wang & Zhao, 2017). Assim, sugere-se a continuidade das pesquisas para investigar se a variável gênero modera as associações entre os traços patológicos da personalidade e dos estilos de amor em modelos de moderação da satisfação conjugal. Ainda em relação ao modelo de moderação, devido aos resultados promissores sugere-se a continuidade de pesquisas sobre a temática, reuplicando o modelo testado. Pesquisas futuras podem atingir um maior tamanho e variabilidade da amostra. Além disso, podem ser considerados de modo mais amplo e completo a identidade de gênero e orientação sexual dos participantes. Também não há informações neste e em outros estudos da área sobre como se apresentam os estilos de amor em pessoas que estão em relações não monogâmicas, em que possivelmente podem haver diferenças.

Referências

- Almeida, T., Rodrigues, K. R. B., & Silva, A. A. (2008). O ciúme romântico e os relacionamentos amorosos heterossexuais contemporâneos. *Estudos de Psicologia*, *13*(1), 83–90. <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2008000100010>
- American Educational Research Association, American Psychological Association, & Nacional Consil on Measurement in Education [AERA, APA, & NCME], (2014). *Standards for Educational and Psychological Testing*. Washington, DC: American Educational Reserach Association.
- American Psychiatric Association [APA] (2013). *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders*. 5th ed. Washington: American Psychiatric Publishing.
- Andrade, A. L. De, & Garcia, A. (2009). Atitudes e Crenças sobre o Amor: Versão Brasileira da Escala de Estilos de Amor. *Interpersona*, *3*(1), 89–102. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/ptp/v30n1/08.pdf>
- Asparouhov, T., & Muthén, B. (2009). Exploratory structural equation modeling. *Structural Equation Modeling: A Multidisciplinary Journal*, *16*(3), 397–438. <https://doi.org/10.1080/10705510903008204>
- Baroncelli, L. (2011). Amor e ciúme na contemporaneidade: reflexões psicossociológicas. *Psicologia & Sociedade*, *23*(1), 163–170. <https://doi.org/10.1590/S0102-71822011000100018>
- Berti, M. P., Zilberman, M. L., Sophia, E. C., Gorenstein, C., Pereira, A. P., Lorena, A., ... Tavares, H. (2011). Validação de escalas para avaliação do amor patológico. *Revista de Psiquiatria Clinica*, *38*(4), 135–138. <https://doi.org/10.1590/S0101-60832011000400004>

- Brewer, G., Hunt, D., James, G., & Abell, L. (2015). Dark Triad traits, infidelity and romantic revenge. *Personality and Individual Differences*, 83(9), 122–127. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2015.04.007>
- Brinkley, C. A., Diamond, P. M., Magaletta, P. R., & Heigel, C. P. (2008). Cross-validation of Levenson's Psychopathy Scale in a sample of federal female inmates. *Assessment*, 15(4), 464–482. <https://doi.org/10.1177/1073191108319043>
- Brinkley, C. A., Schmitt, W. A., Smith, S. S., & Newman, J. P. (2001). Construct validation of a self-report psychopathy scale: does Levenson's self-report psychopathy scale measure the same constructs as Hare's psychopathy checklist-revised? *Personality and Individual Differences*, 31, 1021–1038. [https://doi.org/10.1016/S0191-8869\(00\)00178-1](https://doi.org/10.1016/S0191-8869(00)00178-1)
- Brislin, R. (1986). The wording and translation of research instruments. In Lonner, W. & Berry, J. (Eds), *Field methods in cross-cultural research*. Beverly Hills: Sage Publications.
- Buss, D. M., & Haselton, M. (2005). The evolution of jealousy. *Trends in Cognitive Sciences*, 9(11), 506–507. <https://doi.org/10.1016/j.tics.2005.09.006>
- Caballo, V. E. (1993). Relaciones entre diversas medidas conductuales y de autoinforme de las habilidades sociales. *Psicología Conductual*, 1(1), 73-99. Recuperado de <http://www.behavioralpsycho.com/PDFespanol/1993/num1/Relaciones%20entre.pdf>
- Carvalho, L. F. (2018). Review study of the impulsiveness dimension of the Dimensional Clinical Personality Inventory. *Universitas Psychologica*, 5(1), 1–11. <https://doi.org/10.11144/Javeriana.upsy17-1.rsid>
- Carvalho, L. F., & Pianowski, G. (2015). Revision of the dependency dimension of the Dimensional Clinical Personality Inventory. *Paidéia*, 25(60), 57–65. <https://doi.org/10.1590/1982-43272560201508>

- Carvalho, L. F., & Pianowski, G. (2019). Dependency, mood instability, and inconsequence traits for discriminating borderline personality disorder. *Trends in Psychiatry and Psychotherapy*, *41*(1), 78–82. <https://doi.org/10.1590/2237-6089-2018-0010>
- Carvalho, L. F., Pianowski, G., Bacciotti, J., & Reis, A. M. (2018). Assessing borderline personality disorder based on the Hierarchical Taxonomy of Psychopathology (HiTOP): Dimensional Clinical Personality Inventory 2 – BPD. *Archives of Psychiatry and Psychotherapy*, *20*(4), 77–87. <https://doi.org/10.12740/APP/99146>
- Carvalho, L. F., & Primi, R. *Technical manual of the Dimensional Clinical Personality Inventory 2 (IDCP-2) and Dimensional Clinical Personality Inventory screening version (IDCP-triagem)*. São Paulo, Brazil: Pearson. No prelo.
- Carvalho, L. F., & Sette, C. P. (2015). Review and verification of the psychometric properties of the mood instability dimension of the Dimensional Clinical Personality Inventory. *Acta Colombiana de Psicologia*, *18*(2), 115–127. <https://doi.org/10.14718/ACP.2015.18.2.10>
- Cassepp-Borges, V. (2010). *Amor e construtos relacionados: Evidências de validade de instrumentos de medida no Brasil*. (Tese de Doutorado não publicada). Universidade de Brasília, Brasília.
- Cassepp-Borges, V., & Andrade, A. L. De. (2013). Uma breve história das tentativas para medir atributos dos relacionamentos amorosos em língua portuguesa. *Estudos de Psicologia*, *18*(4), 621–628. <https://doi.org/https://doi.org/10.1590/S1413-294X2013000400011>
- Chin, K., Atkinson, B. E., Raheb, H., Harris, E., & Vernon, P. A. (2017). The dark side of romantic jealousy. *Personality and Individual Differences*, *115*, 23–29. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2016.10.003>

- Cleckley, H. (1976). *The mask of sanity* (5th ed.). St. Louis, MO: Mosby.
- Coelho, L., Paixão, R., & Silva, J. T. (2010). O Levenson's Self Report Psychopathy Scale (LSRP). *Psychologica*, 53, 313–32, 313–328. Recuperado de <https://impactum-journals.uc.pt/psychologica/article/view/1096/544>
- Conjur. (09 de março de 2020). *Números de divócio explode na pandemia e gera oportunidades de negócio*. Fonte: Colégio Notarial do Brasil - Seção São Paulo: <https://www.cnbsp.org.br/noticias/20820/conjur-numero-de-divorcios-explode-na-pandemia-e-gera-oportunidades-de-negocio?filtro=1>
- Conway, C. C., Forbes, M. K., Forbush, K. T., Fried, E. I., Hallquist, M. N., Kotov, R., ... & Sunderland, M. (2019). A hierarchical taxonomy of psychopathology can transform mental health research. *Perspectives on psychological science*, 14(3), 419-436. <https://doi.org/10.1177/1745691618810696>
- Cooke, D. J., & Michie, C. (2001). Refining the construct of psychopathy: Towards a hierarchical model. *Psychological Assessment*, 13, 171–188.
- Costa, N. (2005). Contribuições da Psicologia Evolutiva e da Análise do Comportamento Acerca do Ciúme. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, VII(1), 5–13. Recuperado de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbtcc/v7n1/v7n1a03.pdf>
- Costa Junior, P. T., & McCrae, R. R. (2009). NEO-PI-R: *Inventário de Personalidade NEO Revisado: Manual*. São Paulo, SP: Vetor.
- Costa, A. L., Sophia, E. C., Sanches, C., Tavares, H., & Zilberman, M. L. (2015). Pathological jealousy: Romantic relationship characteristics, emotional and personality aspects, and social adjustment. *Journal of Affective Disorders*, 174, 38–44. <https://doi.org/10.1016/j.jad.2014.11.017>
- Dandurand, C., & Lafontaine, M. (2014). Jealousy and couple satisfaction : A romantic attachment perspective. *Marriage & Family Review*, 50, 154–173.

<https://doi.org/10.1080/01494929.2013.879549>

- Danner, D., Aichholzer, J., & Rammstedt, B. (2015). Acquiescence in personality questionnaires : Relevance , domain specificity , and stability. *Journal of Research in Personality*, *57*, 119–130. <https://doi.org/10.1016/j.jrp.2015.05.004>
- Davies, M. F. (1996). EPQ correlates of love styles. *Personality and Individual Differences*, *20*(2), 257–259. [https://doi.org/10.1016/0191-8869\(95\)00188-3](https://doi.org/10.1016/0191-8869(95)00188-3)
- Davis, K. E. (1985). Near and dear: Friendship and love compared. *Psychology Today*, *19* (2), 22-30.
- Dela Coleta, M. F. (1989). A medida da satisfação conjugal: Adaptação de uma escala. *Psico*, *18*(2), 90-112.
- Dijkstra, P., Barelds, D. P. H., & Groothof, H. A. K. (2013). Jealousy in response to online and offline infidelity : the role of sex and sexual orientation. *Scandinavian Journal of Psychology*, *54*, 328–336. <https://doi.org/10.1111/sjop.12055>
- Fisher, H. E., Aron, A., Mashek, D., Li, H., & Brown, L. L. (2002). Defining the Brain Systems of Lust, Romantic Attraction, and Attachment. *Archives of Sexual Behavior*, *31*(5), 413–419. <https://doi.org/10.1023/A>
- Goodboy, A. K., Horan, S. M., & Booth-butterfield, M. (2012). Intentional jealousy-evoking behavior in romantic relationships as a function of received partner affection and love styles. *Communication Quarterly*, *60*(3), 370–385. <https://doi.org/10.1080/01463373.2012.688792>
- Gouveia, V. V., Silveira, S. S., Santos, W. S., Souza, S. S. B., & Belo, R. P. (2015). Escala de Ciúme Romântico (ECR): evidências psicométricas de uma versão reduzida. *Psicologia: Ciência e Profissão*, *35*(2), 326–341. <https://doi.org/10.1590/1982-370302142013>
- Graham, J. M. (2011). Measuring love in romantic relationships: A meta-analysis.

Journal of Social and Personal Relationships, 28(6), 748–771.

<https://doi.org/10.1177/0265407510389126>

Guay, J. P., Ruscio, J., Knight, R. A., & Hare, R. D. (2007). A taxometric analysis of the latent structure of psychopathy: Evidence for dimensionality. *Journal of Abnormal Psychology*, 116(4), 701–716. <https://doi.org/10.1037/0021-843X.116.4.701>

Guerrero, L. K., Hannawa, A. F., & Babin, E. A. (2011). The communicative responses to jealousy scale : Revision , empirical validation , and associations with relational satisfaction. *Communication Methods and Measures*, 5(3), 223–249. <https://doi.org/10.1080/19312458.2011.596993>

Hare, R. D., & Neumann, C. S. (2008). Psychopathy as a clinical and empirical construct. *Annual Review of Clinical Psychology*, 4(1), 217–246. <https://doi.org/10.1146/annurev.clinpsy.3.022806.091452>

Harris, C. R. (2003). A review of sex difference in sexual jealousy, including self-report data, psychophysiological responses, interpersonal violence, and morbid jealousy. *Personality and Social Psychology Review*, 7(2), 102–128. <https://doi.org/10.1207/S15327957PSPR0702>

Hauck-Filho, N., & Teixeira, M. A. P. (2014). Revisiting the Psychometric Properties of the Levenson Self-Report Psychopathy Scale. *Journal of Personality Assessment*, 96(4), 459–464. <https://doi.org/10.1080/00223891.2013.865196>

Hauck, N., Salvador-Silva, R., & Teixeira, M. A. P. (2015). Análise Psicométrica Preliminar de um Instrumento de Autorrelato para Avaliar Traços de Psicopatia. *Psico-USF*, 20(2), 333–348. <https://doi.org/10.1590/1413-82712015200213>

Hendrick, C., & Hendrick, S. S. (1986). A theory and method of love. *Journal of Personality and Social Psychology*, 50(2), 392–402. <https://doi.org/1037/0022-3514.50.2.392>

- Hendrick, C., Hendrick, S. S., & Dicke, A. (1998). The love attitudes scale: Short form. *Journal of Social and Personal Relationships*, 15(2), 147–159. <https://doi.org/10.1177/0265407598152001>
- Hernandez, J. A. E., Carvalho, A. L. N., Fonseca, R. C. T., Peçanha, R. F., & Facolne, E. M. O. (2017). Revisão da Estrutura Fatorial da Escala de Satisfação Conjugal. *Temas Em Psicologia*, 25(4), 1977–1990. <https://doi.org/10.9788/TP2017.4-22Pt>
- Hernandez, J. A. E., Plácido, M. G., Araujo, A. L., Neves, V. C., & Azevedo, C. A. C. B. (2014). A Psicologia do Amor : vinte anos de estudos científicos nacionais. *Psicologia Argumento*, 32(79), 131–139. doi:10.7213/psicol..argum.32.s02.AO12
- IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Estatísticas do registro Civil 2019*. Rio de Janeiro: IBGE, 2019.
- Johnson, T., Kulesa, P., Cho, Y. I., & Shavitt, S. (2005). The relation between culture and response styles - Evidence from 19 countries. *Journal of Cross-Cutlural Psychology*, 36(2), 264–277. <https://doi.org/10.1177/0022022104272905>
- Jonason, P. K., & Kavanagh, P. (2010). The dark side of love: Love styles and the Dark Triad. *Personality and Individual Differences*, 49(6), 606–610. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2010.05.030>
- Jonason, P. K., Lowder, A. H., & Zeigler-Hill, V. (2020). The mania and ludus love styles are central to pathological personality traits. *Personality and Individual Differences*, 165. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2020.110159>
- Jonason, P. K., Li, N. P., Webster, G. D., & Schmitt, D. P. (2009). The Dark Triad: Facilitating a short-term mating strategy in men. *European Journal of Personality*, 23(1), 5–18. <https://doi.org/10.1002/per.698>
- Jonason, P. K., Zeigler-Hill, V., & Hashmani, T. (2018). Love, Sex, and Personality Pathology: A Life History View of Personality Pathologies and Sociosexuality. *Journal of Sex Research*, 56(2), 239–248.

- <https://doi.org/10.1080/00224499.2018.1471444>
- Jones, D., & Paulhus, D. (2014). Introducing the short dark triad (SD3) a brief measure of dark personality traits. *Assessment*. Recuperado de <http://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/1073191113514105>
- Jones, D. N., & Weiser, D. A. (2014). Differential infidelity patterns among the Dark Triad. *Personality and Individual Differences*, 57(1), 20–24. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2013.09.007>
- Karpman, B. (1948). The myth of the psychopathic personality. *American Journal of Psychiatry*, 104(9), 523–534. <https://doi.org/10.1176/ajp.104.9.523>
- Kingham, M., & Gordon, H. (2004). Aspects of morbid jealousy. *Advances in Psychiatric Treatment*, 10(3), 207–215. <https://doi.org/10.1192/apt.10.3.207>
- Kotov, R., Krueger, R. F., Watson, D., Achenbach, T. M., Althoff, R. R., Bagby, R. M., ... & Eaton, N. R. (2017). The Hierarchical Taxonomy of Psychopathology (HiTOP): a dimensional alternative to traditional nosologies. *Journal of abnormal psychology*, 126(4), 454. <https://doi.org/10.1037/abn0000258>
- Krueger, R. F., Derringer, J., Markon, K. E., Watson, D., & Skodol, A. E. (2012). Initial construction of a maladaptive personality trait model and inventory for DSM-5. *Psychological Medicine*, 42(9), 1879–1890. <https://doi.org/10.1017/S0033291711002674>
- Lee, J. A. (1973). *Colors of love: an exploration of the ways of loving*. Toronto: New Press.
- Lee, J. A. (1977). A Typology of Styles of Loving. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 3(2), 173–182. <https://doi.org/10.1177/014616727700300204>
- Levenson, M. R., Kiehl, K. A., & Fitzpatrick, C. M. (1995). Assessing psychopathic attributes in a noninstitutionalized population. *Journal of Personality and Social*

- Psychology*, 68(1), 151–158. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.68.1.151>
- Lewis, C. S. (1960). *Os Quatros Amores*. (Traduzido por E. Kirschner. (1ª ed.) Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil. Recuperado de <https://goo.gl/kUyVna>
- Lilienfeld, S. O., & Andrews, B. P. (1996). Development and preliminary validation of a self-report measure of psychopathic personality traits in noncriminal population. *Journal of Personality Assessment*, 66(3), 488–524. <https://doi.org/10.1207/s15327752jpa6603>
- Marsh, H. W., Ludtke, O., Muthén, B., Morin, A. J. S., Trautwein, U., & Nagengast, B. (2010). A new look at the Big Five factor structure through exploratory structural equation modeling. *Psychological Assessment*, 22(3), 471–491. <https://doi.org/10.1037/a0019227>
- Martínez-León, N. C., Peña, J. J., Salazar, H., García, A., & Sierra, J. C. (2017). A systematic review of romantic jealousy in relationships. *Terapia Psicológica*, 35(2), 203–212. <https://doi.org/10.4067/s0718-48082017000200203>
- Masuda, M. (2003). Meta-analyses of love scales: Do various love scales measure the same psychological constructs? *Japanese Psychological Research*, 45(1), 25–37. <https://doi.org/10.1111/1468-5884.00030>
- Miranda, E. S. (1987). Satisfação conjugal e aspectos relacionados: a influência da comunicação, da semelhança de atitudes e da percepção interpessoal. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 39(3), 96–107.
- Mosmann, C., Wagner, A., & Féres-Carneiro, T. (2006). Qualidade conjugal: mapeando conceitos. *Paideia*, 16(35), 315–325. <https://doi.org/10.1590/S0103-863X2006000300003>.
- Neto, F. (1993). Love styles and self-representations. *Personality and Individual Differences*, 14(6), 795–803. [https://doi.org/10.1016/0191-8869\(93\)90092-H](https://doi.org/10.1016/0191-8869(93)90092-H)

- Nunes, L. M. (2011). Sobre a psicopatia e a sua avaliação. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 63(2), 39–48. Recuperado de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/arbp/v63n2/05.pdf>
- Paris, J. (2018). Clinical features of borderline personality disorder. *Handbook of Personality Disorders: Theory, Research, and Treatment*, 2, 419. Recuperado de <https://is.gd/36t70g>
- Paulhus, D. L., & Williams, K. M. (2002). The Dark Triad of personality: Narcissism, machiavellianism, and psychopathy. *Journal of Research in Personality*, 36(6), 556–563. doi:10.1016/S0092-6566(02)00505-6
- Primi, R., Fruyt, F. De, Santos, D., Antonoplis, S., & John, O. P. (2019). True or False? Keying Direction and Acquiescence Influence the Validity of Socio-Emotional Skills Items in Predicting High School Achievement. *International Journal of Testing*, 0(0), 1–25. <https://doi.org/10.1080/15305058.2019.1673398>
- Rammstedt, B., & Farmer, R. F. (2013). The impact of acquiescence on the evaluation of personahty structure. *Psychological Assessment*, 25(4), 1137–1145. <https://doi.org/10.1037/a0033323>
- Rammstedt, B., Kemper, C. J., & Borg, I. (2013). Correcting Big Five personality measurements for acquiescence: An 18-country cross-cultural study. *European Journal of Personality*, 81, 71–81. <https://doi.org/10.1002/per>
- Ramos, A. L. M., Yazawa, S. A., & Salazar, A. F. (1994). Desenvolvimento de uma Escala de Ciúme Romântico. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 10, 439-451.
- Regan, P. C. (2002). General Theories of Love. Em P. C. Regan. *The Mating Game: A Primer on Love, Sex, and Marriage* (1a ed, pp. 119–136). California. <https://doi.org/10.4135/9781452274812.n7>
- Ribeiro, M., Pinho, V. D., & Falcone, E. M. O. (2011). A influência da raiva e da empatia

- sobre a satisfação conjugal. *Aletheia*, 35–36, 7–21. Recuperado de <http://www.redalyc.org/pdf/1150/115025560002.pdf>
- Richardson, D. R., Medvin, N., & Hammock, G. (1988). Love styles, relationship experience, and sensation seeking: A test of validity. *Personality and Individual Differences*, 9(3), 645–651. [https://doi.org/10.1016/0191-8869\(88\)90161-4](https://doi.org/10.1016/0191-8869(88)90161-4)
- Rizzon, A. L. C., Mosmann, C. P., & Wagner, A. (2013). A qualidade conjugal e os elementos do amor: Um estudo correlacional. *Contextos clínicos*, 6(1), 41-49. <http://dx.doi.org/10.4013/ctc.2013.61.05>
- Salekin, R. T., Chen, D. R., Sellbom, M., Lester, W. S., & Macdougall, E. (2014). Examining the factor structure and convergent and discriminant validity of the Levenson Self-Report Psychopathy Scale : Is the two-factor model the best fitting model? *Personality Disorders: Theory, Research, and Treatment*, 5(3), 289–304. <https://doi.org/10.1037/per0000073>
- Sardinha, A., Falcone, E. M. O., & Ferreira, M. C. (2009). As relações entre a satisfação conjugal e as habilidades sociais percebidas no cônjuge. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 25(3), 329-336. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722009000300013>
- Scorsolini-Comin, F., & Santos, M. A. (2009). Casar e ser feliz: mapeando a mensuração da satisfação conjugal. *Psico*, 40(4), 430–437. Recuperado de <http://revistaseletronicas.pucrs.br/revistapsico/ojs/index.php/revistapsico/article/view/4512/4928>
- Scorsolini-Comin, F., & Santos, M. A. (2010). Satisfação conjugal: revisão integrativa da literatura científica nacional. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 26(3), 525–531. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722010000300015>.

- Schmitt, D. P. (2005). Sociosexuality from Argentina to Zimbabwe: A 48-nation study of sex, culture, and strategies of human mating. *Behavioral and Brain Sciences*, *28*, 247–275. <https://doi.org/10.1017/S0140525X05000051>
- Schmitt, D. P., Allik, J., McCrae, R. R., & Benet-Martínez, V. (2007). The geographic distribution of big five personality traits: Patterns and profiles of human self-description across 56 nations. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, *38*, 173–212. <https://doi.org/10.1177/0022022106297299>
- Sellbom, M. (2011). Elaborating on the construct validity of the Levenson Self-Report Psychopathy Scale in incarcerated and non-incarcerated samples. *Law and Human Behavior*, *35*, 440–451. <https://doi.org/10.1007/s10979-010-9249-x>
- Shiramizu, V. K. M., & Lopes, F. A. (2013). A perspectiva evolucionista sobre relações românticas. *Psicologia USP*, *24*(1), 55–76. <https://doi.org/10.1590/S0103-65642013000100004>
- Shou, Y., Sellbom, M., & Han, J. (2016). Evaluating the construct validity of the Levenson Self-Report Psychopathy Scale in China. *Assessment*, 1–16. <https://doi.org/10.1177/1073191116637421>
- Skeem, J. L., Polaschek, D. L. L., Patrick, C. J., & Lilienfeld, S. O. (2011). Psychopathic personality: Bridging the gap between scientific evidence and public policy. *Psychological Science in the Public Interest*, *12*(3), 95–162. <https://doi.org/10.1177/1529100611426706>
- Somma, A., Fossati, A., Patrick, C., & Maffei, C. (2014). The three-factor structure of the Levenson Self-Report Psychopathy Scale : Fool's gold or true gold ? A study in a sample of Italian adult non-clinical participants. *Personality and Mental Health*, *8*, 337–347. <https://doi.org/10.1002/pmh>

- Sophia, E. C., Tavares, H., & Zilberman, M. L. (2007). Amor patológico: um novo transtorno psiquiátrico? *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 29(1), 55–62. <https://doi.org/10.1590/S1516-44462006005000003>
- Sternberg, R. J. (1986). A triangular theory of love. *Psychological Review*, 93(2), 119–135. <https://doi.org/10.1037/0033-295X.93.2.119>
- Stravogiannis, A. L. da C., Kim, H. S., Sophia, E. C., Sanches, C., Zilberman, M. L., & Tavares, H. (2018). Pathological jealousy and pathological love: Apples to apples or apples to oranges? *Psychiatry Research*, 259(April 2017), 562–570. <https://doi.org/10.1016/j.psychres.2017.11.029>
- Vedes, A., Hilpert, P., Nussbeck, F. W., Randall, A. K., Bodenmann, G., & Lind, W. R. (2016). Love styles, coping, and relationship satisfaction: A dyadic approach. *Personal Relationships*, 23(1), 84–97. <https://doi.org/10.1111/per.12112>
- Villa, M. B., & Del Prette, Z. A. P. (2013). Marital satisfaction: The role of social skills of husbands and wives. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, 23(56), 379–388. <https://doi.org/10.1590/1982-43272356201312>
- Wai, M., & Tiliopoulos, N. (2012). The affective and cognitive empathic nature of the Dark Triad of personality. *Personality and Individual Differences*, 52(7), 794–799. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2012.01.008>
- Walters, G. D., Brinkley, C. A., Magaletta, P. R., & Diamond, P. M. (2008). Taxometric analysis of the Levenson Self-Report Psychopathy Scale. *Journal of Personality Assessment*, 90(5), 491–498. <https://doi.org/10.1080/00223890802248828>
- Wang, Z., & Zhao, S. (2017). Moderating effects of gender on relationship between love relationship satisfaction and empathy in college students. *Western Pacific Region Index Medicus*, 31(7), 573–576.

- Weiss, S. P., & Palos, P. A. (1988). Desarrollo y validación de la Escala de Satisfacción Marital. *Psiquiatria, 1*, 9-20.
- White, J. K., Hendrick, S. S., & Hendrick, C. (2004). Big five personality variables and relationship constructs. *Personality and Individual Differences, 37*(7), 1519–1530. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2004.02.019>
- Winter, D. G., & Barenbaum, N. B. (1999). History of modern personality theory and research. Em L. A. Pervin & O. P. John (Eds.). *Handbook of personality: Theory and research*. (2ªed, pp. 3-30). New Your: Guilford Press. Recuperado de goo.gl/1n69mD
- Wright, A. J., Pade, H., Gottfried, E. D., Arbisi, P. A., McCord, D. M., & Wygant, D. B. (2022). Evidence-based clinical psychological assessment (EBCPA): Review of current state of the literature and best practices. *Professional Psychology: Research and Practice*. <https://doi.org/10.1037/pro0000447>
- Wright, A. G. C., Pincus, A. L., & Lenzenweger, M. F. (2010). Modeling stability and change in borderline personality disorder symptoms using the revised Interpersonal Adjective Scale - Big Five (IASR-B5). *Journal of Personality Assessment, 92*(6), 501–513. <https://doi.org/10.1080/00223891.2010.513288>. Modeling
- Zadeh, S. S., & Bozorgi, Z. D. (2016). Relationship between the love styles, personality traits, and the marital life of married students. *International Journal of Humanities and Cultural Studies, 4*(2016), 746–756. Recuperado de <https://pdfs.semanticscholar.org/9f26/806914da66a312c0ccd27aa4a433075ed3d6.pdf>
- Zandbergen, D. L., & Brown, S. G. (2015). Culture and gender differences in romantic jealousy. *Personality and Individual Differences, 72*, 122–127. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2014.08.035>
- Zanon, C., Lessa, J. P. A., & Dellazzana-Zanon, L. L. (2018). Aquiescência em autorrelatos de personalidade: uma comparação de métodos. *Avaliação*

Psicológica, 17(4), 428-438. <http://dx.doi.org/10.15689/ap.2018.1704.3.03>

Zhang, Q., & Wang, L. (2017). Moderation analysis with missing data in the predictors.

Psychological Methods, 22(4), 649-666. <https://doi.org/10.1037/met0000104>

Anexos

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE – Estudo 1 – Juízes)

Título da pesquisa: Relacionamentos amorosos: controle de aquiescência e relações com personalidade e satisfação conjugal.

Ao aceitar este termo, declaro ter 18 anos ou mais e dou meu consentimento livre e esclarecido para participar como voluntário(a) da pesquisa citada acima, sob a responsabilidade dos pesquisadores Prof. Dr. Nelson Hauck Filho e Samanta Romanin Zuchetto do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia da Universidade São Francisco. Aceitando este Termo de Consentimento, declaro estar ciente que:

1 – O objetivo geral da pesquisa é investigar a dimensionalidade de aspectos saudáveis e patológicos da personalidade e do estilo pessoal de se relacionar romanticamente e o quanto os fatores de aspectos saudáveis e patológicos da personalidade e do estilo pessoal de se relacionar romanticamente explicam a satisfação conjugal e as correlações entre as variáveis estudadas;

2 – Durante a pesquisa, participarei do estudo 1 e serei submetido(a) a responder um protocolo de avaliação para juízes sobre o instrumento de autorrelato (autoaplicável) Escala de Atitudes do Amor – versão reduzida – 24 itens somados aos itens negativos correspondentes, sendo estimado um tempo de 30 minutos para completar o questionário;

3 – Obtive todas as informações necessárias para poder decidir conscientemente sobre a minha participação na referida pesquisa;

4 – A resposta a estes instrumentos não causa riscos conhecidos à minha saúde física e mental, embora seja possível que cause algum desconforto emocional em função da natureza dos itens a serem respondidos;

5 – Estou livre para interromper a qualquer momento minha participação na pesquisa, o que não me causará nenhum prejuízo;

6 – Meus dados pessoais serão mantidos em sigilo e os resultados gerais obtidos na pesquisa serão utilizados apenas para alcançar os objetivos do trabalho, expostos acima, incluída sua publicação na literatura científica especializada;

7 – Poderei contatar o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade São Francisco, localizado no endereço: São Francisco de Assis, 218 – Jardim São José, CEP: 12916-900 – Bragança Paulista-SP, para apresentar recursos ou reclamações em relação à pesquisa pelo telefone: (11) 2454-8981, horário de funcionamento das 08:00 as 16:00;

8 – Poderei entrar em contato com os responsáveis pelo estudo, Prof. Dr. Nelson Hauck Filho, sempre que julgar necessário pelo e-mail hauck.nf@gmail.com e/ou Samanta Romanin Zuchetto pelo e-mail samantazuchetto@gmail.com;

Declaro ter 18 anos ou mais de idade e desejo participar da pesquisa.

Não tenho 18 anos ou mais de idade ou não desejo participar da pesquisa.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE; Estudo 1)

Título da pesquisa: Relacionamentos amorosos: controle de aquiescência e relações com personalidade e satisfação conjugal.

Ao aceitar este termo, declaro ter 18 anos ou mais e dou meu consentimento livre e esclarecido para participar como voluntário(a) da pesquisa citada acima, sob a responsabilidade dos pesquisadores Prof. Dr. Nelson Hauck Filho e Samanta Romanin Zuchetto do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia da Universidade São Francisco. Aceitando este Termo de Consentimento, declaro estar ciente que:

1 – O objetivo geral da pesquisa é investigar a dimensionalidade de aspectos saudáveis e patológicos da personalidade e do estilo pessoal de se relacionar romanticamente e o quanto os fatores de aspectos saudáveis e patológicos da personalidade e do estilo pessoal de se relacionar romanticamente explicam a satisfação conjugal e as correlações entre as variáveis estudadas;

2 – Durante a pesquisa, participarei do estudo 1 e serei submetido(a) a responder o instrumento de autorrelato (autoaplicável) Escala Balanceada de Estilos de Amor – 48 itens – e um questionário sociodemográfico, sendo estimado um tempo de 15 minutos para completar o questionário;

3 – Obtive todas as informações necessárias para poder decidir conscientemente sobre a minha participação na referida pesquisa;

4 – A resposta a estes instrumentos não causa riscos conhecidos à minha saúde física e mental, embora seja possível que cause algum desconforto emocional em função da natureza dos itens a serem respondidos;

5 – Estou livre para interromper a qualquer momento minha participação na pesquisa, o que não me causará nenhum prejuízo;

6 – Meus dados pessoais serão mantidos em sigilo e os resultados gerais obtidos na pesquisa serão utilizados apenas para alcançar os objetivos do trabalho, expostos acima, incluída sua publicação na literatura científica especializada;

7 – Poderei contatar o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade São Francisco, localizado no endereço: São Francisco de Assis, 218 – Jardim São José, CEP: 12916-900 – Bragança Paulista-SP, para apresentar recursos ou reclamações em relação à pesquisa pelo telefone: (11) 2454-8981, horário de funcionamento das 08:00 as 16:00;

8 – Poderei entrar em contato com os responsáveis pelo estudo, Prof. Dr. Nelson Hauck Filho, sempre que julgar necessário pelo e-mail hauck.nf@gmail.com e/ou Samanta Romanin Zuchetto pelo e-mail samantazuchetto@gmail.com;

Declaro ter 18 anos ou mais de idade e desejo participar da pesquisa.

Não tenho 18 anos ou mais de idade ou não desejo participar da pesquisa.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE – Estudo 3)

Título da pesquisa: Relacionamentos amorosos: controle de aquiescência e relações com personalidade e satisfação conjugal.

Ao aceitar este termo, declaro ter 18 anos ou mais e dou meu consentimento livre e esclarecido para participar como voluntário(a) da pesquisa citada acima, sob a responsabilidade dos pesquisadores Prof. Dr. Nelson Hauck Filho e Samanta Romanin Zuchetto do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia da Universidade São Francisco. Aceitando este Termo de Consentimento, declaro estar ciente que:

1 – O objetivo geral da pesquisa é investigar a dimensionalidade de aspectos saudáveis e patológicos da personalidade e do estilo pessoal de se relacionar romanticamente e o quanto os fatores de aspectos saudáveis e patológicos da personalidade e do estilo pessoal de se relacionar romanticamente explicam a satisfação conjugal e as correlações entre as variáveis estudadas;

2 – Durante o estudo serei submetido(a) a responder um conjunto de instrumentos de autorrelato (autoaplicáveis), composto por: questionário sociodemográfico, Escala Balanceada de Estilos de Amor – 48 itens, Escala de Ciúme Romântico – versão reduzida – 26 itens, Escala Levenson (para avaliar traços de psicopatia) – 12 itens, Inventário Dimensional Clínico da Personalidade – 2 (para avaliar traços da personalidade borderline) e Escala de Satisfação Conjugal – 24 itens, sendo estimado um tempo de 40 minutos para completar o questionário;

3 – Obtive todas as informações necessárias para poder decidir conscientemente sobre a minha participação na referida pesquisa;

4 – A resposta a estes instrumentos não causa riscos conhecidos à minha saúde física e mental, embora seja possível que cause algum desconforto emocional em função da natureza dos itens a serem respondidos;

5 – Estou livre para interromper a qualquer momento minha participação na pesquisa, o que não me causará nenhum prejuízo;

6 – Meus dados pessoais serão mantidos em sigilo e os resultados gerais obtidos na pesquisa serão utilizados apenas para alcançar os objetivos do trabalho, expostos acima, incluída sua publicação na literatura científica especializada;

7 – Poderei contatar o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade São Francisco, localizado no endereço: São Francisco de Assis, 218 – Jardim São José, CEP: 12916-900 – Bragança Paulista-SP, para apresentar recursos ou reclamações em relação à pesquisa pelo telefone: (11) 2454-8981, horário de funcionamento das 08:00 as 16:00;

8 – Poderei entrar em contato com os responsáveis pelo estudo, Prof. Dr. Nelson Hauck Filho, sempre que julgar necessário pelo e-mail hauck.nf@gmail.com e/ou Samanta Romanin Zuchetto pelo e-mail samantazuchetto@gmail.com;

Declaro ter 18 anos ou mais de idade e desejo participar da pesquisa.

Não tenho 18 anos ou mais de idade ou não desejo participar da pesquisa.

Questionário sociodemográfico

Iniciais do nome: _____ Idade: _____ Cidade: _____ Estado: _____

Você se considera homem, mulher ou não-binário?

() Homem () Mulher () Não-binário* () Prefiro não informar

*Sua identidade ou expressão de gênero não está limitada às definições de masculino ou feminino ou é totalmente diferente dos dois polos.

Qual sua orientação sexual? () Heterossexual () Homossexual () Bissexual
() Assexual () Prefiro não informar

Você considera que está em um relacionamento afetivo/romântico atualmente?

() Sim () Não () Prefiro não informar

Há quantos meses está nessa relação? Se você não está, quantos meses durou o seu último relacionamento?

Renda familiar mensal		Etnia		Relacionamento	
Menor que 1 salário mínimo	O	Branco	O	Solteiro(a)	O
De 1 a 5 salários mínimos	O	Negro	O	Namorando(a)	O
Maior que 5 a 10 salários mínimos	O	Pardo	O	Casado(a) ou união estável	O
Maior que 10 a 15 salários mínimos	O	Amarelo	O	Separado(a)	O
Acima de 15 salários mínimos	O	Indígena	O	Viúvo(a)	O

Você usou...	Alguma vez na vida?		No último mês?		Se você usa bebidas alcoólicas...		
	Não	Sim	Não	Sim	Não	Sim	
Bebidas alcoólicas	O	O	O	O	Você já pensou em largar a bebida	O	O
Tabaco (cigarro, narguilé etc.)	O	O	O	O	Já ficou aborrecido(a) quando outras pessoas criticaram o seu jeito de beber?	O	O
Maconha	O	O	O	O	Já se sentiu mal ou culpado(a) pelo fato de beber?	O	O
Cocaína, crack ou oxy	O	O	O	O	Já bebeu pela manhã para ficar mais calmo(a) ou se livrar de alguma ressaca?	O	O
Ecstasy ou anfetaminas	O	O	O	O			
LSD	O	O	O	O			

Religião: () Católica
() Evangélica
() Espírita
() Umbanda/Candomblé
() Sem Religião
() Outra, qual? _____

Você fez ou faz tratamento psiquiátrico? () Sim () Não
 Você fez ou faz tratamento psicológico? () Sim () Não
 Você faz uso de medicamentos psiquiátricos? () Sim () Não
 Você possui algum diagnóstico psiquiátrico? () Sim () Não
 Se sim, qual? _____

Escala de Atitudes do Amor – versão reduzida (EAA-r; Berti et al., 2011)

A seguir estão listadas várias afirmações que mostram diferentes atitudes sobre o amor. Para cada afirmação, preencha com sua resposta que indica o quanto você concorda com aquela afirmação ou discorda dela. Os itens referem-se a um relacionamento amoroso específico. Sempre que possível, responda às questões tendo o seu(sua) parceiro(a) atual em mente. Se você não tiver um(a) parceiro(a) no momento, responda à questão tendo em mente seu(sua) parceiro(a) mais recente. Se você nunca se apaixonou por alguém, responda como você acha que seriam as suas respostas.

Para cada afirmação, responda:

- 1 = Não tem nada a ver comigo.
- 2 = Tem um pouco a ver comigo.
- 3 = Não sei se tem a ver comigo.
- 4 = Tem a ver comigo.
- 5 = Tem muito a ver comigo.

1	Meu(minha) parceiro(a) e eu temos a “química” certa entre nós.	
2	Eu sinto que meu(minha) parceiro(a) e eu fomos feitos um para o outro.	
3	Meu(minha) parceiro(a) e eu nos entendemos muito bem.	
4	Meu(minha) parceiro(a) se encaixa nos meus padrões ideais de beleza física.	
5	Eu acredito que aquilo que o meu(minha) parceiro(a) não sabe sobre mim não vai machucá-lo(a).	
6	Algumas vezes, eu tive que evitar que o meu(minha) parceiro(a) descobrisse sobre outros(as) parceiros(as).	
7	Meu(minha) parceiro(a) ficaria triste se soubesse de algumas das coisas que eu fiz com outros(as) parceiros(as).	
8	Eu gosto do “jogo da sedução” tanto com meu(minha) parceiro(a) quanto com outros(as).	
9	Nosso amor é do melhor tipo, pois surgiu de uma longa amizade.	
10	Com o tempo nossa amizade se transformou gradualmente em amor.	
11	Nosso amor é de fato uma profunda amizade, não uma emoção misteriosa e mística.	
12	Nosso relacionamento é o mais satisfatório, pois se desenvolveu a partir de uma boa amizade.	
13	O que mais pesou na escolha do meu(minha) parceiro(a) foi como ele(a) seria visto(a) pela minha família.	
14	Um fator importante na escolha do meu(minha) parceiro(a) foi se ele(a) seria ou não um bom pai ou uma boa mãe.	
15	Um fator considerado na escolha do meu(minha) parceiro(a) foi como ele(a) interferiria na minha carreira.	
16	Antes de me envolver muito com meu(minha) parceiro(a), eu tentei perceber se seus traços hereditários seriam compatíveis com os meus, em caso de termos um filho.	
17	Quando meu(minha) parceiro(a) não presta atenção em mim, eu fico muito mal.	
18	Desde que eu me apaixonei pelo meu(minha) parceiro(a), eu tenho tido problemas para me concentrar em outras coisas.	
19	Eu não consigo relaxar se eu suspeitar que meu(minha) parceiro(a) está com outra pessoa.	
20	Se meu(minha) parceiro(a) me ignora por algum tempo, eu às vezes faço coisas estúpidas para atrair novamente sua atenção.	
21	Eu prefiro sofrer eu mesma(o) a deixar meu(minha) parceiro(a) sofrer.	
22	Eu não consigo ficar feliz a menos que eu coloque a felicidade do meu(minha) parceiro(a) antes da minha própria.	
23	Eu geralmente me disponho a sacrificar meus próprios desejos em função dos desejos do meu(minha) parceiro(a).	
24	Eu aguentaria passar por qualquer coisa pelo bem do meu(minha) parceiro(a).	

Protocolo de avaliação para juízes

Nome:

Endereço Currículo Lattes:

Formação acadêmica:

Possui experiência/conhecimento na área da Avaliação Psicológica, com construção de instrumentos psicométricos para avaliação de traços de personalidade e controle de vieses de resposta.:

() Não () Sim – Se sim, quanto tempo:

Atua na clínica:

() Não () Sim – Se sim, quanto tempo:

Por favor, preencha a tabela abaixo para avaliar a relevância/representatividade de cada item e se os itens positivos e negativos possuem o mesmo conteúdo descritivo, mas em polos opostos. Caso você considere que algum item deva ser alterado para melhor descrever o comportamento avaliado, por favor, preencha sua sugestão de como deveria ser escrito.

Estilos de Amor	Definição	Itens positivos	Itens negativos	Relevância/representatividade do item (1= Não relevante ou não representativo; 2= Item necessita de grande revisão para ser representativo; 3= Item necessita de pequena revisão para ser representativo; 4= Item relevante ou representativo)	Os itens possuem o mesmo conteúdo descritivo, mas estão em polos opostos?	Sugestões
Eros	É compreendido como uma intensa experiência emocional, em que há uma imediata atração em relação à pessoa amada e uma propensão a se apaixonar por um estranho, podendo ser comparado ao	1a. Meu(minha) parceiro(a) e eu temos a “química” certa entre nós. 2a. Sinto que meu(minha) parceiro(a) e eu fomos feitos um para o outro. 3a. Meu(minha) parceiro(a) e eu nos entendemos muito bem.	1b. Existe pouca "química" no meu relacionamento. 2b. Sinto que eu e meu(minha) parceiro(a) temos pouca sintonia. 3b. Meu(minha) parceiro(a) e eu costumamos nos desentender.			

	que popularmente chama-se de “amor à primeira vista”.	4a. Meu(minha) parceiro(a) se encaixa nos meus padrões ideais de beleza física.	4b. É irrelevante se meu(minha) parceiro(a) está nos meus padrões ideais de beleza física.
		(Item novo) Já me paixonei à primeira vista.	É impossível me apaixonar em um primeiro encontro.
		(Item novo) Valorizo mais a beleza física que o amor.	Para mim existem coisas mais importantes que a beleza física.
		5a. Acredito que aquilo que o meu(minha) parceiro(a) não sabe sobre mim não vai machucá-lo(a).	5b. Tenho pouco a esconder do meu parceiro.
		6a. Algumas vezes, tive que evitar que o meu(minha) parceiro(a) descobrisse sobre outros(as) parceiros(as).	6b. Costumo ter um relacionamento com apenas uma pessoa.
Ludus	Consiste em uma tendência a enxergar as relações como um jogo em que diversos parceiros podem participar ao mesmo tempo, sem intenção de se envolver ou incluir o outro em um plano de vida.	7a. Meu(minha) parceiro(a) ficaria triste se soubesse de algumas das coisas que eu fiz com outras pessoas.	7b. Meu parceiro ficaria tranquilo se descobrisse o que fiz com outras pessoas.
		8a. Eu gosto do “jogo da sedução” tanto com meu(minha) parceiro(a) quanto com outros(as).	8b. No meu relacionamento, costumo preferir sinceridade em vez de “jogos”.
		(Item novo) Evito incluir meu parceiro em planos a longo prazo.	Apenas me envolvo com alguém se for pensando em ter um relacionamento longo.
		(Item novo) Tenho segredos que podem magoar meu(minha) parceiro(a).	
		(Item novo) Minhas atitudes podem magoar meu(minha) parceiro(a).	

		(Item novo) Mesmo estando comprometido(a) acabo paraquerando desconhecidos.	Evito paquerar se estou em um relacionamento.			
Storge	É caracterizado pela estabilidade, confiança, respeito e amizade, sem muito interesse no aspecto sexual.	9a. Nosso amor é do melhor tipo, pois surgiu de uma longa amizade.	9b. É difícil me relacionar de modo romântico com alguém com quem tenho uma longa amizade.	-	-	-
		10a. Com o tempo nossa amizade se transformou gradualmente em amor.	10b. Nem o tempo pode transformar uma amizade em romance.			
		(Item novo) Costumo me apaixonar por alguém com quem tenho uma longa amizade.	O amor e amizade são coisas diferentes para mim.			
		11a. Nosso amor é de fato uma profunda amizade, não uma emoção misteriosa e mística.	11b. Nosso amor é um sentimento misterioso, diferente de uma amizade.			
		12a. Nosso relacionamento é o mais satisfatório, pois se desenvolveu a partir de uma boa amizade.	12b. Meu relacionamento funciona porque não tinha uma longa amizade anterior com meu(minha) parceiro(a).			
		(Item novo) Valorizo mais a parceria e o respeito que o sexo no meu relacionamento.	O sexo é a parte mais importante do meu relacionamento.			
Pragma	Representa a visão prática do amor e a procura por um parceiro que seja mais compatível com requisitos pré-determinados.	13a. O que mais pesou na escolha do meu(minha) parceiro(a) foi como ele(a) seria visto(a) pela minha família.	13b. Para escolher um(a) parceiro(a) pouco importa o que minha família pensaria sobre ele.			
		14a. Um fator importante na escolha do meu(minha) parceiro(a) foi se ele(a) seria ou não um bom pai ou uma boa mãe.	14b. É irrelevante se meu(minha) parceiro(a) seria um bom pai ou uma boa mãe.			

15a. Um fator considerado na escolha do meu(minha) parceiro(a) foi como ele(a) interferiria na minha carreira.

15b. Na escolha de um(a) parceiro(a) é indiferente se ele(a) irá interferir na minha carreira.

16a. Antes de me envolver muito com meu(minha) parceiro(a), eu tentei perceber se seus traços hereditários seriam compatíveis com os meus, em caso de termos um filho.

16b. Nos meus relacionamentos pouco importam os traços hereditários da pessoa, caso tenhamos filhos.

(Item novo) Presto atenção na genética do meu parceiro.

A genética do meu parceiro é pouco importante para mim.

17a. Quando meu(minha) parceiro(a) não presta atenção em mim, eu fico muito mal.

17b. Tudo bem se meu(minha) parceiro(a) for um pouco distraído em relação a mim.

18a. Desde que eu me apaixonei pelo meu(minha) parceiro(a), eu tenho tido problemas para me concentrar em outras coisas.

18b. Quando estou apaixonado(a) minha concentração em outras coisas continua igual.

19a. Eu não consigo relaxar se eu suspeitar que meu(minha) parceiro(a) está com outra pessoa.

19b. Penso pouco na possibilidade do meu(minha) parceiro(a) estar me traindo.

20a. Se meu(minha) parceiro(a) me ignora por algum tempo, eu às vezes faço coisas estúpidas para atrair novamente sua atenção.

20b. Se meu(minha) parceiro(a) me ignora por um tempo, dou espaço a ele(a).

Mania

É caracterizado por um amor ciumento, obsessivo e possessivo, com sentimentos de autodestruição.

Ágape

Representa aspectos de generosidade e desinteresse, implicando uma obrigação de cuidar e amar o outro sem quaisquer expectativas de

21a. Eu prefiro sofrer eu mesma(o) a deixar meu(minha) parceiro(a) sofrer.

21b. Apesar de amar meu(minha) parceiro(a), o meu bem-estar vem em primeiro lugar.

recompensa ou
reciprocidade .

Me como com o sofrimento do meu
parceiro, porém nem sempre poderei
ajudá-lo.

22a. Eu não consigo ficar feliz a
menos que eu coloque a felicidade do
meu(minha)
parceiro(a) antes da minha própria.

22b. A minha felicidade é mais
importante que a do meu parceiro.

Mesmo amando meu(minha)
parceiro(a), coloco minha felicidade
em primeiro lugar.

23a. Eu geralmente me disponho a
sacrificar meus próprios desejos em
função dos
desejos do meu(minha) parceiro(a).

23b. Quando estou em um
relacionamento, meus desejos são
prioridade.

24a. Eu aguentaria passar por
qualquer coisa pelo bem do
meu(minha) parceiro(a).

24b. Mesmo amando meu(minha)
parceiro(a), existem limites para o que
eu conseguiria aguentar.

(Item novo) Me dedico ao meu
parceiro sem esperar nada em troca.

Espero que meu parceiro retribua tudo
que faço por ele.

Escala de Ciúme Romântico – versão reduzida (ECR-r; Gouveia, Silveira, Santos, Souza, & Belo, 2015)

Este questionário contém 17 afirmações. Sua tarefa consiste em indicar para cada uma das situações especiais colocadas abaixo a sua opinião a respeito de sua parceira/seu parceiro. Para responder, escreva o número que melhor representa a sua resposta. Para tanto, você deve dar a cada frase um valor que vai de 1 (um) a 5 (cinco). Os números significam o seguinte:

- 1 = Discordo completamente
- 2 = Discordo
- 3 = Em dúvida
- 4 = Concordo
- 5 = Concordo completamente

Não existem respostas certas ou erradas. Elas serão boas se forem respondidas com sinceridade, isto é, segundo o sentimento que a afirmativa provoca em você. Os itens referem-se a um relacionamento amoroso específico. Sempre que possível, responda às questões tendo o seu(sua) parceiro(a) atual em mente. Se você não tiver um(a) parceiro(a) no momento, responda à questão tendo em mente seu(sua) parceiro(a) mais recente. Se você nunca se apaixonou por alguém, responda como você acha que seriam as suas respostas.

	1	2	3	4	5
05. Fica furioso quando ela/ele conversa com um amigo(a) que acha bonito(a).					
16. Provoca irritação amigos(as) falarem dela/dele com entusiasmo.					
19. Você fica furioso(a) quando ela/ele dança com um amigo(a) seu(sua) em uma festa.					
21. É muito chato encontrar números de telefones de homens(mulheres) na agenda dela/dele.					
22. Causa-lhe incômodo ela/ele se arrumar demais para sair sem você.					
23. Encontrar um isqueiro no bolso dela/dele, sem ela/ele fumar, o deixa indignado(a).					
26. É indecente ela/ele dar olhadas para outros homens(mulheres) em uma festa.					
28. Ela/ele trabalhar em um ambiente com muitos homens(mulheres) lhe incomoda.					
02. Não tem nada de mal ela/ele ir à festa sozinha(o).					
03. É perfeitamente normal ela/ele elogiar um(a) amigo(a) seu(sua).					
08. É natural ela/ele ter muitos amigos(as).					
11. Pouco importa ela/ele receber presentes de um(a) amigo(a).					
12. É perfeitamente normal ela/ele conversar longamente com um(a) amigo(a).					
17. É aceitável ela/ele fazer elogios a outro(a) homem(mulher) na sua frente.					
18. Não tem nada de demais seus amigos(as) frequentarem a casa dela/dele.					
25. É natural ela/ele ouvir músicas na casa de um(a) amigo(a).					
27. É tolerável ela/ele ficar de papo com alguém.					

Escala Levenson de Psicopatia (Levenson Self-Report Psychopathy - LSRP) (Levenson et al., 1995)

A seguir, você encontrará itens que descrevem várias características que as pessoas podem apresentar em maior ou menor magnitude. Use a escala abaixo, e assinale um número para indicar o quanto cada afirmação se aplica a você.

	1	2	3	4
	Totalmente falso			Totalmente verdadeiro
1	A vida é baseada na sobrevivência do mais forte; eu não me importo com os fracassados.			1 2 3 4
2	Para mim, correto é aquilo que me faz "levar a melhor".			1 2 3 4
3	No mundo de hoje, acho justo fazer qualquer coisa para me dar bem.			1 2 3 4
4	Meu principal objetivo na vida é acumular o maior número de bens que eu puder.			1 2 3 4
5	Fazer dinheiro é a minha meta mais importante.			1 2 3 4
6	Eu deixo os outros se preocuparem com valores morais; meu objetivo é apenas vencer.			1 2 3 4
7	As pessoas que são burras o suficiente para serem enganadas geralmente merecem isso.			1 2 3 4
8	Cuidar de mim mesmo é a minha maior prioridade.			1 2 3 4
9	Digo às outras pessoas o que elas querem ouvir para que elas façam o que eu quero.			1 2 3 4
10	Eu ficaria chateado se meu sucesso viesse à custa de outras pessoas.			1 2 3 4
11	Eu geralmente admiro um golpista inteligente.			1 2 3 4
12	Eu tento cuidar para não magoar outras pessoas para atingir minhas metas.			1 2 3 4
13	Eu gosto de me aproveitar dos sentimentos das pessoas.			1 2 3 4
14	Eu me sinto arrependido se falo ou se faço coisas que causam sofrimento a outras pessoas.			1 2 3 4
15	Mesmo se eu estivesse me esforçando para vender alguma coisa, eu não mentiria.			1 2 3 4
16	Trapacear não é correto porque é injusto com as outras pessoas.			1 2 3 4
17	Eu me meto nos mesmos problemas repetidamente.			1 2 3 4
18	Eu me entedio com frequência.			1 2 3 4
19	Eu consigo perseguir um objetivo em longo prazo.			1 2 3 4
20	Eu não planejo nada com muita antecedência.			1 2 3 4
21	Eu rapidamente perco o interesse por tarefas que inicio.			1 2 3 4
22	A maioria dos meus problemas se deve ao fato de que as pessoas não me entendem.			1 2 3 4
23	Antes de fazer qualquer coisa, eu penso com cuidado nas possíveis consequências.			1 2 3 4
24	Eu tenho me envolvido em muitas discussões com outras pessoas.			1 2 3 4
25	Quando eu fico frustrado, eu descarrego minha raiva de alguma forma.			1 2 3 4
26	As pessoas dão valor demais ao amor.			1 2 3 4

Escala de Satisfação Conjugal (ESC – Weiss, & Palos, 1988; Hernandez et al., 2017)

A seguir é apresentada uma lista de acontecimentos que você deverá ler, julgar e marcar um X na resposta de acordo com as seguintes opções: “Eu gostaria que fosse muito diferente”, “Eu gostaria que fosse um pouco diferente” e “Eu gosto de como tem sido”. Não existem respostas certas ou erradas, apenas responda com sinceridade. Os itens referem-se a um relacionamento amoroso específico. Sempre que possível, responda às questões tendo o seu(sua) parceiro(a) atual em mente. Se você não tiver um(a) parceiro(a) no momento, responda à questão tendo em mente seu(sua) parceiro(a) mais recente. Se você nunca se apaixonou por alguém, responda como você acha que seriam as suas respostas.

Acontecimentos	Eu gostaria que fosse muito diferente	Eu gostaria que fosse um pouco diferente	Eu gosto de como tem sido
1. Tempo que minha parceira/meu parceiro dedica ao nosso casamento.			
2. A frequência com que minha parceira/meu parceiro me diz algo bonito.			
3. O quanto minha parceira/meu parceiro me atende.			
4. A frequência com que minha parceira/meu parceiro me abraça.			
5. A atenção que minha parceira/meu parceiro tem para com minha aparência.			
6. A comunicação com minha parceira/meu parceiro.			
7. O comportamento de minha parceira/meu parceiro na frente das outras pessoas.			
8. A forma como me pede para termos relações sexuais.			
9. O tempo que dedica a si mesma(o).			
10. O tempo que dedica a mim.			
11. A forma como se comporta quando está triste.			
12. A forma como se comporta quando está chateada(o).			
13. A forma como se comporta quando está preocupada(o).			
14. A forma como se comporta quando está de mau humor.			
15. A forma como minha parceira/meu parceiro organiza sua vida e suas coisas.			
16. As prioridades que minha parceira/meu parceiro tem na vida.			
17. A forma como passa seu tempo livre.			
18. A reação de minha parceira/meu parceiro quando não quero ter relações sexuais.			
19. A pontualidade de minha parceira/meu parceiro.			
20. O cuidado que minha parceira/meu parceiro tem com sua saúde.			
21. O interesse que minha parceira/meu parceiro tem pelo que faço.			
22. O tempo que passamos juntos.			
23. A forma como minha parceira/meu parceiro procura resolver os problemas.			
24. As regras que minha parceira/meu parceiro faz para que sejam seguidas em casa.			

Escala Balanceada de Estilos de Amor (EBEA – versão final)

A seguir estão listadas várias afirmações que mostram diferentes atitudes sobre o amor. Para cada afirmação, preencha indicando o quanto você concorda com aquela afirmação ou discorda dela. Os itens referem-se a um relacionamento amoroso específico. Sempre que possível, responda às questões tendo o seu(sua) parceiro(a) atual em mente. Se você não tiver um(a) parceiro(a) no momento, responda à questão tendo em mente seu(sua) parceiro(a) mais recente. Se você nunca se apaixonou por alguém, responda em termos de como você acha que seriam as suas respostas.

Para cada afirmação, responda:

- 1= Não tem nada a ver comigo
- 2= Tem um pouco a ver comigo
- 3= Não sei se tem a ver comigo
- 4= Tem a ver comigo
- 5= Tem muito a ver comigo

1	Meu(minha) parceiro(a) e eu temos a "química" certa entre nós.	
2	Sinto que meu(minha) parceiro(a) e eu fomos feitos um para o outro.	
3	Meu(minha) parceiro(a) e eu nos entendemos muito bem.	
4	Existe pouca "química" no meu relacionamento.	
5	Sinto que meu(minha) parceiro(a) e eu temos pouca sintonia.	
6	Meu(minha) parceiro(a) e eu costumamos nos desentender.	
7	O que mais pesou na escolha do meu(minha) parceiro(a) foi como ele(a) seria visto(a) pela minha família.	
8	Um fator considerado na escolha do meu(minha) parceiro(a) foi como ele(a) interferiria na minha carreira.	
9	É muito importante pra mim a genética da pessoa com quem me relaciono.	
10	É irrelevante se meu(minha) parceiro(a) seria um bom pai ou uma boa mãe.	
11	Nos meus relacionamentos pouco importam os traços hereditários da pessoa, caso tenhamos filhos.	
12	Não procuro características específicas para me aproximar de alguém com quem quero me relacionar.	
13	Com o tempo nossa amizade se transformou gradualmente em amor.	
14	Costumo me apaixonar por alguém com quem tenho uma longa amizade.	
15	Nosso amor é de fato uma profunda amizade, não uma emoção misteriosa e mística.	
16	É difícil me relacionar de modo romântico com alguém com quem tenho uma longa amizade.	
17	Para mim nem o tempo pode transformar uma amizade em romance.	
18	Nosso amor é um sentimento misterioso, diferente de uma amizade.	
19	Meu(minha) parceiro(a) ficaria triste se soubesse das coisas que eu fiz com outras pessoas.	
20	Tenho segredos que podem magoar meu(minha) parceiro(a).	
21	Mesmo estando comprometido(a) acabo paquerando pessoas desconhecidas.	
22	Costumo ter um relacionamento com apenas uma pessoa.	
23	No meu relacionamento, costumo preferir sinceridade em vez de "jogos".	
24	Evito paquerar se estou em um relacionamento.	
25	Ver meu(minha) parceiro(a) sofrer é pior do que quando tenho que lidar com o meu sofrimento.	
26	Eu não consigo ficar feliz a menos que eu coloque a felicidade do meu(minha) parceiro(a) antes da minha própria.	
27	Eu aguentaria passar por qualquer coisa pelo bem do meu(minha) parceiro(a).	
28	Apesar de amar meu(minha) parceiro(a), o meu bem-estar vem em primeiro lugar.	
29	Mesmo amando meu(minha) parceiro(a), coloco minha felicidade em primeiro lugar.	
30	Mesmo amando meu(minha) parceiro(a), existem limites para o que eu conseguiria aguentar.	
31	Preciso sentir que meu(minha) parceiro(a) me dá atenção que mereço.	
32	Penso muito na possibilidade do meu(minha) parceiro(a) estar me traindo.	
33	Em uma relação amorosa gosto de saber de todos os passos do(a) meu(minha) parceiro(a).	
34	Tudo bem se meu(minha) parceiro(a) for um pouco distraído em relação a mim.	
35	Quando estou apaixonado(a) minha concentração em outras coisas continua igual.	
36	Penso pouco na possibilidade do meu(minha) parceiro(a) estar me traindo.	

Parecer Consubstanciado do Comitê de Ética



UNIVERSIDADE SÃO
FRANCISCO-SP



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Relacionamentos amorosos: controle de aquiescência e relações com personalidade e satisfação conjugal.

Pesquisador: SAMANTA ROMANIN ZUCHETTO

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 33540820.6.0000.5514

Instituição Proponente: CASA DE NOSSA SENHORA DA PAZ ACAA SOCIAL FRANCISCANA

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 4.099.630

Apresentação do Projeto:

Trata-se de uma pesquisa composta por dois estudos que propõe estudar aspectos psicológicos e traços de personalidade implicados nos relacionamentos amorosos de homens e mulheres. O primeiro vai comparar diferentes modelos fatoriais com e sem controle da aquiescência da Escala de Atitudes do Amor, pois o instrumento ainda

necessita de mais evidências de validade. O segundo irá verificar as correlações entre os estilos de amor, ciúme romântico, satisfação conjugal e traços psicopatológicos de psicopatia e da personalidade borderline, assim como verificar se os traços psicopatológicos e a variável sexo apresentam efeito moderador nas relações entre os estilos de amor e ciúme romântico com a satisfação conjugal.

No primeiro estudo farão parte ao menos 5 profissionais de psicologia que ajudarão na validação do instrumento e no segundo estudo haverá 300 participantes, adultos, que responderão aos instrumentos via internet.

Objetivo da Pesquisa:

O objetivo geral desse trabalho é investigar se traços psicopatológicos de personalidade e a variável sexo moderam as relações entre estilos de amor e ciúme romântico com a satisfação conjugal.

Endereço: Av. São Francisco de Assis, 218, sala 35, prédio central

Bairro: Cidade Universitária **CEP:** 12.916-900

UF: SP **Município:** BRAGANCA PAULISTA

Telefone: (11)2454-8302

E-mail: comiteetica@usf.edu.br



UNIVERSIDADE SÃO
FRANCISCO-SP



Continuação do Parecer: 4.099.630

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Não há riscos conhecidos e não há benefícios diretos aos participantes.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisa apresenta toda a documentação de acordo com a regulamentação de pesquisa com seres humanos.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Foram apresentados os TCLEs pertinentes aos estudos pretendidos.

Recomendações:

Observa-se que o número de participantes do estudo 01 é de no mínimo 5 pessoas. Entretanto, de acordo com a regulamentação do CONEP, é necessário indicar o número máximo de participantes pretendido para cada estudo.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Indicar uma estimativa de máximo de participantes pretendido no estudo 1. Se o estudo contiver menos que o máximo pretendido, isso não fere o disposto na regulamentação. Entretanto, para o CONEP, o número efetivo de participantes não pode ultrapassar o número indicado no projeto.

Considerações Finais a critério do CEP:

APÓS DISCUSSÃO EM REUNIÃO DO DIA 18/06/2020, O COLEGIADO DELIBEROU POR MANTER O PROJETO DE PESQUISA PENDENTE, ATÉ A SUA ADEQUAÇÃO. (PRAZO PARA RESOLUÇÃO DE PENDÊNCIAS 30 DIAS). AO ENCAMINHAR OS DOCUMENTOS RETIFICADOS, INTITULAR OS ARQUIVOS COMO VERSÃO II E ENCAMINHAR UMA CARTA RESPOSTA INDICANDO AS ALTERAÇÕES REALIZADAS E QUAIS DOCUMENTOS.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1572786.pdf	10/06/2020 21:54:43		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.docx	10/06/2020 21:49:56	SAMANTA ROMANIN ZUCHETTO	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_Samanta_10_06_20.docx	10/06/2020 21:46:04	SAMANTA ROMANIN ZUCHETTO	Aceito
Folha de Rosto	folhaDeRosto_projeto_tese_Samanta.	10/06/2020	SAMANTA	Aceito

Endereço: Av. São Francisco de Assis, 218, sala 35, prédio central
 Bairro: Cidade Universitária CEP: 12.918-900
 UF: SP Município: BRAGANCA PAULISTA
 Telefone: (11)2454-8302 E-mail: comiteetica@usf.edu.br



UNIVERSIDADE SÃO
FRANCISCO-SP



Continuação do Parecer: 4.099.630

Folha de Rosto	pdf	21:43:45	ROMANIN ZUCHETTO	Aceito
----------------	-----	----------	---------------------	--------

Situação do Parecer:

Pendente

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

BRAGANCA PAULISTA, 19 de Junho de 2020

Assinado por:
CARLOS EDUARDO PULZ ARAUJO
(Coordenador(a))

Endereço: Av. São Francisco de Assis, 218, sala 35, prédio central
Bairro: Cidade Universitária CEP: 12.916-900
UF: SP Município: BRAGANCA PAULISTA
Telefone: (11)2454-8302 E-mail: comiteetica@usf.edu.br



UNIVERSIDADE SÃO
FRANCISCO-SP



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Relacionamentos amorosos: controle de aquiescência e relações com personalidade e satisfação conjugal.

Pesquisador: SAMANTA ROMANIN ZUCHETTO

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 33540820.6.0000.5514

Instituição Proponente: CASA DE NOSSA SENHORA DA PAZ ACAO SOCIAL FRANCISCANA

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 4.148.498

Apresentação do Projeto:

Esta é uma segunda versão do projeto com resposta a uma pendencia registrada no parecer anterior. Os autores não tinham estabelecido um numero máximo de participantes para o estudo um, tendo apenas identificado o numero minimo de participantes (cinco).

Nesta versão os autores esclarecem que o numero máximo de participantes do estudo um será dez.

Objetivo da Pesquisa:

Conforme parecer anterior.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Conforme parecer anterior.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Conforme parecer anterior.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Conforme parecer anterior.

Recomendações:

A pendencia foi esclarecida, não havendo mais reparos, do ponto de vista ético, a fazer no projeto.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

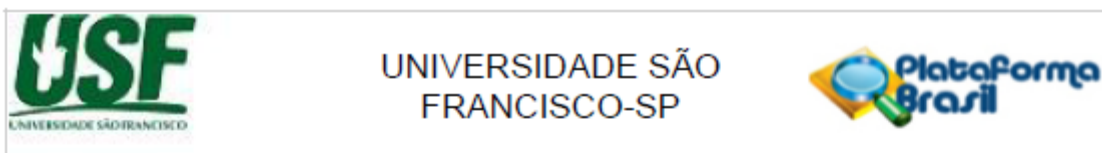
Endereço: Av. São Francisco de Assis, 218, sala 35, prédio central

Bairro: Cidade Universitária **CEP:** 12.916-900

UF: SP **Município:** BRAGANCA PAULISTA

Telefone: (11)2454-8302

E-mail: comiteetica@usf.edu.br



Continuação do Parecer: 4.148.498

Pendência respondida.

Considerações Finais a critério do CEP:

APÓS DISCUSSÃO EM REUNIÃO DO DIA 09/07/2020, O COLEGIADO DELIBEROU PELA APROVAÇÃO DO PROJETO DE PESQUISAS. APÓS A CONCLUSÃO DO PROJETO É OBRIGATÓRIO O ENVIO DO RELATÓRIO FINAL PARA ENCERRAMENTO DO PROJETO.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1572786.pdf	19/06/2020 17:31:29		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_Samanta_19_06_20.docx	19/06/2020 17:27:32	SAMANTA ROMANIN ZUCHETTO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.docx	10/06/2020 21:49:56	SAMANTA ROMANIN ZUCHETTO	Aceito
Folha de Rosto	folhaDeRosto_projeto_tese_Samanta.pdf	10/06/2020 21:43:45	SAMANTA ROMANIN ZUCHETTO	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

BRAGANCA PAULISTA, 10 de Julho de 2020

Assinado por:
CARLOS EDUARDO PULZ ARAUJO
(Coordenador(a))

Endereço: Av. São Francisco de Assis, 218, sala 35, prédio central
Bairro: Cidade Universitária CEP: 12.916-900
UF: SP Município: BRAGANCA PAULISTA
Telefone: (11)2454-8302 E-mail: comiteetica@usf.edu.br